

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

SANDRA BORDINI MAZZOCATO

A Reconfiguração do Sujeito Através de Sua Representação *Online*:
as características e os processos no Facebook

Porto Alegre

2014

SANDRA BORDINI MAZZOCATO

A Reconfiguração do Sujeito Através de Sua Representação *Online*: as características e os processos no Facebook

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Mágda Cunha

Porto Alegre

2014

M477r

Mazzocato, Sandra Bordini.

A reconfiguração do sujeito através de sua representação
Online: as características e os processos no Facebook. /
Sandra Bordini Mazzocato. ó Porto Alegre, 2014.

165 f.; il.

Orientadora: Prof. Dra. Mágda Cunha.

Tese (Doutorado) ó Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Comunicação Social,
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Porto
Alegre, RS, 2014.

1. Comunicação Social. 2. Redes Sociais. 3. Análise de
Conteúdo. I. Cunha, Mágda. II. Título.

CDD 301.243

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Zuleika Berto ó CRB 10/43

SANDRA BORDINI MAZZOCATO

A Reconfiguração do Sujeito Através de Sua Representação *Online*: as características e os processos no Facebook

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: _____ de _____ de _____ .

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Adriana Amaral - Unisinus

Prof. Dr. Eduardo de Campos Pellanda - PUCRS

Prof. Dr. João Batista Oliveira ó Facin/PUCRS

Profa. Dra. Sandra Montardo - Feevale

Profa. Dra. Mágda R. Cunha - PUCRS

Porto Alegre

2014

Agradecimentos

Quero agradecer, em particular, aos incentivadores fundamentais para a execução dessa pesquisa, como a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior), o apoio de minha família; a dedicação e ensinamentos de minha orientadora Mágda Cunha e seu aporte nas escolhas e decisões. Um especial agradecimento aos colegas do UBITEC (Grupo de Ubiquidade Tecnológica) da Faculdade de Comunicação da PUCRS pelos debates que fomentaram algumas perguntas desta pesquisa.

Ao longo desta trajetória muitos foram os amigos que colaboraram com incentivos, conversas e sugestões. Um obrigada especial a Aline de Campos e Heitor Baribieri Cracco Neto. E também aos professores que inspiraram a escolha deste caminho em etapas anteriores.

Resumo

O objetivo desta pesquisa é a investigação dos processos de interação do sujeito com seus contatos através dos conteúdos compartilhados no Facebook, que leva a novas formas de interpretação do contexto social e das identidades dentro do universo da cultura digital. A hipótese é de que neste processo ocorre uma reconfiguração do sujeito nas maneiras de interagir com seus contatos e conteúdos com os quais possui afinidade. Considera-se que há uma recursividade entre os indivíduos em seu meio social e a relação que se estabelece com os dispositivos digitais. A relação do sujeito com a tecnologia se altera, e por consequência o próprio sujeito é alterado. Questiona-se, portanto, como a relação que o sujeito estabelece com seus contatos, e a formação de sua representação *online* agem de forma a reconfigurá-lo?

Busca-se, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica para que se compreenda conceitos da formação da identidade do sujeito no contexto cultural em que ele interage. Neste capítulo, relaciona-se as influências da tecnologia e seus avanços no processo de formação de identidades culturais, sobretudo as tecnologias voltadas para a comunicação. Sabe-se que existe uma relação entre sujeito e sociedade e que este processo influencia a formação de identidade, identificações e afinidades do sujeito.

Posteriormente é abordado, de maneira específica, as formas de presença do sujeito nas redes sociais *online*. Como ocorrem modificações na maneira como ele é interpretado, na medida em que ocorrem atualizações com relação ao compartilhamento de conteúdo. Busca-se um desenvolvimento da compreensão da relação do sujeito com o conteúdo no contexto da rede social.

Nos procedimentos metodológicos, apresenta-se uma descrição do Facebook. O presente objeto de pesquisa são dados coletados referentes à participação na rede de 6 pessoas, no período de uma semana, a fim de melhor interpretar os processos de representação na rede. Posteriormente realizou-se uma entrevista com os mesmos participantes observados, para compreender a própria percepção que eles possuem de seus hábitos em rede.

Posteriormente realiza-se uma análise das respostas, buscando explicar a reconfiguração do sujeito através do seu compartilhamento na *web*.

Palavras-chave: Reconfiguração do Sujeito; Representação online; Compartilhamento de conteúdos no Facebook.

Abstract

The main objective of this research is to investigate the processes of interaction between the subject and his contacts through shared content on Facebook. This brings new ways of interpreting the social context and identities inside the digital culture universe. Is presented a hypothesis that in this process occur a subject's reconfiguration in the ways of interacting with his contacts and contents. That is, in the subject's *online* representation. Is considered that exist a recursion between the individuals and their social environment and the relation that is established with digital devices. The subject's relationship with technology is altered, and by consequence the subject himself is altered. Therefore, is questioned how the relationship between the subject and his contacts, and his *online* representation can reconfigure him.

Initially is presented a bibliographic research to comprehend concepts of identity creation in a social context. In this chapter, communication technology influences and its advances are related with cultural identity creation. There is a relation between the subject and society and that process influences the identity creation, the identifications and affinities.

After that, it is specifically addressed, the presence of the subject in social networking. How the sharing of *online* content can set modifications in the ways he is interpreted. A better understanding of the relationship of the subject and the social network context is developed.

After that a description of the Facebook is presented. The research object is collected data about 6 people for the period of one week, in order to better interpret the processes of the network representation. Subsequently held an interview with the same participants observed, to understand the very perception they have of their networking habits.

Subsequently carried out an analysis of the responses, seeking to explain the reconfiguration of the subject through its web sharing.

Keywords: Subjects reconfiguration; Online representation; Content sharing in Facebook.

Lista de Figuras

Figura 1: Representação gráfica da funcionalidade de adição de contatos em círculos no <i>site</i> de redes sociais Google Plus.....	15
Figura 2 – Exemplo de resultado de busca do Graph Search do Facebook. Fonte - http://theamazingfacebookworld.blogspot.com.br/2013/02/6-reasons-why-facebook-graph-search.html	61
Figura 3 – Seção “sobre” do Facebook onde algumas informações são acrescentadas de forma estática.....	81
Figura 4 – Menu para acesso a informações sobre o sujeito.....	82
Figura 5 – Newsfeed do Facebook.	83
Figura 6 – Timeline do Facebook.....	84
Figura 7 – Opções de audiência para postagem no Facebook.....	86
Figura 8 - Ticker do Facebook.....	87
Figura 9 – Expressão de um sentimento no <i>News Feed</i> do Facebook.....	88
Figura 10 – Imagem compartilhada por sujeito com a frase “Aguento tantas coisas calada, mas por dentro tá um barulho, uma confusão.”.....	90
Figura 11 – No título do link compartilhado o sujeito cria uma <i>tag</i> com o nome de um de seus amigos, chamando-o para a conversa.....	91
Figura 12 – Compartilhamento de fato e opinião no Facebook.....	92
Figura 13 – Compartilhamento de conteúdo afetivo com expressão de opinião e sentimento.....	93
Figura 14 – Atividades relacionadas a aplicativos utilizados pelo sujeito...	94
Figura 15 – Funcionalidade <i>maps</i> do Facebook.....	96
Figura 16 – Usuário que teve a foto “taguada” no Facebook de um amigo.	98

Figura 17 – Página da marca Fiat do Brasil no Facebook. Ao “Curtir” uma página assim, o sujeito se identifica com seu conteúdo, o agregando em suas referências culturais.	100
Figura 18 – Postagem três de Adolfo com cunho prático.	118
Figura 19 – Exemplo das postagens de Bela: imagens por afinidade.	131

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Relação das primeiras nove perguntas enviadas aos sujeitos participantes.	104
Tabela 2 – Relação das quatro perguntas acrescentadas no contato via Skype/telefone.....	104
Tabela 3 – Dados coletados para traçar perfis de cada participante.....	105
Tabela 4 – Relação das postagens do participante Adolfo.....	118
Tabela 5 – Relação das postagens da participante Alice.....	124

Sumário

1. Introdução.....	13
2. Cultura e Sujeito	27
2.1 Cultura, Sociedade e Sujeito	27
2.2 Sociedade, Paixão, Conflito e Consumo	38
2.3 O Sujeito na Cultura e na Sociedade	43
3. Cultura Digital e Identidade do Sujeito	52
3.1 O Sujeito em Rede	68
4. Considerações Metodológicas.....	74
4.1 As Características e os Processos de Representação no Facebook	78
4.1.1 Representação Estática.....	80
4.1.2 Representação Dinâmica.....	82
4.1.3 Os Processos de Representação no Facebook.....	87
4.1.3.1 Pensamentos (Sentimentos) Compartilhados: o sujeito íntimo na rede.....	88
4.1.3.2 Atividades Compartilhadas: o sujeito prático na rede.....	91
4.1.3.3 Locais Compartilhados: o sujeito móvel na rede	95
4.1.3.4 Sujeitos Compartilhados: o sujeito indiretamente na rede.....	97
4.2 O Sujeito Reconfigurado na Rede	98
4.3 Procedimentos Metodológicos	101
5. A Reconfiguração do Sujeito através de seu Compartilhamento <i>Online</i>	105
5.1 Perfis dos Sujeitos Entrevistados	117
5.2 A Reconfiguração do Sujeito como Indivíduo	152
5.3 A Reconfiguração do Sujeito como uma Narrativa Social	156
6. Conclusão.....	159

1. Introdução

A partir da segunda metade do século XX, uma série de acontecimentos econômicos, sociais, tecnológicos e culturais ocorreram, culminando na constituição de uma rede mundial de computadores e de uma cultura a ela relacionada. Pelo lado tecnológico e econômico houve o desenvolvimento da microinformática que ó através de pesquisas financiadas por universidades e empresas ó possibilitou a fabricação de computadores em menor tamanho e maior capacidade de processamento.

Na década de 1940, as máquinas até então criadas ocupavam a área de um ginásio de futebol ó como o ENIAC¹ que tinha uma capacidade de cinco mil operações por segundo ó entretanto, com o passar dos anos, foram diminuindo de tamanho e tornando-se mais eficazes. Atualmente os conhecidos *smartphones* são computadores pessoais móveis que cabem na palma da mão e operam a uma velocidade muito superior a do ENIAC.

O desenvolvimento funcional dos computadores e de todo o aparato tecnológico a eles relacionado, permite traçar uma linha evolutiva diante da qual é imperioso enfatizar as transições sociais e culturais intimamente ligadas tanto com processos tecnológicos, bem como econômicos. Trata-se de uma relação recursiva, em que um lado desencadeia o outro alternadamente, em um processo no qual os enfoques tornam-se cada vez mais entrelaçados, potencializando-se mutuamente.

Os primeiros computadores postos em rede pela ARPANET incentivaram a noção de que estes são uma boa ferramenta para comunicação à distância. A partir deste ponto, o sonho de uma rede de compartilhamento de dados com participantes do mundo todo, por sua vez, foi um dos fatores que inspirou a criação de uma interface gráfica que tornasse os códigos binários utilizáveis por pessoas que não os dominassem. A potencialização mútua de processos como estes foi se tornando cada vez mais enveredada e formando uma cultura digital que cresce exponencialmente por além dos dias atuais.

Atualmente, o quadro econômico e tecnológico passa por um período de hipertrofia de mercado, como na produção e experimentação de novos hardwares, que complementam necessidades culturais, como telas sensíveis ao toque que tornam possível a interface *touchscreen*. Há também a proliferação acelerada de modelos de negócios em empresas do

¹ O ENIAC (Eletronic Numerical Integrator and Computer) foi o primeiro computador digital eletrônico de grande escala. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/ENIAC>

tipo *Startup*² de *sites* e aplicativos voltados para a internet ou plataformas móveis específicas como Android³ ou IOS⁴. Esses serviços são plataformas que disponibilizam a criação de uma conta de usuário, a formação de uma rede de contatos e a troca de diferentes tipos de arquivos e mensagens.

A referida evolução tecnológica foi possível porque, com o passar dos anos, a velocidade de conexão aumentou, inclusive de conexões do tipo 3G ou 4G destinadas a aparelhos portáteis, por sinal, outra evolução tecnológica. Eis, portanto, a relação recursiva citada, em que um lado desencadeia o outro alternadamente, potencializando-se mutuamente. E, por fim, o custo de computadores, aparelhos de *smartphone* ou *tablets* que tornaram-se mais acessíveis às classes menos favorecidas, ampliando o mercado para esse tipo de negócio, em países desenvolvidos, como Estados Unidos e Canadá, além de outros componentes da União Européia, mas também em países chamados em desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

O mercado em crescimento desencadeia ações de pesquisa e desenvolvimento voltadas a interfaces gráficas que proporcionam uma experiência eficaz e agradável aos usuários. Essas pesquisas buscam sempre aprimorar a performance dos softwares de maneira a atrair mais participantes para seus *sites* ou aplicativos, principalmente naqueles voltados para formação de redes sociais com funcionalidades que permitem adicionar contatos e trocar mensagens ou arquivos com a rede estabelecida.

Muitos dos *sites* com as referidas características e, sem dúvida, os mais bem sucedidos, seguem um modelo de negócios em que o lucro é obtido através de publicidade inserida no espaço de visualização de mensagens do usuário. Normalmente esses anúncios publicitários são de assuntos relacionados às mensagens trocadas pelo próprio sujeito, recurso possibilitado por ferramentas de *web* semântica. Em outros casos, o lucro é obtido através de parcerias com ações de marketing digital em que empresas se utilizam das plataformas para engajar sua marca com o público alvo. Logo, para que o modelo desse tipo de negócio seja bem-sucedido, necessita-se atrair o maior número possível de participantes aos *sites* e que estes mesmos participantes não somente criem uma conta de perfil, mas que efetivamente colaborem com a formação da rede social adicionando contatos, compartilhando informações como dados pessoais, gostos, hábitos e afinidades.

² Empresas recentes em desenvolvimento. Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Startup_company

³ Sistema operacional para dispositivos móveis da Google.

⁴ Sistema operacional para dispositivos móveis da Apple.

No processo de atração de novos usuários, são evidentes os esforços para aprimorar e reformular as funcionalidades já existentes, além da criação de outras novas como maneiras inovadoras de visualização e interação com a informação compartilhada. Novas linguagens de programação surgem para compreender essa demanda, como jQuery e Ajax⁵ que possibilitam geração de animações que ocorrem como resposta ao clique do usuário, mostrando de forma visualmente agradável a modificação que foi feita na plataforma. Essas linguagens são do tipo *user side*, ou seja, linguagens que auxiliam na criação de visualização de informação atraente para o usuário.

Os modelos de negócios dos sistemas de redes sociais estão intimamente ligados com o acúmulo de dados relevantes de seus usuários, de maneira que um ponto chave para o negócio dar certo é o tratamento oferecido à visualização desses dados. Nesse contexto, o Google Plus⁶, *site* de redes sociais lançado pelo Google em junho de 2011, apresenta avanços notáveis que combinam a observação das demandas da rede com recursos técnicos de ponta para a *web*. Vale citar a ferramenta de configuração da rede de contatos, chamada de círculos, em que é possível adicionar seus conhecidos em grupos específicos. Nela, o usuário pode clicar no amigo desejado e arrastar seu nome até o círculo de destino que o incluirá automaticamente.

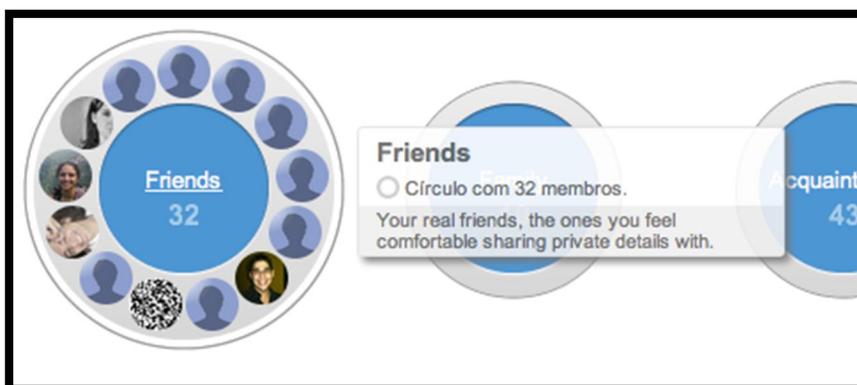


Figura 1: Representação gráfica da funcionalidade de adição de contatos em círculos no *site* de redes sociais Google Plus.

Assim, é importante criar plataformas que observem padrões eficientes de *design* de interação e navegação e normas de usabilidade, de forma a atrair um número de usuários que torne viável o modelo de negócios sustentado por anúncios de publicidade e *marketing* digital. Mas afinal, que usuário é este cuja presença é tão importante em sistemas de redes sociais?

⁵ Bibliotecas de scripts baseadas na linguagem JavaScript

⁶ <http://plus.google.com/>

Aponta-se para a importância de que a simples ação de *usar* uma plataforma na *web* possui para a constituição de novos modelos de mercado, apontamentos de tendências tecnológicas e alterações no quadro sociocultural de todos aqueles que entram em contato com essas inovações tecnológicas. Isso porque essa utilização ou a ação de usar não é feita individualmente por pessoas isoladas. Ela é feita em rede, em larga escala e de forma incessante e acelerada. O usuário torna-se, aqui, sujeito/ator da rede e utiliza ferramentas que possibilitam comunicação e compartilhamento à distância em locais diversos, por diferentes objetivos, de formas variadas, acessando-as, muitas vezes, de dispositivos múltiplos.

O acesso e a consequente utilização das redes sociais tornam as referidas ferramentas cada vez mais dinâmicas e vivas, o que implica um constante processo de modificação, gerando objetos e ambientes inovados por sua ação ao longo do tempo. Por outro lado, está o usuário, interagente ou internauta que se torna capaz de traçar novos caminhos na constituição das plataformas sociais quanto a seus objetivos e funcionalidades; e é justamente nessa dinâmica que o sujeito efetivamente é tratado como consumidor de serviços quando, por sua rede de contatos, se veem disponibilizados a publicação, o compartilhamento, a organização e a visualização de seus dados, estes submetidos às opções de privacidade a serem definidas pelo próprio sujeito.

As formas de uso que os sujeitos atribuem às ferramentas, no contexto de cada *site* específico, considerando seus objetivos, vão sendo incorporadas como novas funcionalidades. No Twitter⁷ a ação de referenciar contatos era praticada simplesmente repetindo a frase postada por alguém, adicionando as letras RT (abreviação da palavra *Retweet* ou *Retuitar*) e logo após o nome de usuário da pessoa citada. Com o tempo, os produtores do *site* observaram a necessidade de disponibilizar um botão na interface que tornasse o processo mais ágil. Assim, o botão *retweet* do Twitter surgiu com a observação de uma tendência de uso dos participantes do *site*. É um exemplo já conhecido, mas que mostra a importância de identificar os hábitos de comunicação e compartilhamento de informações dos sujeitos nas redes sociais *online*. Os próprios conceitos de *design* de interface, *design* de interação e usabilidade são revistos já que devem compreender toda essa dinâmica, uma vez que nem sempre o *site* com uma interface gráfica mais atraente é aquele que conquista o maior número de usuários. O desenvolvimento tecnológico deve ser feito de forma integrada com as mudanças observadas nas formas de utilização das redes.

⁷ <http://twitter.com/>

Nesse contexto, a *ação de usar* mostra mais uma vez sua importância, pois essas práticas não apenas modificam interfaces gráficas e inovações tecnológicas utilizadas, mas também influenciam gerações, na medida em que são disseminadas desde grupos sociais pequenos até atingir escalas mais amplas da rede. Um conceito que explica as alterações sociais ligadas com a interação dos sujeitos com as inovações tecnológicas no campo da comunicação é o da cultura da participação. Alguns autores a definem como o conjunto de práticas em que sujeitos conectados através da internet formam grupos de compartilhamento trocando conteúdos, fomentando ideias e se auto-organizando com os objetivos mais variados.

No que diz respeito a como essa cultura influencia o mercado, Andrews (2000) aponta para um modelo de negócios que tenta atingir desde nichos específicos de público a produtos específicos. A chamada Economia da Cauda Longa é que objetiva descrever certos negócios e modelos econômicos tais como a Amazon.com (varejo de livros e outros produtos) e a Netflix (aluguel de vídeos), ou seja, negócios com poder de distribuição que são capazes de vender uma quantidade bem maior de itens de pequenos volumes, difíceis de encontrar, do que itens populares de grandes volumes e se fortalece nesse processo, em que não é necessário atingir um número massivo de pessoas para divulgar uma marca ou vender um produto. Isso pode ser observado no sentido de que cada sujeito pode se tornar um canal de comunicação que pode influenciar seus contatos a consumir um determinado produto ou serviço; porém, mesmo sendo os sistemas de redes sociais um espaço que potencializa a economia de nicho, as grandes marcas de reconhecimento global também se valem da participação dos sujeitos para manter contato com seu público. Assim, as redes sociais passam a ser utilizadas para atingir também um público em larga escala.

Se por um lado a publicidade *online* se volta para esses dois modelos, da mesma forma há exemplos de softwares e aplicativos para *web* voltados para redes sociais de ambas as situações. Existem *sites* já consolidados em seus modelos de negócios, com grande número de investimentos que são utilizados massiva e globalmente, como o Facebook⁸, o Twitter e o Instagram⁹. Outros seguem modelos parecidos dos já consolidados e se mantêm no ar por possuírem respaldo econômico de grandes empresas que buscam ampliar seus negócios no mercado de redes sociais, como o Google Plus da Google. Mesmo existindo plataformas utilizadas mundialmente, ainda existem as que absorvem um número menor de participantes atingindo públicos segmentados ou de nicho. É o caso de *sites* como o Flickr e o voltados para

⁸ <http://facebook.com>

⁹ <http://flickr.com>

compartilhamento de fotos, ou o MySpace¹⁰, espaço muito utilizado por bandas para divulgar sua música entre seus fãs. O Tvtag¹¹ é um ambiente em que seus interagentes podem compartilhar com sua rede os produtos midiáticos que consomem as informações sobre os mesmos. E-harmony¹², Match.com¹³ e Ok Cupid¹⁴ ou o aplicativo Tinder são redes sociais direcionadas a encontros românticos de todos os tipos. Alguns *sites* atingem seus objetivos, outros não são tão bem sucedidos, como o caso do Google Wave¹⁵ que, apesar de ter tido divulgação em espaços de alta visibilidade na *web* acabou sendo desativado alguns meses após seu lançamento.

Diante do exposto, da mesma forma que alguns *sites* atingem proporções mundiais de público e reconhecimento, ainda ocorre a proliferação de ambientes de redes sociais destinados a públicos menores. Um novo quadro mercadológico pode ser resumido, assim, pela coexistência de alguns gigantes da internet utilizados em escala mundial que atraem, inclusive, a atenção da mídia de massa, como emissoras de televisão, grandes veículos de circulação impressa e até estúdios cinematográficos, além, é claro, de outros menores, numerosos e pulverizados, que podem atingir públicos segmentados ou pequenos nichos.

Em muitos casos, os *sites* que atingem um menor público, estabelecem associações com *sites* de maior alcance. Essas práticas são utilizadas através dos *Mashups*, aplicativos ou *sites* que contêm conteúdos de mais de uma fonte¹⁶. São programas para *web*, nos quais é possível transferir conteúdo compartilhado de um *site* para outro. Essa técnica insere-se no contexto de uma cultura participativa digital, sendo um reflexo dos fatores tecnológicos e econômicos. Com um tipo específico de programação cooperativa é possível incorporar conteúdos dinâmicos e apresentá-los de maneiras diversas em diferentes espaços. O conteúdo sempre será gerado pelo usuário, podendo ser um texto postado, uma foto compartilhada, promocional, ou com objetivos variados. Também pode ser gerado indiretamente: um exemplo é o conteúdo lançado através de um aplicativo para Iphone da Nike que associado com um tênis da mesma marca informa a distância percorrida pelo usuário¹⁷. Essas informações coletadas pelo aplicativo podem ser postadas em sistemas de redes sociais que o usuário participe, como o Facebook. O fato é que com os programas desenvolvidos através de

¹⁰ <http://myspace.com>

¹¹ <http://Tvtag.com>

¹² <http://eharmony.com.br>

¹³ <http://match.com>

¹⁴ <http://okcupid.com>

¹⁵ <http://googlewave.blogspot.com.br/>

¹⁶ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mashup>

¹⁷ Fonte: <http://www.apple.com/ipod/nike/>

APIs abertas, ou seja, os *Mashups*, é possível criar diferentes aplicativos e representações gráficas para conteúdos compartilhados. Esses aplicativos podem ser associados a diversos *sites* na *web*. Dessa forma, um mesmo sujeito pode disponibilizar as informações que compartilha a uma rede mais ampla.

A recursividade exposta acima está entre as alterações que ocorrem no contexto cultural tecnológico e na formação do indivíduo como sujeito em sociedade. Trata-se de um movimento contínuo que envolve a identidade do sujeito, a atuação que esse exerce na rede e as próprias mudanças nos processos sociais que levam àquilo que se constitui cultura. Sabe-se que a identidade do sujeito está intimamente ligada com as práticas que ele executa em seu meio e com a influência do próprio meio no sujeito. Por sua vez, essas práticas atuadas, influenciadas pelas identidades daqueles que as exercem, acarretam alterações no contexto sociocultural diante de uma perspectiva macro, através da qual se pode perceber que o próprio sujeito e sua identidade passam a ser reconfigurados pelo contexto sociocultural, ou melhor, pela sua interação com o meio inserido nesse contexto. É um processo dinâmico, com consequências cada vez mais aceleradas, cujas alterações tornam-se sempre mais visíveis.

O sujeito é quem atua na rede e é o principal responsável pelas mudanças nela ocorridas, mas, até que ponto essas mudanças não geram efeito devolutivo, alterando o próprio sujeito que as ocasionou? Nesse quadro, as alterações culturais ocasionadas pela própria interação social com os dispositivos de comunicação em rede adquirem potencial reconfigurador do próprio sujeito, que é aquele que, por sua vez, desencadeia o processo propriamente dito. Os sujeitos encontram maneiras de estenderem sua existência em padrões de participação na *web*, mais especificamente em sistemas de redes sociais, de forma a marcarem sua trajetória, reestabelecendo conceitos de intimidade, de visibilidade, de comunicação interpessoal, de registro, de memória e, às vezes, até mesmo de esquecimento.

O relacionamento entre o homem e os meios de comunicação e suas repercussões é analisado por McLuhan (2005). Ele aponta que novos acontecimentos que ocorrem em sociedade, tenham estas proporções pessoais, ou que compreendam um grupo ou o todo social, são consequência dos novos modelos de interação com o mundo, inseridos no cotidiano das pessoas pelas inovações tecnológicas, na medida em que elas são utilizadas. Analisando esta posição, é possível subentender que o autor está fazendo menção ao significado do conceito de *tekhne*, que, filosoficamente, pode ser resumido na capacidade do homem de modificar a natureza e/ou utilizá-la como instrumento viabilizador e facilitador da

vida humana. Desta forma, eis o significado essencial de tecnologia, bem como de suas criações.

Para McLuhan (2005), o meio é a mensagem, no sentido de que as consequências sociais e pessoais de qualquer ambiente (que são extensões do próprio homem) são o resultado dos novos padrões introduzidos em nossa vida por uma novidade tecnológica. O autor estudou principalmente o quadro da mídia de massa da segunda metade do século XX, ainda em um modelo de distribuição de informação *Emissor ó Receptor*. Nesse, o emissor é aquele que detém o controle dos meios de comunicação, capaz de atingir as massas de receptores que apenas podem optar entre os conteúdos apresentados. Porém, a reflexão do autor traz uma boa perspectiva para investigar as alterações na sociedade e no sujeito com relação à cultura digital. Os dispositivos digitais e a relação que se estabelece com os mesmos, inserem novos padrões de comportamento alterando o meio social e o próprio sujeito que nele convive. A relação do sujeito com as inovações tecnológicas se altera, e por consequência o próprio sujeito é alterado.

Assim, na medida em que os objetos tecnológicos se tornam mais acessíveis e passam a fazer parte do cotidiano das pessoas, o ser humano lhe renova o sentido, usando-os e transformando-os ininterruptamente (a ideia essencial de *tekhné*). Ou seja, os sujeitos se apropriam das possibilidades de comunicação via dispositivos tecnológicos e criam novas práticas sociais, novos hábitos. Ocorrem processos de reconfiguração das relações estabelecidas entre os sujeitos, na medida em que a interação com os dispositivos conectados em rede penetra com cada vez mais profundidade nas redes sociais.

As dinâmicas sociais têm suas mudanças potencializadas pela incisão dos meios de comunicação em rede e, cada vez mais, existem possibilidades latentes de compartilhamento. Como resultado, o sujeito acaba por reconfigurar a si próprio, sendo levado a alterar ó muitas vezes sem percepção ó sua própria realidade. Esses nada mais são que resultados da evolução tecnológica que adquire novos papéis e novas funcionalidades nas dinâmicas sociais. Nesse processo, a cultura formadora da identidade de um povo é fundamental, pois os processos de trocas sociais através da evolução tecnológica se sucedem com base nos costumes de uma determinada nação.

Uma vez que vivemos em um mundo evidentemente regido pela globalização, somos portadores de uma quantidade imensurável de características que nos constituem como indivíduos: hábitos, preferências, ideais políticos, vocações profissionais, etc. Porém, a

questão da nacionalidade é, sem dúvida alguma, a base da composição da identidade de um sujeito.

O significado de nacionalidade no contexto atual torna-se mais perceptível, no ponto de vista coletivo, principalmente em grandes eventos quando vários países veem-se confrontados bélica ou pacificamente. No primeiro caso, em conflitos armados; no segundo caso, em grandes competições esportivas a exemplo da Copa do Mundo ou os Jogos Olímpicos, em que, os sujeitos se veem levados a torcer incondicionalmente por seu país.

Já de um ponto de vista individual, quando questionado acerca de sua identidade, o ser humano tende a identificar-se em um primeiro momento com o fator nacional, momento em que se apresenta fazendo referência a seu país de origem, para logo após, fazer menção a outras características de cunho pessoal como formação, profissão, religião, entre outras.

Hall (2000) analisa a influência desse fenômeno na identidade dos indivíduos, indicando o aparecimento de outros tipos de laço de pertencimento. Tais elos surgiriam de forma extra estatal, ou seja, de maneira paralela a existência do Estado propriamente dito. Assim, o autor reconhece dois tipos de articulação, a saber: o global e o local, em que neste segundo, são evidenciadas iniciativas regionalistas e o reavivamento de nacionalismos antes negligenciados ou esquecidos. Nesta seara, o quadro cultural de uma determinada região alimenta as práticas sociais que ocorrem na *web* e, por sua vez, é alimentado, alterando-se também com a participação dos indivíduos associada ao uso de aparatos tecnológicos.

É bastante corriqueiro observar exemplos dos estudos de McLuhan nas alterações sociais que ocorrem com base na relação dos sujeitos com inovações tecnológicas. O exemplo do celular já se tornou amplamente conhecido, como um produto que a partir de seu surgimento tratava-se de um dispositivo acessível para poucos privilegiados. Em menos de dois anos, o aparelho celular se tornou algo comum e fundamental na vida das pessoas. Inicialmente este aparelho tornava possível a conexão de uma pessoa com seus contatos mais próximos, ou mais urgentes para ligação e envio de SMS. Contudo, com o passar dos anos, o objeto tornou-se *smartphone*, com acesso à internet e recursos cada vez mais avançados para tornar a experiência de navegação do usuário mais interessante e funcional.

Atualmente, são desenvolvidos aplicativos específicos, que não só resolvem os problemas de interagir na *web* através de uma tela menor, com recursos de navegação limitados, como tornam a experiência um diferencial com relação a dispositivos locais e maiores; como é o caso do computador de mesa ou o notebook, no qual a interação do usuário é feita através de um teclado e um mouse, interfaces que já estão mais conhecidas pelo grande

público. Assim, o celular, *smartphone*, ou mesmo os *tablets*, crescem como itens indispensáveis a seus usuários. Se antes o aparelho era uma maneira de manter-se conectado com os contatos mais próximos, agora é uma maneira de estar em contato com o mundo, ampliando e pulverizando a participação do usuário nas redes sociais *online*.

Nos dias de hoje, gerações mais jovens identificam a interface de navegação do celular mais intuitiva e atraente do que o mouse e teclado de computador. Porém, essas tendências não se resumem apenas ao público jovem, e não se tratam de tendências passageiras. É um exemplo de novas maneiras de interagir com um dispositivo de comunicação, que insere novas práticas sociais no contexto das redes, reconfigurando a cultura, e por sua vez o sujeito nela inserido.

Nesse processo recursivo, um dos fatores chave que estimulam a troca de mensagens em rede na cultura digital é o relacionamento que se tem com o próprio conteúdo que está sendo compartilhado. Os dispositivos eletrônicos utilizados e as interfaces gráficas que facilitam o processo são resultado da própria colaboração. Porém, a interação que o sujeito exerce com o conteúdo em si leva um peso maior com relação às alterações na cultura digital e na reconfiguração do sujeito. Vale enfatizar, que a presença da rede é fundamental, uma vez que se há motivação para postagem de conteúdo essa se dá por haver uma rede social que serve de remetente ao compartilhamento. Além disso, os contatos de um sujeito também servem de referências, com outros conteúdos que postados podem ser comentados, definidos como favoritos, compartilhados e mesmo reinterpretados.

Considera-se, que o sujeito imerso na cultura digital, que interage em sistemas de redes sociais, compartilhando conteúdo ó seja por sofrer sua influência ou por compartilhá-lo pura e simplesmente ó a uma rede de contatos é reconfigurado por essa dinâmica em um processo recursivo. A intensidade da troca de informações tem a capacidade de desencadear um número consideravelmente grande de processos psíquicos no próprio sujeito, levando-o a deparar-se com diversas facetas de sua personalidade, assim originando tantos outros processos de identificação com o conteúdo por ele assimilado. Levando em consideração os avanços tecnológicos de hardware e software que permitem uma inserção cada vez mais abrangente da tecnologia na vida dos sujeitos, conclui-se serem esses o verdadeiro fato gerador da reconfiguração ora referida.

Sabe-se que se vive em um mundo em que as próprias noções de velocidade, relação público/privado, e capacidade de absorção de preferências diversas se alteram de forma acelerada. Tal contexto resulta em um nível de dificuldade cada vez maior em definir o sujeito

que vive inserido nessa realidade em que se tem acesso a um mundo amplo de opções e de forma cada vez mais pessoal, independente do local em que o sujeito se apresenta.

A presente pesquisa propõe-se a investigar a interação do sujeito com seus contatos através dos conteúdos compartilhados que leva a novas formas de interpretação do contexto social e das identidades. A cultura altera e é alterada pelo quadro de comunicação através da *web*, e nesse processo de formação, o sujeito se modifica com base em costumes, formas locais e globais de se traduzir o mundo, além de sua própria percepção psíquica. Sabe-se que isso se trata de um processo amplo que ocorre na sociedade de forma geral, não sendo exclusivo de ambientes *online*. Inclusive, não se pretende isolar os acontecimentos na esfera digital do que cerca os sujeitos em seus ambientes de interação *offline*. Os dois locais se complementam, sendo um alterado pelo outro recursivamente. Porém, o foco da pesquisa é o espaço digital, mais especificamente as trocas realizadas no *site* de redes sociais Facebook.

O Facebook é um site de redes sociais utilizado em larga escala e mundialmente. Além disso caracteriza-se por, no passar dos anos, ter ampliado suas possibilidades de participação inserindo novas funcionalidades, principalmente inspiradas pela própria utilização da plataforma por seus usuários. Seu objetivo parece ser o de abranger todas as formas de compartilhamento e leitura de conteúdo pessoal ou informativo *online*. Tornando-se, assim, um ambiente complexo onde se torna possível observar uma grande variedade de dados referentes à formação de identidade e trocas de conteúdos com os quais os sujeitos se identifiquem.

Assim, o objetivo geral dessa pesquisa é investigar os processos representativos do sujeito através de sua interação social no Facebook pelo compartilhamento de conteúdos. Ou seja, pesquisar como o sujeito se relaciona na *web* com seus contatos e com o conteúdo com que entra em contato; uma vez que esse processo reconfigura a identidade do próprio sujeito, levando-o a alterações mais amplas no que diz respeito à sua posição na sociedade. Busca-se uma interpretação de como se forma a identidade do sujeito pelo contexto cultural em que ele se insere, considerando as relações com dispositivos de conectividade. Formula-se, portanto, a seguinte pergunta de pesquisa: como a relação que o sujeito estabelece com seus contatos, e a formação de sua representação *online* evidenciam a sua reconfiguração?

Dessa forma os objetivos específicos que surgem são:

- Relacionar a formação da representação *online* com o contexto cultural, linguagem, hábitos cotidianos e papéis sociais;

- Situar o sujeito fragmentado em rede no contexto de compartilhamento e criação de representação *online*;
- Identificar as características e os processos de representação em um *site* de redes sociais: o Facebook;
- Levantar dados empíricos através da observação do compartilhamento de 6 sujeitos na rede e respostas a um questionário elaborado;
- Analisar os dados empíricos coletados com base em categorias de reconfiguração baseadas no referencial teórico;

A pesquisa proposta é relevante para o campo das tecnologias digitais inseridas na área da comunicação. A combinação desses dois fatores inseridos em sociedade é uma área que recebe ampliação de estudos e desenvolvimento de linhas de pesquisa no Brasil e no mundo. Sabe-se que o objeto de estudo dessas pesquisas está sempre se renovando, devido às mudanças aceleradas nas práticas sociais que ocorrem devido à interação com as inovações tecnológicas. O crescimento das mídias sociais provoca uma releitura do papel da comunicação na sociedade e esta dinâmica também se altera a cada dia. Os próprios sistemas de redes sociais e as diferentes formas de se interagir com o conteúdo estão em constante modificação. Mas, sobretudo, é preciso buscar uma releitura do sujeito digital, ou seja, buscar novas reflexões acerca da interpretação da identidade das pessoas que interagem nas redes *online*. Observar como as mudanças aceleradas nas formas de compartilhamento de conteúdo em rede reconfiguram a maneira como o sujeito se vê, e como é visto por seus contatos. Além disso, investigar as repercussões dessas dinâmicas para a prática da comunicação.

No primeiro capítulo da pesquisa busca-se um levantamento bibliográfico para uma melhor compreensão da formação da identidade do sujeito no contexto cultural em que ele interage; sempre evidenciando a influência do aparato tecnológico nesse processo, sobretudo os recursos tecnológicos voltados para a comunicação. Compreende-se que ocorre uma relação entre sujeito e sociedade e que este processo influencia a formação de identidade, identificações e afinidades do sujeito. Busca-se traçar um perfil do sujeito contemporâneo e das mudanças que ocorreram na sociedade na segunda metade do século XX (Goffman e Joy, 2007) e culminaram na formação da sociedade em rede (Castells, 1999a, 1999b, 2004) e das identificações pós-modernas. Expõe-se a queda dos metarrelatos esboçada por Harvey (1996), Lyotard (1986) e Giddens (2002), passando pelo descentramento da identidade do sujeito moderno de Hall (2000). Para compreender a sociedade contemporânea é apresentada uma análise dos conceitos de identificações e ideia fundadora de Maffesoli (2005a, 2005b).

Através de Certeau (1998), busca-se relacionar sua visão dos centros urbanos e a relação de fragmento e todo neles existente com a visão de interfaces gráficas e a maneira como os conteúdos compartilhados são apresentados. Também são propostos fragmentos da obra de Deleuze (2001) teorizando a maneira como os indivíduos internalizam conceitos pela interação que exercem com os mesmos e o papel da subjetividade neste processo. O capítulo é finalizado com Goffman (2007) e sua teoria sobre representação de papéis sociais e Jung (2001) e a formação de personas.

No segundo capítulo aborda-se especificamente o posicionamento do sujeito nas redes sociais *online*. No que diz respeito às modificações que ocorrem quanto a maneira que é interpretado na medida em que realiza atualizações no compartilhamento de conteúdo, e a participação do sujeito no meio digital. Busca-se desenvolver a compreensão da relação do sujeito com o conteúdo no contexto da rede social. Neste momento aponta-se a teoria de Turkle (2005) quanto às formas que a interação com o computador reforçam o narcisismo natural do ser humano. Também é abordada a teoria de Turkle (2011) quanto ao indivíduo permanentemente conectado através de dispositivos móveis. Apresenta-se posteriormente a análise geracional de Tapscott (2008). Sobre narcisismo em rede traz-se a teoria de Sibilia (2008) sobre a hipertrofia do *eu* em que qualquer história vale a pena ser contada. Por fim, apresenta-se a análise de Recuero (2009 e 2012) quanto a representação em rede.

A seguir, nas considerações metodológicas, primeiramente insere-se o presente trabalho na perspectiva de metodologia sistêmica, o que corrobora com a hipótese apresentada de reconfiguração do sujeito através de suas interações com dispositivos tecnológicos como um processo recursivo. Para tanto apresenta-se o conceito de pensamento complexo de Morin (2009). Posteriormente, estabelece-se uma descrição do Facebook, uma vez que se trata do *site* de redes sociais através do qual os dados empíricos foram coletados. Através desta descrição, identifica-se também alguns pontos basilares da pesquisa que servirão como categorias de análise após a apresentação dos dados. Tratam-se das características e processos da representação *online*. As características subdividem a representação em dois pontos: a estática e a dinâmica. E os processos foram quatro identificados: 1) Pensamentos (sentimentos) compartilhados: o sujeito íntimo na rede; 2) Atividades compartilhadas: o sujeito prático na rede; 3) Locais compartilhados: o sujeito móvel na rede; 4) Sujeitos compartilhados: o sujeito indiretamente na rede. Por fim, ainda neste capítulo, apresenta-se os procedimentos metodológicos realizados na pesquisa empírica. O presente objeto de estudo trata-se da observação dos dados compartilhados por seis sujeitos pelo período de uma

semana no ambiente Facebook, e as respostas de um questionário apresentado aos mesmos em duas etapas.

Após a descrição dos procedimentos e apresentação dos dados, buscou-se uma análise relacionando a perspectiva teórica apresentada, os hábitos de compartilhamento observados pelo período de uma semana e as respostas fornecidas pelos participantes com relação aos próprios costumes de compartilhamento e a maneira como interpretam sua participação *online*. Esta análise foi feita trazendo exemplos de como ocorre a reconfiguração do sujeito através do seu compartilhamento na *web*, e como ocorre, através de um processo recursivo também, a reconfiguração sociocultural em larga escala.

2. Cultura e Sujeito

Considerando que se pretende relacionar o compartilhamento de conteúdo *online* pelo sujeito com o quadro cultural em que está inserido, é necessário definir, primeiramente, o quadro cultural propriamente dito. A maneira como o sujeito interage leva em conta os preceitos dos teóricos do pós-moderno, porém, outras posições sociais e antropológicas auxiliam para definir esse recorte. O sujeito que interage no contexto *online* é o sujeito da sociedade de informação e da cultura de participação que evoluiu de uma série de alterações que marcaram a sociedade a partir da segunda metade do século XX.

2.1 Cultura, Sociedade e Sujeito

Alguns teóricos estudam o quadro atual da relação exercida entre os fenômenos sociais e as mudanças constantes nos meios de tecnologia de informação e comunicação. Lemos (2004) traça uma comparação entre o período moderno e o contemporâneo. Ele aponta que o período da modernidade foi marcado pela crença em que o progresso tecnocientífico seria capaz de conduzir a humanidade a uma organização social perfeita. A razão filosófica, herança do iluminismo, individualista e asséptica era tida como o princípio legitimador e mobilizador da sociedade. Os ideais burgueses da época ressaltavam a importância do acúmulo de capital e do desenvolvimento industrial. Neste período caracterizado pela burocratização das instituições e a divisão do trabalho nas fábricas, viu-se a perda de afetividade social pela humanidade. Surgiram críticas desta forma de vida em muitos lugares da mídia onde os seres humanos foram comparados a robôs, que realizam seu trabalho sem consciência crítica de sua própria existência ou de seu meio.

O rompimento com esse modelo tecnocrático teve início na primeira metade do século XX atingindo seu ápice na década de 1960. A difusão das contraculturas, o avanço da informática, a preocupação com a ecologia, o pós-colonialismo e o pós-industrialismo trouxeram à tona o descontentamento com o funcionamento da democracia, uma vez que as sociedades democráticas não avançam em direção à efetiva melhora social, mas degradam-se lentamente enquanto se mostram incapazes de superar seus limites. A título de constatação histórica, mesmo países ditos como exemplares em termos de regimes democráticos como

Reino Unido, França, e Estados Unidos, foram marcados por mobilizações populares visando expor o profundo descontentamento social com a democracia parlamentar. Mais recentemente, o Brasil foi palco de diversas manifestações com origem nesse descontentamento que foi fruto de uma experiência histórica clara. Eis, portanto, a pós-modernidade.

Essa noção pós-moderna aparece na segunda metade do século XX com a formação de uma sociedade de consumo o momento em que todo o aparato tecnológico passa a ser mais acessível ao público, dando início ao referido processo de reconfiguração de um perfil de sujeito anterior ao objeto de estudo desta pesquisa o e dos *mass media*, associados à queda das grandes ideologias modernas e de ideias centrais como história, razão, progresso (LEMOS, 2004, p 63). Se na modernidade a principal preocupação era com o futuro, no pós-moderno o importante é viver o presente em novas formas de sociabilidade voltada para as minorias: os pequenos grupos, o que, aliás, é evidente no ambiente das redes sociais, onde se pode observar o predomínio de referências a fatos contemporâneos.

Os estudiosos da cibercultura (como Lemos, 2004 e Felinto, 2006) situam, historicamente, este contexto sociocultural no período contemporâneo, ou seja, apontam influências de resultados sociais alcançados a partir da segunda metade do século XX nas formas de interação dos sujeitos através dos conteúdos compartilhados na internet. O sujeito que chega à cultura de participação é herdeiro de alterações intensas na sociedade, provenientes das contraculturas e movimentos sociais que ganharam força na década de 1960. Alguns autores apontam esse período como pós-moderno, por apresentar uma série de características que se opõem ao período moderno, algo que pode ser admissível uma vez que não se dispunha de tamanho aparato tecnológico facilitador da atual cultura de compartilhamento.

Harvey (1996), explica as grandes metalinguagens, metanarrativas e metateorias do modernismo o enunciados adotados como verdade absoluta o afirmando que elas tendiam a ignorar detalhes importantes com inconsistências importantes. Eram predominadas pelas dicotomias que são tidas equivocadas na pós-modernidade, pois neste período passa-se a reconhecer as múltiplas formas de subjetividade, de gênero, de sexualidade, de raça e de classe. Surge uma aceitação da fragmentação, pluralismo e autenticidade de vozes de diferentes mundos, resultado de um mundo em estágio inicial de globalização, de acordo como a que conhecemos hoje. Com isso, naturalmente, começa a surgir um problema de

comunicação em que a natureza da linguagem e a comunicação se modificam sem que fosse exigida uma relação rígida entre o que era dito e o modo como estava sendo dito. O pensamento pós-estruturalista separa-se e recombina-se continuamente. A vida cultural passa a ser vista como uma série de textos em intersecção com outros textos. O entrelaçamento textual assume vida própria, uma vez que este não pode mais ser controlado, tal qual na vindoura cultura de compartilhamento. O sujeito tem seu processo de reconfiguração iniciado.

Para Lyotard (1986) se a sociedade pós-moderna era a época dos pensamentos por oposições, no pós-moderno domina a mistura. Um maior acesso às informações por parte da população dilui o saber místico das grandes instituições antes tidas como irrefutáveis. O ideal é formado por cada indivíduo e não pelas grandes instituições, e o saber não é gerado somente pela ciência. Assim, surge uma organização que se baseia na ãtomização do social em redes flexíveis de jogos de linguagemö (p.31). Os sujeitos podem fazer uso de conjuntos de códigos diferentes dependendo da situação em que se encontram. E na disseminação dos jogos de linguagem o próprio sujeito social parece dissolver-se. Impossível, neste momento, deixar de citar as diversas correntes ideológicas que se uniram via redes sociais e que culminaram nas manifestações de 2013 ocorridas no Brasil, em que diversos grupos reivindicavam direitos específicos, porém, distintos de outros grupos que se manifestavam nos mesmos movimentos.

Outro teórico do período contemporâneo, Giddens (2002) aponta que a sociedade entra em uma fase de grande individualismo acusando a queda na autoridade de ãinfluências externasö na formação de identidades. Falando de modernidade tardia, Giddens (2002) aponta que o *eu* não é uma entidade passiva, determinada por influências externas. Os indivíduos, nesse novo contexto social, forjam suas próprias identidades. Anteriormente, para o autor, as identidades eram formadas pelas relações de parentesco, que eram as principais referências externas e serviam de ancoragem, mas essa relação é cada vez menos relevante no que diz respeito aos planos e projetos do próprio indivíduo.

Ao referir-se que as relações estabelecidas por uma pessoa em sua vida não são decisivas para o sujeito, o autor intencionou defender a tese de que os laços de parentesco não determinam mais a vida como ocorria antes (modernidade e períodos anteriores), porém figuram nas decisões e planejamentos. Atualmente, não participa só a família, mas também os amigos, colegas e os conhecidos. Todas essas esferas podem exercer influência, no entanto com menos efeito do que a própria vontade de cada um. Segundo Giddens (2002), as amizades e relações de trabalho vão se formando em novos níveis de intimidade atingindo

patamares tão importantes ou mais do que laços familiares, adquirindo grande valor para relações de confiança desenvolvidas. Não há mais uma determinação do que proporciona o desenvolvimento do *eu*. Ele possui domínio de suas relações reflexivamente incorporadas para uma formação de sua identidade. O contexto permanece de grande importância, porém se torna mais flexível e mais suscetível de reconfigurar o sujeito.

Cada um desses autores apresenta visões específicas sobre as mudanças que marcaram a relação indivíduo-sociedade, bem como a formação identitária de cada sujeito no contexto em que se insere. Ocorrem também diferentes interpretações quanto ao período em que as práticas pós-modernas tornaram-se mais difundidas, porém a maioria deles aponta para importantes mudanças significativas que colocaram uma nova perspectiva nas visões do mundo e começaram a surgir no início do século XX. O conteúdo a seguir discorre sobre alguns desses autores e sobre a relação indivíduo, cultura e sociedade na formação identitária do sujeito. Independente da nomenclatura do período atravessado a partir da segunda metade do século XX (seja pós-moderno, contemporâneo, ou mesmo sem um nome estanque) é possível afirmar que o contexto sociocultural que circunda as trocas efetuadas através da comunicação mediada por computador da atualidade é resultado das mudanças ocorridas nesse período, bem como de seu desenvolvimento tecnológico.

Hall (2000) analisa as mudanças estruturais na sociedade do século XX que fragmenta os posicionamentos culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, e nacionalidade que anteriormente forneciam sólidas localizações para situar o sujeito. Ele aponta que, paralelamente a acontecimentos que fundaram uma nova maneira de interpretar o mundo, sociólogos, psicólogos, filósofos e comunicadores pesquisaram as diferenças estruturais na cultura e identidade que ocorreram no mesmo período. Ele apresenta alguns pontos principais na teoria social e nas ciências humanas que abalaram as estruturas sociais, e iniciaram um processo de reestruturação de papéis e valores resultando no que Hall (2000) chama de *descentramento final do sujeito cartesiano*. O primeiro avanço tinha origem no pensamento marxista e traz um conjunto de obras que reinterpretam o trabalho de Marx na década de 1960. A afirmação que comandava esses estudos era a de que *os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhe são dadas*. Ou seja, para os teóricos, os indivíduos não poderiam ser agentes ou autores da história. Poderiam apenas agir com base em condições históricas. Essa noção desloca dois conceitos básicos da modernidade, o de que há uma essência universal do homem; e que esta essência está singularmente em cada indivíduo. Esta

vertente deixa de atribuir ao homem o papel de autor autônomo de sua história e acata à ideia de que o ser humano não tem total controle de si próprio ou do ambiente que o cerca como se acreditava no período moderno. Este paradigma aponta para um pensamento libertador da essência do indivíduo, que anteriormente era vista como uma entidade homogênea, constituída de características específicas formadas desde a infância. Assim, difunde-se a ideia de que o sujeito não pode governar o mundo apenas de acordo com suas convicções e vontades, e sim lidar com a realidade que se apresenta, levando em conta que essa mesma realidade também é capaz de mudar o próprio indivíduo.

A obra de Ferdinand Saussure é outro ponto de desestabilização apresentado por Hall (2000). Para o teórico as pessoas não são autoras das afirmações que fazem em nenhum sentido ou dos significados que expressam na língua. As pessoas somente utilizam a língua para produzir significados posicionando-se nas regras da língua e nos sistemas de significado de sua cultura. A língua preexiste às pessoas. Além disso, os significados não são fixos, mas surgem nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras. O autor, inclusive, aponta para uma analogia entre língua e identidade. Segundo ele, um sujeito sabe quem é em relação ao outro, que ele não é. O significado é instável, ele procura o fechamento (a identidade), mas é constantemente perturbado (pela diferença), ou seja, a comparação com o próximo que também contribui para defini-lo. Um dos pontos principais desse capítulo é a relação que o contexto social exerce na formação dos indivíduos e de suas identidades, e a linguagem em que o sujeito se insere estando intimamente ligada a esse processo. A língua de um povo traz indicadores fundamentais sobre sua cultura e seus costumes regionais e nacionais. Através da maneira de uma pessoa falar é possível indicar o país e a região da qual ela é proveniente, e identificar suas referências, desde que se tenha conhecimento disso. Esse processo é fluido na medida em que os indivíduos modificam a língua e são modificados por referências externas, formando novos padrões e novas culturas que mesclam tradição e inovação.

Outro ponto chave para questionamentos acerca da identidade apresentados por Hall (2000) foi a descoberta do inconsciente por Sigmund Freud de que aponta que a razão não define todas as características de um indivíduo. As identidades são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona com uma lógica diferente daquela da razão. Equivocou-se, porém, ao atribuir como aspectos formadores da identidade

unicamente aqueles relacionados à sexualidade, uma vez que as informações contidas no inconsciente humano ultrapassam esses limites.

Hall (2000) aponta, na segunda metade do século XX, para uma crise de identidade do sujeito, em que esse sofre um processo duplo, sendo deslocado e descentrado do mundo sociocultural e de si próprio. Esse fenômeno, o qual nomeia a crise de identidade, faz parte de um conjunto mais amplo de mudanças, que desloca estruturas e processos centrais da modernidade e desestabiliza quadros de referência que mantinham os indivíduos ancorados na sociedade. Com essas mudanças estruturais de base na sociedade, ocorre o que Hall (2000) chama de deslocamento ou descentração do sujeito. Este, ao se encontrar em uma realidade em que seus valores são abalados, se distancia de um eixo sociocultural que antes o ajudava a definir quem ele é, sua identidade e seu papel no mundo. Hall (2000) define identidade como uma noção que o indivíduo tem de si próprio como peça integrada a um contexto que a compõe. Uma vez que esse contexto se abala o sujeito perde sua referência no mundo.

Há de se discordar de Hall neste último ponto, uma vez que o sujeito, ainda mais quando este se encontra inserido no contexto da *web*, é portador de referências, muitas vezes advindas do que se reconhece como cultura de compartilhamento. Se outrora o homem estava sujeito a basicamente suas referências familiares, impostas pelo período que se chamou de moderno; no período pós-moderno, o sujeito se depara com novas referências a cada acesso, a cada compartilhamento recebido e reemitido. O sujeito atual, foco desta pesquisa, não perde sua referência de mundo, uma vez que esta se multiplica constantemente, reconfigurando-o e fazendo reconfigurar (outros sujeitos ou a si mesmo). Compreende-se que Hall estava referindo-se a um conceito inicial de identidade para sua teoria que, praticamente, viu-se modificado quando passou a referir-se sobre o sujeito pós-moderno.

A partir desse ponto esboçado por Hall (2000) percebe-se a relação que a formação da identidade de um sujeito tem com o contexto sociocultural em que este habita. Ocorre uma mudança estrutural na sociedade do século XX que fragmenta os posicionamentos culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade que anteriormente forneciam sólidas localizações, conforme já dito. O autor ainda identifica três tipos de sujeito ao longo da história que foram se modificando de acordo com a constituição de sua identidade no contexto sociocultural em que se inseriam. A noção de indivíduo centrado em sua consciência de ação, dotado de razão e unificado é a do sujeito do iluminismo. Sua identidade é individualista e não varia de acordo com fatores externos. Esse sujeito ocupa apenas um papel com definições

específicas na sociedade por toda a sua existência. Já o sujeito sociológico reflete a complexidade do mundo moderno e traz à consciência de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo ou autossuficiente e sim, formado na relação de um sujeito com pessoas importantes para ele, que mediavam para os mesmos valores, sentidos e símbolos. Desta forma, tudo aquilo que está no mundo habitável é a cultura é pode ser interpretado na formação da identidade do sujeito sociológico. O papel da identidade seria costurar o indivíduo na estrutura, estabilizando as pessoas e os mundos habitados. Para Hall (2000) o sujeito pós-moderno não tem uma identidade, mas várias que estão em constante transformação de acordo com as influências e os sistemas culturais. As identidades são constituídas de acordo com a trajetória do sujeito historicamente, e não biologicamente.

É possível afirmar que o sujeito pós-moderno de Hall (2000) nada mais é que uma releitura do sujeito sociológico, que passa a viver em um mundo com referências culturais mais diversificadas. Não apenas por ter acesso a diferentes produtos culturais com os quais possa ter afinidade. Mas também por ter atravessado um momento de instabilidade cultural em que novas estruturas sociais foram formadas, e principalmente os papéis de classe, gênero e raça foram reconfigurados após rupturas promovidas por movimentos de protesto.

Para Maffesoli (2005b), na Pós-modernidade os sujeitos possuem identificações com determinados grupos sociais e a partir de interesses em comum. Esses sujeitos se colocam em estado de re ligação a partir desses interesses em comunidades que dividem códigos de valores. No período contemporâneo o indivíduo pode alternar participações em diferentes grupos sociais interpretando diferentes papéis por mais variados que eles sejam. Assim, esse novo sujeito ainda constitui suas identificações diversas, de acordo com os grupos com que convive. Porém, trata-se de um processo múltiplo em que a pessoa é um ser complexo cuja identidade possui nuances de comportamento em diferentes situações interativas.

A título de exemplo no que tange a grupos sociais com interesses comuns, podem ser citados os *black bloc's* que surgiram na Alemanha, na década de 1980, como uma tática utilizada por autonomistas e anarquistas para defenderem os *squats* (ocupações) e as universidades contra a ação da polícia e os ataques de grupos nazistas e fascistas, e que hoje estão em evidência nos meios de comunicação brasileiros por sua participação e destaque nos protestos ocorrentes nas capitais do Brasil. A expressão *Schwarzer Block* nasceu nessa época: era utilizada pela polícia alemã para identificar os *Autonomen* (similares aos *Autonomi* italianos, que se situavam na área da esquerda extraparlamentar, mas com uma substancial

diferença quanto ao uso de táticas violentas) que, durante as manifestações e passeatas anti-nucleares e em favor da *Rote Armee Fraktion*, geralmente usavam roupas e máscaras negras para que o conjunto dos manifestantes formasse uma massa compacta e bem identificável, seja para parecerem numericamente superiores, seja para atraírem a solidariedade e a ajuda de outros grupos ideologicamente afins, durante as manifestações. As máscaras e os gorros ou capacetes têm a função de proteger os adeptos e ao mesmo tempo impedir a identificação dos participantes, por parte da polícia.¹⁸

A nova sociedade dita por Maffesoli (2005b) é constituída por grupos de sujeitos que agem de forma crescente em rumo a uma diversidade cultural cada vez mais ampliada. No quadro atual, o sujeito que interage *online* já nasceu em uma sociedade em que os papéis sociais não eram bem definidos, nem únicos ou estáticos. Os interesses cada vez mais diversificados, impulsionados pelo mercado segmentado e posteriormente de nicho e pelas possibilidades de acesso às referências de qualquer parte do mundo estabelecem novos padrões de diversidade na cultura, cuja exploração mercadológica é sempre crescente.

Uma interpretação relevante para a situação de diversidade de referências que o indivíduo contemporâneo experiênciava através de relacionamentos *online*, ou mesmo *offline* vem da explicação que Certeau (1998) desenvolve sobre a constituição de uma cidade a partir da trajetória dos sujeitos. Segundo o autor enxergar uma cidade do alto como um todo, assemelha-se à sensação da busca pela compreensão do todo na ciência. A vista panorâmica de uma cidade forma uma textura em que é esboçada uma representação de seu todo. É apenas uma representação, pois da mesma forma que se enxerga o todo, não é possível captar os detalhes de movimentos e transformações no espaço. Além disso, o olhar observa a textura do todo por um dado momento, não sendo capaz de compreender a modificação dos espaços através do tempo. Aliás, justamente o que parece ter ocorrido com os veículos de comunicação do Brasil logo no início das manifestações de 2013, quando sequer se compreendia muito bem o real motivo das reivindicações, sendo os manifestantes acusados meramente de baderneiros e anarquistas em virtude da incapacidade imediata de definição de cada um dos grupos que formava o todo. A cidade-panorama é um simulacro teórico que o autor chama de texturologia. Trata-se de uma metáfora que se utiliza da ideia gráfica de textura para explicar a representação de uma cidade através da compreensão de seu todo, muitas vezes de maneira equivocada e com um olhar superficial.

¹⁸ Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Black_bloc>. Acesso em 20/12/2013.

Mas fora aqueles que enxergam o todo, Certeau (1998) fala dos praticantes ordinários da cidade, ou seja, os praticantes e pedestres que vivem o dia-a-dia da cidade, e a compõem com suas atividades e práticas cotidianas. Os corpos dos praticantes obedecem ao jogo de cheios e vazios de um texto urbano que escrevem sem poder lê-lo (p. 171). Estes não veem o todo, pois há uma cegueira que caracteriza as práticas organizadoras de uma cidade habitada. Pela metáfora da textura que a imagem do todo de uma cidade forma, procura-se simplificar algo que não pode ser simplificado. Uma cidade e o conjunto de práticas exercidas pelos sujeitos que nela habitam é um espaço heterogêneo e carregado de referências diversas. Em uma área urbana habitam pessoas que interagem nos mais variados grupos, entrando em contato com diferentes práticas sociais e gerando carga cultural de diversas formas. As pessoas em trânsito, que interagem em mais de um espaço com grupos diferentes, funcionam como portadoras de experiências diferentes que influenciam novos espaços. Através da comunicação em longa distância, como a feita pela internet, é possível que grupos de várias partes do mundo possam se influenciar levando a diversidade cultural a proporções globais, o que pode ser visto e vivido no caso da história recente do Brasil. Para Certeau (1998) formam-se redes que se entrecruzam e compõem uma história múltipla que não possui nem autor nem espectador, formada por fragmentos de trajetórias e em alternações de espaços. A formação cultural através das práticas sociais é o resultado de um fluxo contínuo de ações e trocas entre os sujeitos conectados, seja presencialmente ou à distância.

Contrário ao conceito de cidade fluxo, formada pelo conjunto de interações entre os sujeitos e suas práticas sociais, Certeau (1998) apresenta a cidade-conceito que serviu de metáfora à maquinaria em teorias de ideais modernos. A definição de cidade estabelecida pelo discurso utópico e urbanístico envolve três premissas: 1) a produção de um espaço próprio: o conceito de organização racional que deve recalcar aquilo que o compromete, como poluições físicas, mentais ou políticas; 2) o estabelecimento de um sistema sincrônico chamado não-tempo que são estratégias científicas unívocas possibilitadas por um nivelamento redutivo dos dados. Tenta regularizar as táticas dos usuários que jogam com as ocasiões; 3) sujeito universal ou anônimo que é a própria cidade. A cidade como um nome próprio oferece a capacidade de conceber espaço com base em um número finito de propriedades estáveis, isoláveis que são articuladas umas sobre as outras. Combina-se, nesse conceito, gestão e diferenciação e redistribuição das partes em função da cidade através de inversões, deslocamentos e acúmulos e eliminação e rejeição dos detritos não tratáveis de uma administração funcionalista. A cidade-conceito era um ideal de teorias modernas que

difícilmente se concretizaria no fluxo intenso de trocas sociais. Certeau (1998) aponta que a cidade-conceito é um recorte ideal que se degrada com o retorno das práticas. Nesse processo as práticas se deterioram ao mesmo tempo em que procedimentos são criados para tentar organizá-las. Ocorre um pulular de procedimentos, práticas microbianas, singulares e plurais que perpassam a capacidade da administração do sistema urbanístico.

Certeau (1998) fala da relação com os procedimentos do cotidiano e a formação da cultura como algo que define uma sociedade em uma era correspondente. Crê-se aqui que o termo "era" pode abranger um espaço de tempo demasiadamente longo para descrever o defendido por Certeau. Desta forma, considera-se mais adequado falar de uma época ou, ainda, um curto espaço de tempo para a formação de uma cultura determinada, já que a velocidade de troca tanto de conhecimentos, como de informações, atualmente, já é substancialmente mais elevada que em 1998, data de publicação de sua obra.

O autor explica a dicotomia que Foucault aponta entre ideologias e procedimentos, analisando procedimentos carcerários. Segundo Foucault, existem duas forças conflitantes. Primeiramente a ideologia das luzes, proveniente do reformismo do final do século XVIII que defendia o aprofundamento do intelecto. Este ideal foi sendo substituído rapidamente por procedimentos disciplinares do exército e da escola, o que Foucault chama de *microfísica do poder*. Nesse processo, as práticas cotidianas assumem o primeiro plano na organização social. O autor explica que é difícil definir as práticas cotidianas com exatidão, mas alguns teóricos conseguem precisar melhor seu funcionamento em relação ao discurso, ao adquirido e à ocasião, como um formato de tempo. Foucault, segundo Certeau, as associa ao discurso ou ideologia como ele chama. Bourdieu fala do adquirido que seriam os hábitos. Vernant e Detienne falam da ocasião, posição esta que se adaptaria melhor ao ritmo e às práticas de vida do sujeito contemporâneo.

Práticas cotidianas são pequenas ações que quando repetidas e combinadas, considerando a quantidade de pessoas realizando-as através dos anos chegam a formar hábitos e discursos que definem o dia-a-dia sem necessariamente tornarem-se ideologias. Esses procedimentos não são fixos ou rígidos como ritos, costumes ou reflexos. São ajustados a uma diversidade de objetivos por seu caráter de mobilidade, sem dependerem de explicação verbal. *Essas técnicas vão se afinando e estendendo sem precisar recorrer a uma ideologia* (CERTEAU, 1998, p. 112).

Foucault cria uma seleção no conjunto de procedimentos que formam o tecido da atividade social nos séculos XVIII e XIX para empreender uma arqueologia das ciências humanas e buscar uma tecnologia do poder. Práticas organizadoras das instituições normativas e práticas cotidianas, que se repetem em uma sucessão de atividades corriqueiras. Essas práticas, apesar de reconhecidas como menos importantes para a definição de uma sociedade, adquirem proporções em que se tornam fundamentais para a organização do tempo e espaço.

Uma sociedade seria composta de certas práticas exorbitadas, organizadoras de suas instituições normativas, e de outras práticas, sem-número, que ficaram como menores, sempre no entanto presentes, embora não organizadoras de um discurso e conservando as primícias ou restos de hipóteses (institucionais, científicas), diferentes para esta sociedade ou para outras. É nesta múltipla e silenciosa reserva de procedimentos que as práticas consumidoras deveriam ser procuradas, com a dupla característica, detectada por Foucault, de poder, segundo modos ora minúsculos, ora majoritários, organizar ao mesmo tempo espaços e linguagens. (CERTEAU, 1998, p. 115).

Assim, todos esses fatores que formam o contexto sócio cultural de uma região e que, combinados em grupos menores formam (ou podem formar) uma nação, contribuem com a formação da identidade dos sujeitos que nela habitam e que fazem parte da base da própria cultura. É um processo recursivo em que a cultura transforma o sujeito, reconfigurando-o e que, por sua vez, age na constituição dos indivíduos, seja através das interações sociais ou das interações com os valores de referência do local de sua ocorrência a exemplo de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, localidade palco das primeiras manifestações do ano de 2013, ocorridas no Brasil em virtude do aumento da tarifa de ônibus de R\$ 2,85 para R\$3,05, e das "lotações", de R\$ 4,25 para 4,50 e que foram planejadas pela população local através da rede social Facebook. Os protestos ganharam força após o reajuste, quando manifestantes conseguiram protocolar por meio de uma ação cautelar movida por vereadores da capital, que foi aceita pelo juiz da 5ª Vara da Fazenda Pública. Em 5 de março do mesmo ano o juiz afirmou que havia sérios indicativos de aumento abusivo no valor e determinou que a prefeitura reduzisse o preço das passagens.

Esses fatores estão ligados com as atividades cotidianas que combinadas formam o todo urbanístico. Naturalmente as ditas atividades são regidas pela linguagem de um povo que está intimamente entranhada com os costumes e tradições que se formam ao longo de sua trajetória histórica. As próprias rupturas nas maneiras do sujeito interpretar a si mesmo contribuem para traçar novos caminhos alternando tradições e inovações, influenciando na

cultura, nos hábitos, nas manifestações artísticas e na construção de uma nova história é reconfigurada tal qual o sujeito.

2.2 Sociedade, Paixão, Conflito e Consumo

Para Maffesoli (2005a), o político é o fator que possibilita a vida social, dá-lhe sentido, limita-a, constrange-a e permite que ela exista. Aqui é evidente que o autor se refere à acepção original da palavra "político" no sentido de administrador da *pólis*, ou melhor, a cidade. Nesse processo, a ligação social parte da sociedade através de uma *obediência* voluntária, ou seja, um aceite ou uma submissão da figura do líder como chefe. Ele chama esse processo de *obediência simbólica*, em que a submissão é dada em troca da proteção, do bom funcionamento e regularidade do crescimento social.

Essa relação se forma coordenada por uma *lei inextinguível* que se trata de uma força imaginal e imaterial que serve de garantia e legitimação ao político. Esta força se baseia em uma *ideia fundadora*, ou seja, o conjunto de valores compartilhado capaz de promover a formação política que se trata do elo entre o social e o governo. A *ideia fundadora* pode ser de qualquer natureza e ao longo da história diferentes organizações se formaram por conjuntos de valores variados que ajudaram a definir as sociedades em si e as inseriram em seu período histórico. Na antiguidade, milhares de aglomerações sociais se formaram com base em diferentes mitos. No início da Idade Média a Igreja Católica tomou força, tornando-se a referência para normas e condutas de muitas civilizações, estando muitas vezes acima do próprio rei de uma nação, já que essa ideia funda o próprio resultado do político. Após a Revolução Francesa no século XVIII, inicia-se uma nova visão de mundo em que o cimento social que liga o governo ao povo é uma situação contratual baseada em valores de racionalidade, e normas conjuntas estabelecidas pela escola, Estado e exército.

Maffesoli (2005a) aponta que o líder de um povo se utiliza de uma paixão compartilhada ou *paixão comum* (p. 30) para promover o comprometimento do povo com o Estado ao qual se submete. Nesse caso, os líderes exploram o instinto natural que o povo tem de se colocar em estado de *religação*. Os valores tomados como sagrados em comum são a causa e efeito desta força imaginária, ou seja, da ideia fundadora. E a partir dela a *obediência* do

povo é voluntária. Segundo o autor, a paixão está na origem de toda a vida política, inclusive dos conflitos que a mesma pode gerar.

Seguindo essa linha, Maffesoli (2005a) afirma que a paixão e o conflito são pontos de partida para uma organização social e que é possível relativizar o conceito de sociedade hegemônica baseada em princípios racionais através dos quais todas as suas peças se encaixam perfeitamente em seu funcionamento. Isso é exemplificado por sociedades em que, através da paixão compartilhada, se tentou atingir um estágio de equilíbrio perfeito entre poder e os procedimentos burocráticos que envolvem as instituições, porém, ao invés de atingirem o estágio desejado acabaram entrando em colapso. Exemplos típicos são o Império Romano bem como sociedades modernas, tais como a Alemanha nazista, a China comunista, ou tantos outros governos ditatoriais e de cunho populista espalhados pelo mundo, como também foi o caso do Brasil.

Para o autor há um espedaçamento da ideologia político-administrativa e das instituições. Trata-se de uma ruptura que mostra que não é possível administrar sociedades com um modelo concebido a priori. Segundo Maffesoli (2005a) esta ruptura faz com que as pessoas sejam forçadas a ter familiaridade com a pane, com o instável. Não é possível sanar o futuro. O instável habita a base de toda a instituição. Maffesoli (2005a) relaciona o poder centralizado que governa um povo com uma força difusa que ele chama de potência, tratando-se do potencial desorganizador e desestabilizador de uma organização social. Sendo assim, o governo de uma nação é o poder centralizado que busca a regulamentação da sociedade. A estrutura social, por outro lado é uma potência difusa que se movimenta constantemente, alterando a organização, entrando em conflito e encontrando novas formas de estabilidade.

Para contextualizar os valores que cercam a cultura digital na qual o objeto da presente pesquisa se insere, é importante revisar rupturas culturais que ocorreram a partir da segunda metade do século XX. Essas rupturas se passaram em todo o mundo ocidental, mas é inegável que originaram-se nos Estados Unidos e no Reino Unido. São rupturas que exemplificam o estado de constante instabilidade que Maffesoli (2005a) aponta como característica do contrato social.

Para Goffman e Joy (2007), os Estados Unidos foram um país formado por puritanos em que os preceitos da religião vigoraram com força por muitas décadas. Mas com o passar do tempo, a figura de um deus deixou de estar no centro, dando espaço à busca por dinheiro,

bens e status. A partir da segunda metade do século XX a sociedade estadunidense se estabeleceu como modelo de sociedade ocidental, em que seria possível alcançar o status de felicidade com a ideia do sonho americano. A inserção do indivíduo no mercado de trabalho ou de papéis também considerados importantes para movimentar a economia, como o caso das donas de casa, estava nos pilares dessa sociedade a qual era legitimada pelo mercado e pelo consumo. O próprio sonho americano inclui a formação de uma família de orientação heterossexual nos moldes pai, mãe e filhos (e aqui cumpre destacar que somente as pessoas de raça branca teriam condições de preencher os requisitos para este modelo), além da capacidade de prover para esse núcleo familiar, adquirindo casa, automóvel e outras necessidades. A partir da década de 1950, a indústria foi exacerbada em quantidade e variedade, sendo lançados no mercado uma série de produtos que aos poucos passaram a fazer parte do cotidiano da população. O mercado publicitário também passou a ter um papel crucial ao transformar produtos que antes não existiam, em necessidades e desejos imprescindíveis à existência. A exploração da moda e tendências passou a ser analisada com minúcia, ampliando-se investimentos em pesquisa de mercado e compreensão do comportamento do consumidor. A simples vestimenta, ou hábitos de higiene de um homem de negócios ou de uma dona de casa da época incluía produtos de empresas diversificadas, realidade que, aliás, vigora até hoje.

Na medida em que essa sociedade se estabelecia e servia de exemplo para os olhos do mundo considerado "livre" (entre aspas, uma vez que este conceito de liberdade em verdade era maquiado por trás de verdadeira escravidão consumista), pequenos focos de resistência à cultura dominante foram se formando principalmente em grandes centros urbanos desses países como Nova Iorque e Londres. Segundo Goffman e Joy (2007) havia surgimento de visões libertárias na cena artística que incentivavam experiências de puro contato humano e libertação da alma, dando origem a movimentos culturais e políticos baseados no desejo de tornar a humanidade mais humana.

Os movimentos feministas e de direito aos negros encabeçavam os protestos com relação aos papéis sociais estabelecidos por raça, gênero e classe social durante séculos. Protestos à guerra do Vietnã, por exemplo, levaram a propostas de sociedades alternativas, como a dos Híppies que pregavam a paz e eram impulsionadas pela música e o consumo de drogas, também criando a falsa sensação de um sentimento libertador. A partir da década de 1960 essas contraculturas criaram força e passaram a se fazer ouvir em voz alta para o mundo.

Para Goffman e Joy (2007) foi como se todas as tropas contraculturais resolvessem se erguer ao mesmo tempo. Os indivíduos com sua liberdade de pensamento, discurso e comportamento expandidas se encontraram com um senso de responsabilidade coletiva crescente com relação ao fim da guerra, bem como ao fim da miséria e da injustiça.

Aos poucos houve uma conversão do foco do discurso para libertação pública à libertação individual do corpo e da mente em que o não conformismo e a busca por identidade tornaram-se movimentos coletivos. A partir da década de 1970 as contraculturas passaram a ter uma participação menos radical, de forma que foram, até certo ponto, inseridos na sociedade. Novos direitos a diferentes raças e gêneros foram conquistados e, aos poucos, essa realidade também foi servindo de exemplo para o mundo. A sociedade se reorganizou e o mercado ajudou a definir a nova estrutura social. Goffman e Joy (2007) esboçam que os sujeitos que fomentaram as contraculturas defendiam a ideia de que os desejos imediatos eram um valor legítimo e importante. Essa máxima foi de encontro aos preceitos do iluminismo de importância do dever, em que o sujeito se encaixa na sociedade através das responsabilidades que cabem a seu papel e a sua função no mercado de trabalho. O interessante é que o próprio mercado de consumo que antes legitimava os valores da sociedade em busca do sonho americano passou a explorar a noção de desejos imediatos que precisavam ser sanados a qualquer custo. Assim, os ideais defendidos, antes tão controversos passaram a fazer parte da dinâmica de consumo, sendo alguns gritos de protesto inclusive explorados pela publicidade.

Acima, um exemplo de como a sociedade é capaz de se auto-organizar a partir de uma ruptura com os padrões vigentes e de reconfigurar-se, uma vez que houve uma sociedade de consumo formada a partir de protestos, tendo provocado em seu modo de vida ocorre um período de instabilidades e logo após um retorno à formação de estruturas. Porém, ao se renovarem essas estruturas, as mesmas nunca retornam ao estado original, posto que atingem um novo estado com base na fase de conflitos atravessada.

Não foi apenas no mercado que as contraculturas foram incorporadas através de avanços em pesquisas acadêmicas e difusão de ideias libertárias em diversas parcelas da população; aos poucos as teorias pregadas passaram a se legitimar na sociedade. Essas contribuíram para a formação das próximas gerações através da criação por parte dos pais e instituições de ensino. Assim, a tolerância com relação a novos papéis sociais e papéis difusos foi aumentando, processo que ocorre até hoje. Os sujeitos formados por essa cultura

constituem a sociedade da informação, a qual possui um valor máximo e cuja verdade é buscada através de pesquisas científicas que podem ser refutadas e reconfiguradas a qualquer momento.

Na sociedade da informação (CASTELLS, 1999b), as funções e os processos dominantes estão organizados em redes que, por sua vez, determinam uma nova morfologia social. A lógica de redes reorganiza as operações de experiência, poder e cultura. O novo paradigma da tecnologia da informação fortalece a expansão dessa lógica a uma proporção inédita. A própria lógica de redes é mais forte do que os interesses específicos de certos pontos que a compõe. O poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder (p. 497). Justamente essa proporção inédita à qual se refere o autor, pode ser vista nas manifestações populares ocorridas no Brasil nos anos de 2013 e 2014.

Para Castells (1999b), a Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos (CASTELLS, 1999b, p. 498). Esse autor fala das mudanças sociais que vêm ocorrendo desde o final do século XX, que têm como principal força impulsionadora os movimentos de globalização e avanços tecnológicos e levam a novas interpretações quanto à sociedade. A reestruturação do capitalismo e a revolução da tecnologia introduziram a sociedade em rede como nova organização social, com três pontos principais. O primeiro é a globalização das atividades econômicas no que diz respeito ao ponto de vista estratégico. Essas se modificam e passam a ser organizadas em rede, tendo como características flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão de obra. O segundo é uma cultura baseada em um sistema de mídia onipresente, interligado e diversificado em que é construída uma virtualidade real. E o terceiro é a transformação das bases materiais da vida e o tempo e o espaço perante um espaço de fluxos em que o tempo torna-se atemporal, muito embora acredite-se que o tempo referido pelo autor melhor fosse chamado de "tempo real", uma vez que acontecimentos, notícias e informações em geral chegam ao sujeito em tempo real.

A identidade na sociedade em rede, segundo Castells (1999a), forma-se com a relação entre a matéria-prima que há no mundo e o processamento dessa matéria-prima pelos atores sociais coletivos. Os atores sociais absorvem as referências que têm a sua volta e as influências externas, e realizam escolhas baseadas em direcionamentos de vida, de gostos e de necessidades, bem como de conveniências. Esse processo não é único e nem finito. A

referência que possui um significado suficientemente forte para definir a identidade de alguém em uma determinada época pode não ter mais a mesma força depois de um tempo. Para o autor, mesmo com a fragmentação do sujeito pós-moderno há um sistema de significação capaz de definir o sujeito.

O sujeito da sociedade em rede é fragmentado e não vive mais em um contexto social em que suas maiores referências são definidas pela localidade ou laços consanguíneos. Segundo Castells (2004), ocorre um processo de dissociação entre sociabilidade e localidade e na formação de comunidades. As relações sociais passam a ser regradas por novos modelos, diferentes daqueles determinados pelo território. E a internet vai exercer um importante papel nessa reestruturação das relações sociais, nessa reconfiguração do sujeito.

Um dos elementos mais importantes deste processo é o individualismo como base do novo modelo de sociabilidade. O autor não está afirmando que a *web* crie um modelo de individualismo em rede, mas que o individualismo em rede, já existente, tem na internet o suporte material para que ele se torne forma dominante de sociabilidade. Segundo Castells (2004), o individualismo em rede é um modelo social, ou seja, não constitui uma rede de indivíduos isolados. As redes existem, *online* e *offline*, formadas de acordo com os interesses, valores e afinidades de cada um. Porém, não só por estar em rede formando comunidades, um sujeito perde sua individualidade. Assim, conforme aponta Castells (2004), um sujeito pode manter o seu sentimento individualista, mas fazer parte de relações sociais, o que se concorda na medida em que este mesmo sujeito, segundo um ponto de vista, é protegido pela interface, a exemplo de que para seu bloqueio diante da interação com a *web* basta apenas um clique.

2.3 O Sujeito na Cultura e na Sociedade

Deleuze (2001) em *Empirismo e Subjetividade* faz uma releitura dos pensamentos de Hume a respeito da formação do indivíduo em sociedade como sujeito. O sujeito se define através de um movimento e como um movimento de autodesenvolvimento. Segundo Deleuze (2001) aquilo que se desenvolve é sujeito. Porém, esse movimento é duplo, combinando desenvolvimento de si e devir do outro, já que o sujeito só se define com relação à reflexão que projeta no próximo. Para Hume, a capacidade de ter fé (crer) e inventar (imaginar) é o que torna o sujeito como sujeito. É através dessa capacidade que o sujeito se insere na sociedade, definindo-se com base no convívio e relação com outros, comparações e identificações.

O sujeito pode ainda colocar em cheque aquilo que é tomado como verdade, através do uso de sua subjetividade. Considerando sua capacidade de inferência, o sujeito afirma que sabe mais do que sabe, conectando um tópico a outro. Entre as qualidades sensíveis e os poderes da natureza inferimos uma conexão, conexão que não é conhecida (DELEUZE, 2001, p. 93). Mas o poder que legitima essa subjetividade que invoca novos saberes e questiona os anteriores é atribuído ao indivíduo pela sociedade e cultura em que ele está inserido.

De uma outra maneira somos ainda sujeitos: pelo e no juízo moral, estético ou social. Nesse sentido, o sujeito reflete e se reflete: daquilo que o afeta em geral, ele extrai um poder independente do exercício atual, isto é, uma função pura, e ele ultrapassa sua parcialidade própria. Por isso tornam-se possíveis o artifício e a invenção. O sujeito inventa, ele é artificioso. É esta a dupla potência da subjetividade: crer e inventar; presumir os poderes secretos, supor poderes abstratos, distintos (DELEUZE, 2001, p. 94).

Assim, as ideias que existem, ou já existiram e foram um dia sobrepostas, são um conjunto de invenções que os sujeitos realizam sobre os fatos, com o poder de sua subjetividade, baseada no contexto cultural em que se inserem. Porém, ao constituírem ideias, as pessoas (re)criam a si próprias, envolvendo-se com aquilo que produzem e tornando-se em parte sua produção, assim como a produção é em parte sujeito.

A relação que as pessoas assumem com conteúdo cultural que desenvolvem em sociedade tende a colaborar com a construção e mudança do próprio sujeito e da sociedade em si. Este conteúdo cultural é elaborado com base em dados com os quais as pessoas interagem. A construção do dado cede lugar à constituição do sujeito. O dado já não é dado a um sujeito; este se constitui no dado (DELEUZE, 2001, p. 95). Na medida em que um indivíduo se relaciona com o dado a ponto de torná-lo seu, interpretando-o e reinventando-o, este deixa de ser dado, e torna-se ideia passando a fazer parte do sujeito e de sua subjetividade. Pois é através dessa subjetividade que o sujeito consegue passar pelo processo de compreendê-la e alterá-la, para após compartilhá-la.

Hume define o dado como um movimento fluido de impressões e imagens pessoais. Mas, o que é o dado? É, diz Hume, o fluxo do sensível, uma coleção de impressões e de imagens, um conjunto de percepções. É um conjunto do que aparece, o ser igual à aparência, é o movimento, a mudança sem identidade nem lei (DELEUZE, 2001, p. 95). Já a ideia não é a simples representação de um objeto, e sim uma impressão que não pode ser representativa e

nem introduzida. Existe sim, segundo Deleuze (2001), uma natureza de operações reais, mas os sujeitos apenas são capazes de interpretá-la de acordo com suas especulações. Um vínculo que um indivíduo estabelece com a natureza e seus fatos reais não pode ser determinável, pois a inferência não é dado. É algo colocado por um sujeito que interroga os valores observados de acordo com seu juízo, ou a legitimidade da transformação a que ele submete o dado ou da organização que ele confere a este (DELEUZE, 2001, p. 97).

Da mesma forma, os dados ou organismos e os sentidos como afirma Deleuze (2001, p. 98) não possuem qualidades próprias de forma imediata, semelhantes as de uma natureza humana ou de um sujeito. Por si mesmo, em si mesmo, um órgão é somente uma coleção de impressões consideradas no mecanismo de sua aparição (DELEUZE, 2001, p. 98). Ou seja, o dado não existe em si, mas sim como uma impressão por conta do sujeito e de sua subjetividade. Além disso, o sujeito nunca é capaz de captar o todo de um dado, ele não se apropria de uma ideia completa, mas sim à menor ideia, um fragmento, ou seja, um dado menor que se completa com outros dados, formando um contexto. Deleuze (2001) mostra sua perspectiva sistêmica ao afirmar que o todo não é apenas a soma de suas partes pois as partes tomadas em conjunto se definem, ao contrário, por seu modo de aparição temporal e por vezes espacial, modo objetivo e espontâneo que nada deve à reflexão, nada à construção (DELEUZE, 2001, p. 102).

Segundo Deleuze (2001) o sujeito possui uma imaginação, de uma coleção que devém a uma faculdade e essa coleção distribuída devém a um sistema. Em outras palavras, o sujeito faz inferências devido a sua capacidade imaginativa de acordo com suas coleções de afinidade que forma em seu espírito, considerando os contextos sistêmicos em que insere-se ele próprio, suas ideias, seu corpo, a sociedade em que interage e o próprio dado sobre o qual ele infere. O sujeito crê, ele é síntese, síntese do espírito (DELEUZE, 2001, p. 102). Muito embora não se discorde do autor, entende-se que aquilo a que ele se refere como "espírito", por questões de melhor adequação ao tema, objeto dessa pesquisa, utilizar-se-ia "histórico psíquico" ou, simplesmente, "histórico pessoal" para definir o conjunto de memórias de um indivíduo, aqui chamado sujeito. E acredita-se ser justamente tal histórico o responsável pela introjeção e seleção das informações adquiridas pelo sujeito para posterior análise e reflexão sobre as mesmas, processo psíquico normalmente inconsciente.

O autor também aponta que falar do sujeito é falar de uma duração, um hábito, ou mesmo uma expectativa. A expectativa é hábito e vice-versa, e que o dinamismo da pressão

do passado e o movimento em direção àquilo que está por vir é um dos fatores que define o sujeito. O sujeito é a síntese do tempo, do presente, do passado e do que espera para o futuro. Dessa forma o hábito é a raiz constitutiva do sujeito (DELEUZE, 2001, p. 103), pois é através de sua formação que o indivíduo se costura no tempo. E através desse processo que o passado se coloca como regra do por vir. A memória é importante para trazer impressões de dados passados, mas ela por si própria não imprime sentido. É o hábito que se apresenta como uma síntese dos sentidos. O hábito está para a memória como o sujeito está para o espírito. Nesse sentido, o hábito é para a memória o que o sujeito é para o espírito, mas, além disso e mais ainda, ele prescinde facilmente dessa dimensão do espírito que se chama memória; o hábito não tem necessidade de memória (DELEUZE, 2001, p. 106).

Assim, Deleuze (2001) auxilia a compreender a reformulação de identidade do sujeito na sociedade de informação, da cultura de participação, sobretudo o sujeito interagente no ciberespaço, objeto desta pesquisa. O sujeito que constitui uma identidade *online* promove um desenvolvimento de si para ser observado por seus parceiros, e ao ser influenciado pelas referências do meio evidencia sua comparação com o próximo, a fim de definir a si próprio, reconfigurando-se.

Seguindo esse mesmo raciocínio, Santaella (2007) apresenta uma das características do conceito de *devenir* de Deleuze. O *devenir* se relaciona a um corpo que flutua livremente, fora de sua identidade física e desterritorializado, constituído apenas de desejo dinâmico e intensidades. É um corpo não biológico criado por uma rede de signos ao invés de uma rede de órgãos. De acordo com a autora, a trajetória desse corpo aparece na medida em que as pessoas buscam maneiras de expressarem seu eu através das alterações que praticam em seu corpo físico conforme as modas se modificam. Essas imagens podem refletir aspectos das representações multifacetadas dos sujeitos, como tatuagens, *piercings*, roupas, implantes, enfim, alterações de sua própria imagem. Mas se as imagens tornarem-se muito instáveis e contraditórias podem mostrar um eu disperso e perdido em um labirinto de espelhos (SANTAELLA, 2012, p. 108), o que pode mais comumente ser chamado de um conflito de identidades.

Ocorrem modificações da identidade, segundo Santaella (2007) com relação ao conceito de corpo. Antes da aceleração da vida cotidiana por conta da vida industrializada tinha-se melhor noção dos limites do corpo e de sua identidade unitária. Há desordens identificatórias que constituem o eu apontadas por Jung (2011), que levam os sujeitos a uma

atitude individualista. Noção de instabilidade que tende a crescer com o contato com as inovações tecnológicas. A noção de identidade única e engessada é uma herança do paradigma cartesiano que apontava que a existência do sujeito é idêntica a seu pensamento. Para Santaella (2007), do ponto de vista da psicanálise, a imagem que se tem do *eu* sempre foi um construto do imaginário, e é ele que forma uma ilusão quanto a uma forma coerente e unificada do ser humano. Neste momento, adentra-se em esferas mais profundas da *psiqué* humana sobre as percepções do que se é, do que se pensa ser e do que os outros veem. Assunto que será abordado de maneira minuciosa mais adiante.

Além disso, a autora enfatiza que teorias pós-estruturalistas e desconstrucionistas apontam para a importância da linguagem na formação do sujeito. Este se constitui pela linguagem e a adquire através da significância cultural. A sociedade impõe sobre os indivíduos uma carga simbólica que produz seus efeitos na linguagem. Esta carga simbólica é proveniente de um código moral idealizado no cartesianismo e difundido no iluminismo que serviu de base para a formação da democracia representativa, da economia capitalista e da organização burocrática popular, tornando-se basilar para a identidade cultural no ocidente. Porém, como fora anteriormente exposto, inúmeros questionamentos sociais, conjuntos com protestos populares, as chamadas contraculturas, contribuíram para uma desconstrução dessa formação moral levando os sujeitos a se sentirem livres para buscar novos papéis, chamados *personas* em linguagem psicológica. No entanto, a ruptura que ocorre com essa fundação ocidental não é definitiva, pois ela ainda está presente na vida humana através do inconsciente coletivo. Mesmo assim, os conceitos de identidade e subjetividade tornam-se móveis e cada vez mais problemáticos.

Para Maturana (2001) as emoções do ser humano influenciam em seu comportamento e, portanto, nos processos comunicacionais nos quais está inserido. Para o autor o entrelaçar consensual de linguagem e emoções é chamado conversações. Uma cultura é uma rede fechada de conversações, sendo aprendida e conservada pelos indivíduos nela inserida, teoria da qual se discorda, uma vez que por mais fechada que possa ser definida uma cultura, no contexto atual de globalização, crê-se ser inevitável a abertura de culturas tidas como fechadas diante de um mundo amplamente conectado. Segundo o autor a identidade humana é especificada pela configuração do emocional que vivemos como homo-sapiens e não a conduta racional ou a escolha por um tipo ou outro de aparato tecnológico. Assim, nosso viver é guiado por emoções e não pelo racional como se pensa normalmente.

Dessa forma, existe uma relação de recursividade entre a formação da identidade do indivíduo bem como as mudanças a ela relacionadas e a cultura em que ele se insere. Porém, sua identidade está em constante transformação de acordo com sua trajetória, dependendo de suas conexões com família, amigos e sua rede de contatos em geral, de seus hábitos diários, de suas atividades que o enquadram no sistema social, e ,na maneira como reage a tudo isso. Na perspectiva dos hábitos cotidianos também é possível afirmar que a relação que o indivíduo tem com seus artefatos contribuem para moldar suas referências, suas identificações e a maneira como se coloca no mundo.

Além disso, os papéis que o sujeito representa na sociedade se modificam ao longo de sua vida, o que influencia na formação de sua identidade. A identidade do sujeito é o conjunto de papéis que o mesmo representa e que representou em sua trajetória, sendo uma maneira única de identificação de cada um. Goffman (2007) realizou estudos sobre papéis e enquadramentos dos sujeitos na sociedade. Suas pesquisas são relevantes na medida em que explicam a relação que um indivíduo tem com os sujeitos com os quais interage e que compõem a sociedade. Um indivíduo se define com relação aos outros que estão presentes em suas vidas e que não são o próprio indivíduo. Assim, Goffman (2007) relaciona, em sua pesquisa, os lados do observador e do observado em uma interlocução social. Os observadores são aqueles que observam o interlocutor, ou seja, o sujeito que se utiliza de sua linguagem para expressar-se. Ao observar o sujeito que se expressa, os observadores desenvolvem inferências sobre o mesmo, as quais podem variar de acordo com determinados fatores, como a quantidade de informações que já possuem sobre a pessoa caso a conheçam. O que o autor aponta é que na maioria dos casos os observadores fazem inferências realizando um juízo daquele que se está falando.

Quanto ao indivíduo observado, Goffman (2007) aponta que independente de seu objetivo particular em realizar a interlocução, será do interesse dele regular a conduta dos que o observam, especialmente com relação às inferências realizadas. Ao se expressar, o sujeito utiliza dos conhecimentos que lhe estão disponíveis para que a definição de sua própria situação formulada por seus próximos esteja de acordo com a esperada por ele. Assim, quando este chega à presença de um grupo possui, na maioria dos casos, alguma razão que o leva a atuar de forma a transmitir ao grupo a impressão que lhe interessa.

Na análise do autor, uma relação social tende a ser harmoniosa no sentido de que um participante coloca a necessidade de uma transmissão de uma visão da situação que julga ser

aceitável aos outros acima da necessidade de transmissão de seus reais sentimentos e desejos. Isso é feito através de afirmações concordantes com certos valores coletivos que invocam o próximo a agir da mesma forma. Os participantes em conjunto contribuem para uma única definição geral da situação. (GOFFMAN, 2007, p. 18). O autor chama este processo de *Modus vivendi interacional*. De forma arbitrária é buscado o *consenso operacional* e evita-se um conflito quanto às definições da situação. Para uma pessoa é mais fácil escolher a linha de tratamento que vai dar a outrem e esperar em troca no começo da relação do que fazer alterações posteriores, com o percurso já iniciado. Assim, para Goffman (2007) quando um indivíduo representa um papel na sociedade ele espera que os observadores o levem a sério, e que tenham uma crença neste papel que está sendo representado. Trata-se de reconhecimento.

Em que pese o valor e a contribuição das teorias de Goffman para esta pesquisa, enquanto cientista social, entende-se que outros tantos aspectos devem ser considerados, para melhor compreensão da realidade psíquica do sujeito, bem como de sua representação diante da *web*: um estudo mais aprofundado sobre sua identidade, bem como suas respectivas manifestações se faz indispensável como forma de melhor entendimento de seu comportamento e de sua (re)configuração. Neste ponto, Jung (2011) propõe uma teoria sobre a *persona*, que é a maneira através da qual o sujeito apresenta-se ao mundo. O termo *persona* é derivado da palavra latina equivalente à máscara. Trata-se do caráter que o sujeito assume diante a sociedade, logo, da *web*. A *persona* inclui nossos papéis sociais, desde a definição e preparação de nossa imagem até a maneira como nos comportamos nas mais diversas situações do cotidiano e, além disso, tem a função de nos proteger das diversas forças e atitudes sociais que nos invadem.

A adaptação ao mundo exige do sujeito certo formato, ou seja, um conjunto de atitudes, sentimentos e pensamentos. Essa configuração é necessária para que o sujeito se adeque ao ambiente no qual vive e, se inicia com os primeiros contatos sociais a começar pelo ambiente familiar da criança. Seu papel inicial é o de "filho", o que implica um determinado tipo de comportamento diante de seus pais que pode variar de acordo com a cultura e costumes locais aos quais estão todos submetidos. À medida de seu crescimento, a criança passa a conviver com parentes e, posteriormente, no ambiente escolar, entre outros. Assim, vai desenvolvendo outras características de sua personalidade, a saber, tantas outras *personas*, uma vez que ocupa posições enquanto aluno de uma escola, por exemplo, incrementando ainda mais os conhecidos e chamados papéis sociais.

Uma vez crescido, o adolescente irá escolher a profissão ou atividade de trabalho que personifica o modelo que este possui como referência e que será baseado em sua percepção, ou seja, na história de sua própria vida.

Assim, a *persona* é o produto final de uma série de adaptações entre o que o mundo de fora exige, começando pelos pais, e o que se tem dentro de si mesmo, enquanto sujeito, de maneira que a *persona* se desenvolve a partir da consciência coletiva. Para uma noção melhor acerca da consciência coletiva, Durkheim (1990) afirma que o conjunto de crenças e de sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem sua vida própria; pode-se chamá-lo de consciência coletiva ou consciência comum. Sem dúvida, ela não tem por substrato um único órgão; ela é, por definição, difusa em toda extensão da sociedade; mas não tem caracteres específicos que a tornem uma realidade distinta. Com efeito, ela independe das condições particulares em que se encontram os indivíduos; eles passam e ela permanece. É a mesma no Norte e no Sul, nas grandes e nas pequenas cidades, nas mais diferentes profissões. Da mesma forma, não muda a cada geração mas, ao contrário enlaça umas às outras as gerações sucessivas. Ela é, portanto, uma coisa inteiramente diferente das consciências particulares, ainda que não se realize senão nos indivíduos. Ela forma o tipo psíquico da sociedade, tipo que tem suas propriedades, suas condições de existência, seu modo de desenvolvimento, tais quais os tipos individuais, ainda que de uma outra maneira. Existem nas pessoas duas consciências: uma contendo os estados que são pessoais a cada um e que nos caracterizam, enquanto os estados que abrangem a outra são comuns a toda sociedade. A primeira só representa nossa personalidade individual e a constitui; a segunda é do tipo coletivo e, por conseguinte, a sociedade sem a qual não existiria. Quando um dos elementos desta última é quem determina nossa conduta, não é em vista do nosso interesse pessoal que agimos, mas perseguimos fins coletivos.

Dessa maneira, a *persona* se origina da relação entre a consciência coletiva e o indivíduo, representando o que Jung (2011) chamou de arquétipo de adaptação, isto é, do impulso natural que leva o indivíduo ao contato com o mundo. Fundamental para a individuação da consciência na primeira infância, a *persona* direciona a consciência ao mundo exterior, ao mundo da linguagem, assumindo sua forma no contato com a consciência coletiva. Como máscara, ou máscaras, a *persona* vai possibilitar a inserção saudável do sujeito na sociedade, agregando a si, os papéis sociais que darão identidade ao indivíduo

como o papel de filho, do irmão, o papel sexual, de colega, de aluno, todos estes papéis que correspondem à identidade e à maneira como o sujeito se reconhece.

Segundo Hall (2000), existem, entretanto, casos de funcionamento anômalo da persona que exigem com frequência uma intervenção psicoterapêutica. Três destacam-se: (1) desenvolvimento excessivo da persona; (2) o desenvolvimento inadequado da persona; e (3) identidade com a persona a tal ponto que o ego se sente equivocadamente idêntico ao papel social primário. O desenvolvimento excessivo da persona pode produzir uma personalidade que preenche com precisão os papéis sociais, mas deixa a impressão de que não existe, *õdentroö*, uma pessoa real. O desenvolvimento insuficiente da persona produz uma personalidade que é abertamente vulnerável à possibilidade de rejeição e dano, ou de ser arrebatada ou eliminada pelas pessoas com quem se relaciona.(...)A identificação com a persona é um problema que se reveste de maior gravidade, em que existisse uma percepção insuficiente de que o ego é inseparável do papel da persona social, de modo o que tudo o que ameace o papel social é vivenciado como uma ameaça direta à integridade do próprio ego.ö (HALL, Jung e a interpretação dos Sonhos, p. 24)

A identidade está intimamente ligada com a cultura de um ambiente. O sujeito é formado por essa cultura através da linguagem, dos hábitos e dos costumes. A organização social, constituída pelos sujeitos, que se conectam de acordo com as movimentações das redes sociais, forma a cultura que engloba e condiciona a todos.

Assim, busca-se uma melhor compreensão do sujeito conectado, e de sua formação de identidade em ambientes de redes sociais *online*, considerando o universo cultural em que se insere, suas participações e os processos de interação e representação que constituem.

3. Cultura Digital e Identidade do Sujeito

O sujeito e as identidades que este forma são resultados da relação que o mesmo estabelece com o contexto histórico-social em que está inserido, como já sabido. Sua criação e formação, bem como as referências que lhe são exercidas no processo contribuem para todos os aspectos que o estarão constituindo como indivíduo, tais como valores, afinidades e trajetória de vida. Busca-se, no presente capítulo, uma compreensão de como a expansão do quadro da cultura digital agiu de forma a colocar os sujeitos em novas perspectivas para formação de sua identidade. Já que a investigação principal consiste em saber se a interação que os indivíduos exercem em rede através de novos artefatos digitais resulta em uma reconfiguração cultural, bem como a recursivamente nas constituições identitárias. Assim, a cultura digital age na reconfiguração do sujeito? Supõe-se que a interação que os sujeitos exercem com as inovações tecnológicas contribui para mudanças na relação indivíduo, cultura e sociedade, alterando assim as maneiras que as pessoas interpretam o mundo e a si próprias.

Turkle (2005) escreveu em 1984 que a nossa sociedade é narcisista e possui uma intensa busca por espelhos, sendo o computador a primeira máquina psicológica representativa de um novo tipo de espelho. Mas, também aponta que é preciso observar as ansiedades que existem por trás dessa realidade e que levam os sujeitos a se tornarem inseguros e terem dificuldades de se compreenderem. Além da natureza analítica, o computador possui uma segunda natureza, a evocativa, que atrai e provoca os sujeitos.

Confronta-se, então, a teoria de Jung (2011), antes apresentada, no sentido de que o posicionamento do sujeito diante o computador conectado à rede, é resultado de mais uma faceta de sua personalidade, ora chamada pelo autor de *persona*. O sujeito, projetando sua imagem, seus desejos e suas ânsias defronte o espelho de Turkle (2005), depara-se com um mundo em si mesmo, ou seja, o próprio sujeito, enxerga como um amplo campo de possibilidades para agir e reagir através de uma série de características de sua personalidade que podem ser desde as mais simuladas, uma vez que se encontra protegido pela interface do aparato tecnológico que tem diante de si, até as mais representativas de sua identidade, de maneira a tornar reconhecer este ambiente de rede como o mais adequado para manifestar posições, por exemplo, que em sua vida cotidiana seriam omitidas no caso de um sujeito com características de introversão. Por outro lado, em se tratando de tipo psicológico diverso do

exemplificado, pode também o sujeito manifestar comportamentos que reforcem os já manifestados em seu dia-a-dia.

A interface, nesse momento, ocupará papel de uma espécie de filtro, através do qual o sujeito disporá livremente da *persona* a ser utilizada para interagir com o ambiente de rede. Esse processo poderá sofrer variações de acordo os papéis já desempenhados pelo sujeito em seu cotidiano ou, também, poderá ser o resultado de novas combinações através de um processo psíquico que pode ser consciente ou inconsciente, este último ocorrente na maioria dos casos.

Ao acessar o ambiente de rede, o sujeito se depara com uma espécie de conflito psicológico conjugado com identificações, reprovações, ânsias de manifestar o que sente, o que pensa, podendo também sofrer retaliação social no sentido de que nem todo o pensado, poderá, de fato, ser dito. Porém, a proteção oferecida pela interface, sempre será a maior atração de maneira a encorajá-lo a utilizar seu equipamento tecnológico conforme apontou Turkle (2005) no sentido de que vivemos em uma cultura que convida a todos a se tornarem íntimos dessa segunda natureza dos computadores.

Essa relação ocasiona uma série de tensões que, por sua vez, levam a busca de novas resoluções que marcam a cultura do sujeito como um todo. Os computadores, segundo Turkle (2005) modificam a sociedade porque se erguem como um novo espelho que reflete a mente como uma máquina. A autora demonstra preocupações que surgem com os primeiros computadores pessoais, em meados da década de 1980 de que a convivência com as máquinas leva os humanos a questionarem-se a si próprios, por se verem diante de um artefato capaz de realizar raciocínio. Ela apresenta tensões que surgiam entre aceitação e resistência à inovação tecnológica, com pensamentos oriundos da década de 1960. Os valores dessa época pregavam simplicidade, auto expressão, autenticidade e emoções puras, os quais se opunham ao racionalismo. Os inventos tecnológicos eram vistos como símbolo da racionalidade que apoiava os valores da máquina do governo, do sistema, ou seja, algo que não se enquadrava no universo dos sentimentos humanos. Para ela o computador era ao mesmo tempo visto como ameaça e obsessão, tabu e fascinação.

A infiltração dos dispositivos tecnológicos na sociedade ampliam questionamentos em uma perspectiva macro, que aos poucos vão percorrendo todas as parcelas da sociedade e modificando a cultura. Ao tomar o sujeito e a configuração de sua identidade como foco

central pode-se considerar alterações na relação que ele tem consigo mesmo e seus contatos, sejam íntimos ou distantes, na relação que ele tem com seu ambiente de trabalho, com o mercado, com a sociedade e até mesmo com os objetos que o cercam. Assim, novos papéis se formam e os sujeitos vão constituir novas estruturas como indivíduo, como integrante de uma família, como amigo, como empregador ou empregado, como consumidor e como cidadão. Trata-se da criação de novas *personas*, como resposta da condição psíquica do sujeito de até então, adaptar-se às exigências de novos tempos.

Recentemente, uma difusão de recursos tornou possível não apenas a exposição dos indivíduos a conteúdo apresentado através de dispositivos tecnológicos, como no consumo de mídia de massa; a dita difusão também permitiu a interação através da criação de conteúdo, postagem e compartilhamento a uma rede de contatos formada, o que, evidentemente, alterou a própria maneira como os sujeitos se relacionam com os mais diversos tipos de conteúdos. A partir dessa constatação, Tapscott (2008) apresenta um ponto de vista para estudo dos novos hábitos de relacionamento baseado nos avanços tecnológicos relativos a gerações mais recentes. Ele pesquisa a Geração Y, ou Geração Net (pessoas nascidas de 1977 a 1997 que se tratam de um reflexo dos *Baby Bombers*, geração dos nascidos no período pós-guerra) e apresenta vários pontos positivos e negativos quanto a essas modificações.

Segundo Tapscott (2008) essa geração foi criada em um mundo que a interação com o aparato tecnológico é cada vez mais crescente, culminando com os tempos contemporâneos de contato ubíquo com aparelhos móveis sempre conectados à internet. Através desses aparelhos é possível compartilhar informações constantes sobre hábitos pessoais diários, como locais que se frequenta, produtos que se consome, pessoas com quem se interage, à distância ou presencialmente, e até mesmo aspectos mais íntimos do eu, como humor ou sentimentos.

Esse autor também vai apontar que a Geração Net teve uma formação cerebral diferente das gerações que a antecederam, por conta do contato com objetos tecnológicos desde cedo, tendo uma maneira diferente de processar informações, no sentido de que apresentam muito mais facilidade em absorver e compreender imagens em movimento acelerado. Ele cita dois pesquisadores do funcionamento do cérebro, Stanley e Mathew Kutcher. Eles, por sua vez, afirmam que o tempo passado com os objetos tecnológicos pode estar alterando a estrutura física e o funcionamento do cérebro. Eles ainda descrevem dois períodos principais de desenvolvimento cerebral: o primeiro vai do nascimento aos três anos

de idade, no qual, Tapscott (2008) supõe que os integrantes da geração Net receberam mais estímulo que seus antecessores; o segundo é na adolescência, sendo que a Geração Net já consumia conteúdos interativos de forma ativa desde essa idade. A partir do observado e, com base na teoria trazida, uma conclusão, inevitavelmente vez à luz: a reconfiguração do sujeito, muito antes de ser psíquica, pode ser considerada de caráter biológico.

Tapscott (2008) discorre sobre pontos negativos apresentados por outros pesquisadores na área. Ele traz essas questões para a discussão na medida em que pretende apresentar os contrapontos para que o leitor possa considerar a questão de forma mais complexa. Segundo ele, uma das principais críticas apresentadas se refere a que essa seja uma geração burra e com dificuldade de concentração¹⁹. Que, além disso, estão com medo do mundo e com dificuldades de escolher um caminho único para seguir a vida e lidar com independência. Não respeitam propriedades intelectuais, praticam *bullying online*, são violentos, não têm ética profissional e resultarão em maus empregados. Os autores ainda apontam que se trata da geração mais narcisista dos últimos tempos. A título de exemplo, pode ser observado em qualquer uma das redes sociais mais populares, quiçá o próprio Facebook, a numerosa quantidade de fotos sacadas pelos próprios usuários que as publicam: são os chamados *selfies*, termo que pode ser traduzido para a Língua Portuguesa como autorretrato. Eis, portanto, o típico fenômeno representativo da geração narcisista apontada pelos autores.

Todos os aspectos até então apresentados tratam-se de ocorrências sociais que podem ser detectadas em tantas outras gerações de épocas divergentes das abordadas nesta pesquisa. Ocorre que por ocasião de outras épocas históricas adaptadas, porém, à ausência de extenso aparato tecnológico como nos dias atuais, também é perceptível a recorrência de crises identitárias e de desestabilização de papéis sociais. Os referidos papéis podem ser potencializados pelas interações através de dispositivos digitais, ou mesmo, mais evidenciadas pela comunicação em rede; estes, porém, não são consequência direta dessa nova ordem cultural. O que ocorre atualmente e que Tapscott (2008) apresenta tão bem é uma reestruturação do sujeito com relação a várias instituições sociais, auxiliando na reconstrução de seus papéis e da maneira como o próprio sujeito se interpreta. Uma crítica que pode ser citada como exclusiva da cultura digital é a de falta de cuidados com exposição de sua vida

¹⁹ Segundo alguns autores como Mark Bauerlein, a geração atual é a mais burra que já houve. Estes teóricos discordam da ideia que ocorrerá um novo renascimento na era digital, e sim que os indivíduos tornar-se-ão cada vez mais incapazes de posicionamento crítico.

pessoal em sistemas de redes sociais, como o Facebook. Nesse sentido, Keen (2012) define esse fenômeno como "vertigem digital" e aponta como sente um mal estar por saber que suas redes de contatos podem obter informações sobre ele constantemente. Trata-se, realmente de um aspecto que se relaciona intimamente com as novas configurações que o sujeito e a sociedade atravessam com o surgimento e expansão da cultura digital.

A pesquisa de Tapscott (2008) levanta essas questões entrevistando mais de 6000 integrantes da geração net entre 2006 e 2008. Ele descreve a geração como constituída de pessoas capazes de realizar multitarefas e interagir com vários tipos de mídia, além da capacidade de assistir a um filme em uma tela de duas polegadas. Entre suas características, também lista o uso do telefone celular, para envio de sms, acesso a internet, obtenção de direções, registro e compartilhamento de fotos e vídeos. Ainda segundo Tapscott (2008) os jovens têm uma aptidão natural para interagir com inovações tecnológicas e acabam entrando em contato com as mesmas antes dos indivíduos de outras gerações.

Como pontos positivos, o autor indica que essa geração é mais tolerante à diversidade racial e sexual, mais inteligente e mais rápida que seus antecessores. Seus integrantes estão reconstruindo todas as estruturas da vida moderna, como participação política, educação, locais de trabalho e de consumo. As próprias organizações se reconfiguram na maneira como supervisionam o talento, pois as estruturas de hierarquia se modificam na medida em que indivíduos dessa geração abordam o trabalho de forma cada vez mais colaborativa. Como consumidores, querem ser *prosumers*, ou seja, participar da produção daquilo que consomem visando artefatos cada vez mais personalizados. Não se contentam em receber um produto pronto e massificado, mas esperam participar de sua criação e consomem além do produto, também a experiência relacionada. Diferente de suas gerações anteriores, cuja exposição midiática principal se limitava à televisão, a Geração Net está acostumada a interagir com os produtos que consome, seja através de *sites* da internet, aplicativos, *video games*, ou mesmo serviços de interação presencial. Estes, aos poucos também se mobilizam e realizam reconfigurações no ativismo social e na educação, utilizando novos canais da mídia para se engajarem em conversações referentes às causas, organizando encontros presenciais como as já citadas manifestações ocorridas nos Brasil em 2013 e 2014.

Segundo o autor, a geração Y tem algumas características principais que definem seu comportamento e a maneira como interagem modificando a cultura de sua era. A primeira é com relação ao seu desejo de liberdade em todas as esferas de suas vidas, desde expressão até

as opções de escolha, uma vez que foram criados sob preceitos de livre arbítrio e direitos igualitários, herdeiros das contraculturas dos anos 1960 e 1970, resultando em um tipo específico de perfil que não aceita ser privado disso. A segunda característica, reflexo da primeira, é sua preferência por possibilidades de customização de produtos, serviços ou mesmo das experiências que vivenciam. A terceira trata-se de sua forte tendência a examinar experiências presenciais, conteúdos midiáticos ou produtos com grande atenção a detalhes. A quarta é seu desejo por entretenimento em todas as esferas, vida pessoal, profissional e educacional. Na quinta característica, Tapscott (2008) aponta que se trata da geração da colaboração e dos relacionamentos. É nessa geração, de fato, que se forma a cultura da participação potencializada pelas mídias sociais. A sexta característica refere-se ao fato de que são aficionados em velocidade, tornando-se facilmente impacientes com respostas lentas em qualquer âmbito de suas relações. A sétima diz respeito a seu caráter inovador, já que os sujeitos estão sempre buscando novas formas de implementar processos de qualquer tipo, seja na vida pessoal ou profissional.

É possível afirmar que todas as acima referidas características se complementam e fazem parte de um mesmo contexto social que cerca a geração Y. A origem de todos esses aspectos se encontra na própria formação da identidade de cada indivíduo, ou seja, a formação de uma nova cultura com base nessas modificações que age de forma a reconfigurar o sujeito. Tapscott (2008) apresenta uma série de modificações acarretadas na sociedade que podem ser observadas com base nas interações efetuadas por essa geração. Entre elas, estão alterações no mercado e no marketing, não apenas por terem um grande poder de compra e influência, mas também por apreciarem diferentes características em produtos e serviços, e por quererem companhias que possam criar experiências ricas de consumo. Ocorre também influência de uns aos outros e de outras gerações, nas escolhas de consumo e comportamento. A propósito, chama a atenção que a mídia tradicional já não é tão eficiente ao atingi-los, posto que para essa geração, a busca por informação ou entretenimento deve se tornar uma conversação ó para que possam participar de cada processo ó o que mostra seu caráter ativo, em detrimento da passividade tão típica de outras gerações.

Sibilia (2008) apresenta um dos principais aspectos de reconfiguração do *eu* através das trocas efetuadas na *web*. A autora defende a ideia de que com a democratização de meios de registro e compartilhamento de diferentes conteúdos ocorre uma hipertrofia do *eu*, em que qualquer história vale a pena ser contada. O *eu* assume um novo papel de importância no

cenário da mídia e nesse contexto deseja-se sempre mais. Cada vez mais o destaque é direcionado ao sujeito que consegue atingir o maior estágio de *ôser diferente* (Sibilia, 2008, p. 08), ou seja, de originalidade e recriação de si mesmo. Para a autora *ôglorifica-se a menor das pequenezas, enquanto se parece buscar a maior das grandezas*. (Sibilia, 2008, p. 11).

Nos sistemas de redes sociais, a mencionada *hipertrofia do eu* ocorre com frequência, uma vez que cada sujeito, ao criar um perfil, passa a possuir um canal de comunicação através do qual pode divulgar informações sobre sua vida e, mais do que isso, formar narrativas que juntas compõem sua representação diante dos outros. Com a participação cada vez mais ampla nesse tipo de *sites* e formas de compartilhamento cada vez mais diversas, as narrativas tornam-se bastante diversificadas. O próprio sujeito reconstrói suas maneiras de interagir com sua rede de contatos através desses ambientes, incorporando novas formas de divulgar informações, como acontecimentos corriqueiros do seu cotidiano. Neste ponto, é perfeitamente possível conjugar as teorias sobre a geração narcisista de Tapscott (2008) com a percepção da *hipertrofia do eu* de Sibilia (2008), além do defendido por Jung (2011): o sujeito reconfigurado por sua relação com a *web* desenvolve uma nova *persona* como resultado de uma combinação de uma série de comportamentos sociais "filtrados" pela interface diante da qual ele está, bem como de todas suas capacidades cognitivas. O referido processo psíquico pode ser, na maioria dos casos, um processo inconsciente, porém, perfeitamente reconhecível como se comprovará mais adiante na pesquisa de campo realizada para esse estudo.

Logo, em um contexto contemporâneo em que muitas pessoas têm possibilidade de se tornar um canal que compartilha conteúdo, ou seja, dividindo informações, conhecimentos, manifestações em geral, que, todo ponto de vista psíquico representa uma sólida maneira de expor aquilo que se pensa, aquilo que se é e aquilo que se pensa ser, novas dinâmicas ocorrem para definir aqueles que se destacam e os que se confundem com o todo. Segundo a autora, o conceito de *ôvocê, eu e todos nós* age em prol de uma transformação da era da comunicação. O que, sem dúvida, acaba transformando a maneira como se vivia outrora, reconfigurando as relações humanas e, por conseguinte, reconfigurando o próprio sujeito. Nesse contexto, Sibilia (2008) aborda a exibição *online* analisando as diferenças entre sujeitos com menor e maior visibilidade. Por fim, há de se concordar com a seguinte constatação: trata-se de uma nova configuração em que o mundo passa a ser composto por seguidores e seguidos, ou ainda, aqueles que compartilham o conteúdo e aqueles que criam o conteúdo a ser compartilhado. O

sujeito passa a assumir novas referências, sem, entretanto, deixar de ser ele mesmo uma nova referência para tantos outros, assim como ele mesmo.

Essa nova relação, mais íntima com possibilidades de registro, publicação e compartilhamento de conteúdo passa a ser um fator que contribui com as alterações na interpretação do sujeito. Sibilia (2008) discorre sobre a formação de identidade e contexto cultural. Ela afirma que todos os vetores socioculturais exercem uma pressão sobre os sujeitos dos diversos tempos e espaços. Segundo a autora "Nesse movimento, transformam-se também os tipos de corpos que são produzidos no dia-a-dia, bem como as formas de ser e estar no mundo, que são compatíveis com cada um desses universos" (Sibilia, 2008, p. 15). Ela analisa a formação de subjetividade, afirmando que esta é sempre necessariamente *embodied*, ou seja, encarnada em um corpo. E também, *embedded*, embebida em uma cultura intersubjetiva. Assim, ela reforça a importância do contexto cultural na formação do eu, afirmando que o campo da experiência subjetiva se altera no contexto das mudanças nas possibilidades de interação e nas pressões históricas; e que esse processo é visto como um jogo complexo, múltiplo e aberto.

Registra-se um locus interior em proveito de uma gradativa exteriorização do eu (p. 115). Ocorrem abalos tanto no eixo espacial quanto no temporal, ou seja, crise no embasamento do passado como legitimador do eu moderno. Para a autora, atualmente, tanto a busca pela compreensão da interioridade psicológica, quanto a reconstituição do passado individual perdem importância ao definirem-se novas identidades. Há de se concordar, afinal, um dos reflexos mais suscetíveis de serem percebidos na rede social é uma tentativa, por parte de cada um, de construir uma história sobre o hoje (quase de um passado muito próximo ou diretamente conectado com o presente), na medida em que o que se busca é o novo, o recém postado, o último instante, a atualização.

Por isso, não se trata apenas de um abatimento na contemplação introspectiva, mas também o olhar retrospectivo tende a se extinguir nas novas práticas auto referentes, atenuando seu valor outrora primordial na constituição da própria vida como um relato (SIBILIA, 2008, p. 116).

Os novos relatos de si possuem profunda relação com a atualização, pois trata-se de fragmentos de conteúdos adicionados constantemente, em que o mais atual adquire maior importância. Para a autora, nessa realidade subjetiva, desafia-se a reflexão aprofundada do eu,

tendendo-se para novas formas de autoconstrução. Além disso, o *eu* apresentado traz uma falta de coerência diacrônica. Ela relaciona a constante necessidade de atualização nos novos relatos de si com as discussões a cerca das crises dos modelos de temporalidade que se tornaram lugar comum no final do século XX.

A destemporalização seria um dos elementos constitutivos deste novo quadro: o abandono da ideia do tempo como um fluxo linear e constante, impulsionado com todo vigor das forças históricas que o empurravam do passado em direção a um futuro prodigiosamente aberto. (SIBILIA, 2008, p. 117).

Atualmente muito se discute com relação aos registros criados pelos sujeitos através de suas atualizações em seus perfis nos sistemas de redes sociais. Pois tudo que é compartilhado é gravado em memória digital podendo ser recuperado posteriormente a qualquer momento, dependendo das opções de privacidade²⁰. A importância do mais atual, daquilo que é publicado mais recentemente ainda é grande, mas novas formas de visualização e recuperação de dados permitem que informações compartilhadas há mais tempo também ganhem notoriedade. No grande mercado de empresas da era digital existe um trabalho extenso de pesquisa e desenvolvimento para tratamento e recuperação daquilo que foi chamado de *Big Data*.

O *Big Data* trata-se da reunião de poderosos bancos de dados, como do Google²¹, Bing²² e Facebook²³ com informações pessoais de escala mundial. Por ser um conjunto de dados muito extenso²⁴, torna-se cada vez mais difícil o armazenamento dessas informações de forma que sua recuperação seja eficiente para que possam ser efetuadas buscas, ou mesmo que sejam tratadas para uso em redes de marketing. Assim, as pessoas, ao compartilharem seus dados, criam um registro permanente de suas vidas, que pode para sempre ser recuperado não apenas por outros sujeitos para uso pessoal, mas também por empresas para uso mercadológico. E cada vez mais essas empresas, que controlam os dados, criam ferramentas mais eficazes para recuperá-los e tratá-los. No dia 15 de janeiro de 2013, o Facebook lançou o *Graph Search*, uma ferramenta de busca avançada que permite seus usuários a realizarem

²⁰ As opções de privacidade do ambiente de rede social no qual será realizada a pesquisa empírica serão descritas no capítulo 4

²¹ <http://google.com>

²² <http://br.bing.com>

²³ <http://facebook.com>

²⁴ Em 2012 o tamanho da chamada Big Data foi estimado em exabytes que equivale a 1 quintilhão de bytes. Fonte - http://en.wikipedia.org/wiki/Big_data

pesquisas com base nos dados compartilhados pessoais e de amigos, de acordo com as opções de privacidade. Essa ferramenta ainda está em sua versão beta e apenas disponível para usuários estadunidenses, mas os brasileiros já podem se inscrever em uma lista de espera para testar a ferramenta.

Tapscott (2008) aponta que atualmente a *web* é baseada na linguagem XML (*Extensible Markup Language*) que organiza os conteúdos inseridos em uma plataforma *web* em pacotes de dados que podem ser lidos tanto por seres humanos, quanto pelas máquinas. Assim, esses pacotes podem ser utilizados para a criação de funcionalidades em que o conteúdo influencia no resultado, mesmo sendo o conteúdo dinâmico inserido pelo usuário. É um conjunto de dados em formato de texto, que se comunica com linguagens de programação diversas. Dessa forma, toda vez que se utiliza alguma plataforma *web*, se está modificando-a. A *web* antiga era um local para se buscar conteúdo. A *web* nova é um meio de comunicação que possibilita as pessoas a criarem seu próprio conteúdo, colaborar em conjunto e criarem comunidades.

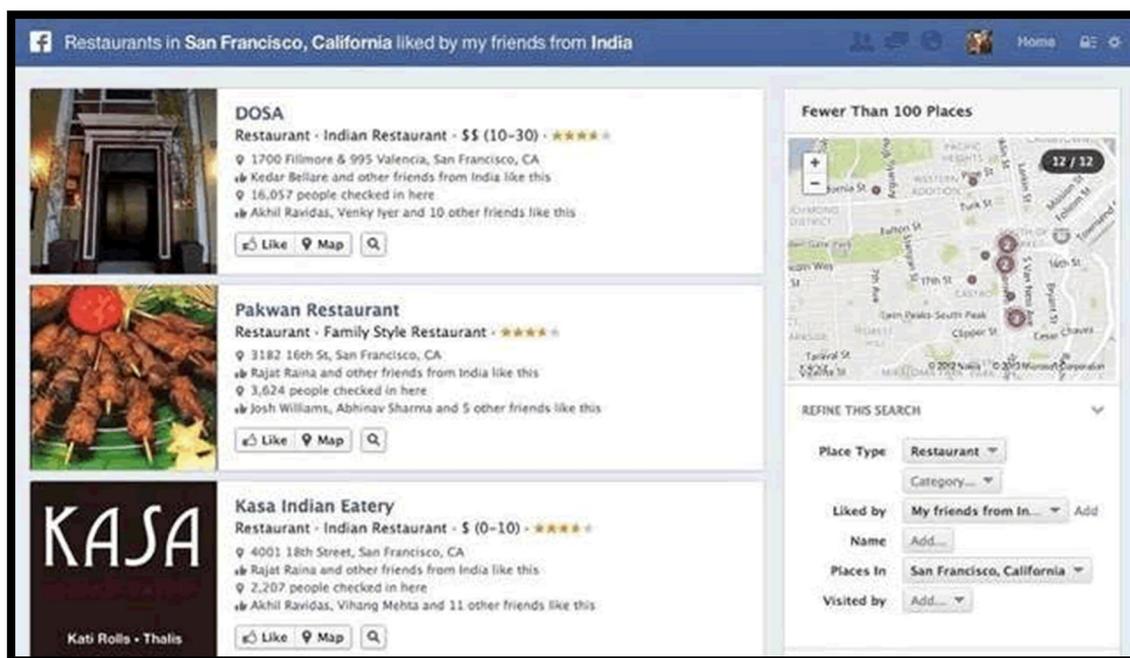


Figura 2 ó Exemplo de resultado de busca do Graph Search do Facebook. Fonte - <http://theamazingfacebookworld.blogspot.com.br/2013/02/6-reasons-why-facebook-graph-search.html>

Por muito tempo a representação *online* foi marcada pelas antigas *Home Pages*, feitas com simples código HTML construídas com um conteúdo estático. Com o desenvolvimento de novas ferramentas tecnológicas impulsionadas por novas formas de compartilhamento,

cada vez mais a representação *online* é feita de forma dinâmica. Em um estudo realizado em 2009²⁵ pesquisou-se, para a obtenção do título de mestrado, as mudanças da representação *online* do sujeito através da nova prática de *lifestreaming*, em que uma página é alimentada com atualizações realizadas por indivíduos em tempo real. Essa página pode trazer atualizações de várias características dependendo da configuração efetuada por seu usuário.

O *News Feed* do Facebook é um exemplo de *lifestreaming*, na medida em que traz para a tela inicial do *site* as atualizações efetuadas pelos contatos de uma pessoa na rede social. A própria *Timeline* de um sujeito específico é outro exemplo de *lifestreaming*, pois traz uma combinação de seus compartilhamentos agrupados em um mesmo espaço. Assim, a representação dos sujeitos em um *site* de rede social pode ocorrer tanto de forma fragmentada quanto agrupada.

O exemplo de fragmentada é o *News Feed*, onde a atualização de uma pessoa aparece misturada com atualizações de seus contatos, de anúncios promocionais, atualizações de empresas, entre outras. A agrupada ocorre em seu perfil, no caso do Facebook a *Timeline* e a página de *obse* onde é possível inserir algumas informações pessoais. A representação fragmentada é um exemplo do sujeito imerso em um espelho social, na medida em que suas afinidades, sentimentos e opiniões são mescladas às manifestações de pessoas que compõem seu mundo, partilham de sua cultura e influenciam a formação de sua identidade.

A representação agrupada é uma tentativa de retratação dessa identidade, que se torna, porém, difícil de controlar por ser dinâmica, por ser o resultado da combinação de compartilhamentos realizados em momentos diferentes, com humores diferentes e até mesmo locais diferentes. Nos dois casos essa representação ocorre em formato de trajetória, pois é uma conjunção de elementos reunidos com variação de tempo e espaço. Diante disso tudo, os *blogs* pessoais como diários íntimos, tão discutidos nos primeiros anos de popularização da *web* se tornam uma visão restrita. No entanto, os fragmentos de representação compartilhados no Facebook, na maioria dos casos, possuem um teor superficial se comparados aos diários íntimos expostos *online*.

Segundo Sibilia (2008), no período moderno, tornou-se bastante recorrente uma metodologia de auto exploração por parte dos indivíduos, orientados por psicólogos. Sigmund

²⁵ Pesquisa realizada para dissertação de mestrado pelo PPGCOM/UFRGS. Fonte - http://sabi.ufrgs.br/F/YCJD69D18KESI1BHT5FSN11KCTH7IGHTGC7ED6CLCY19UG466U-13722?func=full-set-set&set_number=096573&set_entry=000002&format=999

Freud foi o responsável inicial desta prática, chamada arqueologia do *eu*. Muitas vezes realizadas através da inscrição, de subjetividade em diários íntimos para melhor compreensão de si mesmo e recuperação de memórias distantes, o que ocorria com a prática da Psicanálise. Esse fenômeno se concretizou, logo após com a Psicoterapia, através de linhas de orientação distintas da freudiana, através da análise das várias camadas dos inconscientes coletivo e individual, mais precisamente com Jung (2011), que levaram o sujeito ao reconhecimento de sua subjetividade, chamado pelo autor de processo de individuação. Porém, muito embora, ao longo do tempo, tantas outras linhas de orientação psicológica fossem surgindo, atualmente a prática é pouco popular, considerando a inquietação e agilidade que o cotidiano contemporâneo exige do homem, de maneira que o sujeito comum está fadado à incompreensão de seu próprio *eu*.

No entanto, Sibilia (2008) afirma que existem, no universo digital, outras formas de recepção do *eu* através de narrativas as quais foram inseridas no contexto da sociedade do espetáculo apontado por Debord. Potencializadas pelas mídias digitais, sofrem constantes processos de edição, publicação, compartilhamento e descarte.

Agora é possível rebobinar o filme da própria vida, operar *flashbacks* ou cortes abruptos em certas sequências, focalizar ou aplicar *zoom* sobre um detalhe, evocar uma cena em câmera lenta e realizar uma decupagem cuidadosa ou, por que não, uma montagem audaz, clássica ou vertiginosa. Revelar ou velar uma recordação; enxergá-la embaçada, fora de foco. Obturar, superexpor, aplicar filtros. Fazer um rápido *travelling* em uma paisagem ou um acontecimento, efetuar um *close-up* sobre um rosto ou algum objeto, repassar uma sequência inteira de maneira linear e pormenorizada, priorizar a trilha sonora de um determinado episódio, ou editar diversos eventos com a estética e compassos de um videoclipe (SIBILIA, 2008, p. 120).

A autora se utiliza dessas metáforas de captação e edição de imagem para exemplificar determinadas práticas sociais, que se podem observar por parte dos sujeitos que compõem as narrativas em espaços de redes sociais *online*. Os fatos narrados podem ser adaptados, enaltecendo-se determinados pontos e dando menor destaque ou mesmo omitindo outros aspectos. Em certos momentos as pessoas podem estar mais suscetíveis a postarem fotos, em outros, clipes de música, sempre relacionando o conteúdo com uma subjetividade por vezes inconsciente. Assim, por mais simbólico possa parecer, o conteúdo postado sempre terá uma

maneira de apresentar a subjetividade desejada por seu autor, o que não significa que suas publicações sejam interpretadas por seus leitores na mesma medida de suas intenções.

Existe, para Sibilia (2008) uma tendência em interpretar as narrativas do *eu* a histórias adaptadas ao código audiovisual e informático que influenciam os sujeitos através dos meios de entretenimento. Pode-se relacionar esse aspecto com as representatividades de Goffman (2007), as *personas* de Jung (2011) e os cenários do sujeito. Mas, sabe-se que atualmente os sujeitos cada vez têm menos controle do que aparece em seus espaços pessoais. Sua rede de contatos e as possibilidades de geração de conteúdo por parte de outras pessoas ou instituições que estejam atrelados à sua subjetividade afeta esse controle profundamente. Às vezes, um simples comentário de algum amigo em uma postagem em sua *Timeline* pode significar a desmistificação de tudo o que havia sido intencionado como sua representação.

A relação que os sujeitos, e mesmo a sociedade estabelecem com o passado muda de paradigma, o que, hoje, pode ocorrer a cada instante. Ele existe, mas é apresentado não para que haja uma reflexão e um instigamento dos gêneros autobiográficos ou, em escala maior, dos caminhos de uma sociedade. O passado, seja da sociedade como um todo ou que toque de forma íntima o saudosismo dos indivíduos, entrelaça-se com o mercado e se torna como nichos de tendência. Apresenta-se como consumo empacotado em um acervo disponível para quem saiba acessar da maneira adequada. E a memória íntima passa a ter mais valor em seu sentido coletivo do que individual.

Na mesma linha de raciocínio, nota-se que alguns questionamentos basilares de Turkle (2011) podem ser aplicados à realidade brasileira. A interconexão entre os contextos que os indivíduos vivem na rede e que os mesmos vivem fisicamente é uma questão ainda pouco explorada; uma vez que, se o contexto cultural é importante para a formação de identidade, essas relações, além de serem alteradas pelo sujeito, o alteram em um processo recursivo, como já se sabe. As pessoas são atraídas pelas possibilidades de conexão e compartilhamento que o aparato tecnológico oferece e desenvolvem novas formas de interpretar o mundo que as cerca. Turkle (2011) deixa claro que a evolução tecnológica por si própria não ocasiona essa nova maneira de se relacionar, mas a facilita. E não é aos aparelhos que as pessoas se amarram, mas sim às gratificações que recebem através dos *eus* que desenvolvem *online*: é o reconhecimento de suas próprias *personas* como reforço da identidade do sujeito.

Ao falar sobre as possibilidades da conectividade móvel, Ferraris (Apud ARRIETA, 2008) afirma que há uma mudança no que ele chama de espaço-tempo ecológico de nosso habitat. Ele aponta que essas relações reformulam a própria concepção espaço-tempo que possuem os sujeitos, ou seja, as conexões *online* passam a fazer parte de uma nova noção de habitat que ocupamos. Para ele, há uma mundialização dos espíritos dos sujeitos uma vez que se perde o sentido de distância, já que é possível se comunicar instantaneamente de qualquer local do mundo. Já se torna muito mais complicado falar em elementos de territorialidade na era pós-moderna: eis a evidência da rede.

Em seu livro, Ferraris traça características do *eu* que se formam devido a uma conectividade que conforme ele apresenta seria sem limites. Enfatiza a ocorrência que, de qualquer ponto do mundo, é possível conectar-se e ainda de forma instantânea, e que isso eliminaria a noção de distância. Porém, o que se propõe nesse trabalho é que a noção de distância não seja eliminada, e sim, reconfigurada nas relações estabelecidas pelo sujeito, uma vez que este não é capaz de esquecer-se do local se suas origens ou de significativo desenvolvimento de sua existência.

Turkle (2011) se questiona sobre a exploração da identidade em uma realidade em que os sujeitos estão sempre conectados e sempre acompanhados dessa conexão²⁶. De fato, se experiência hoje, uma realidade em que as possibilidades de conexão em variados lugares são cada vez mais elevadas. Trata-se do termo "ubiquidade tecnológica" para investigar a situação em que um sujeito pode ter a sensação de presença em mais de um local ao mesmo tempo através de dispositivos que o permitam estar sempre em contato com uma rede de pessoas.

Turkle (2011) refere-se ao conceito do *the self itself*²⁷, para contextualizar a situação desse sujeito sempre conectado e para ele apresenta três características: ela acredita que o sujeito conectado pode se ausentar de seus arredores físicos (incluindo as pessoas presentes nesse ambiente); que pode também, experienciar o espaço físico em que se insere e o ambiente virtual em que se encontra simultaneamente (ela afirma que essa prerrogativa não se opõe à anterior e que elas podem ocorrer ao mesmo tempo); e por último, que nesse contexto o sujeito torna-se capaz de desenvolver suas habilidades de multitarefa.

²⁶ Em inglês a autora utiliza o termo *always on and always with us*, referindo-se ao fato de que além das pessoas estarem sempre *on*, ou seja, sempre conectadas, estão sempre acompanhadas dos aparelhos que permitem essa conexão, como computadores portáteis, *tablets* ou telefones celulares.

²⁷ Tradução da autora: *eu por si próprio*.

Turkle (2011) traz como uma de suas perspectivas de análise a comparação do sujeito com uma noção de objeto. Ela traça esse panorama ligando relações que seres humanos têm com robôs desenvolvidos para passarem afetividade com as relações que os mesmos estabelecem com seus aparelhos móveis, como celulares ou *tablets*, que contêm dados e contatos de valor inestimável. Ou seja, Turkle (2011) exemplifica duas situações em que pessoas podem apresentar sentimentos por aparelhos tecnológicos e, no processo acabam vendo outros sujeitos como objetos. Nesse contexto, crê-se no desenvolvendo de uma pseudo sensação de poder e de domínio sobre o outro, acabando por reforçar a(s) *persona(s)* ativas por ocasião da conexão.

Nessa comparação, a autora coloca que mesmo sozinhos, os sujeitos que convivem com robôs afetivos recebem sinais de que estão em companhia de alguém. Já quando conectados podem estar na companhia remota de muitas pessoas, esperando pouco ou nenhum envolvimento emocional. Ela aponta o risco de que as pessoas passem a ser vistas como objetos que podem ser acessadas quando necessário, ou quando desejado. Para Turkle (2011) o *eu* interconectado é o *õtethered selfö*, que significa sujeito amarrado. Nesse conceito a autora exemplifica o fato de que todos estão presos a sua rede de contatos podendo ser requisitados a qualquer momento.

Acredita-se, no entanto, que a perspectiva apresentada pela autora é um pouco radical. Essa pode ser uma dinâmica de relacionamento *online*, aquela em que a pessoa se vê na sua necessidade ou no seu desejo de acessar um contato em uma relação superficial e sem muito ou nenhum envolvimento afetivo. No entanto, compreende-se que os sujeitos vão estabelecer diferentes tipos de conexões tanto na vida *online* quanto na *offline*. Amaral, Frago e Recuero (2011) citam que a maioria das relações que se estabelece em sistemas de redes sociais ocorrem também em contatos presenciais. Além disso, é preciso enfatizar que Turkle (2011) analisa uma realidade de sujeitos com alto poder aquisitivo e que vivem próximos a um polo de desenvolvimento tecnológico acelerado. Assim, essas pessoas têm acesso a aparatos tecnológicos recentes no mercado, com grande agilidade. Nesse sentido, o recorte apresentado diferencia-se bastante da realidade brasileira, uma vez que os próprios contextos sociais, culturais e econômicos são muito distintos quando comparados a de outras regiões do mundo.

Segundo Johnson (2001), quando uma inovação tecnológica está para nascer ocorrem equívocos de todo o tipo, não só com relação a seu funcionamento, mas de todo o tipo de

natureza relacionada, como a que nicho de experiências a inovação fará parte, quais os valores que ela perpetuará, onde seus efeitos serão reproduzidos. Subentende-se que o autor reconhece diferenças significativas e contrastantes das diversas partes do mundo.

Aponta, ainda, que em seu início a interface gráfica era vista como um brinquedo, hoje sua importância para a computação é amplamente reconhecida. O futuro do desenvolvimento da interface passa a ser marcado por equipes de várias disciplinas marcadas por mesclas de referências. A interface passa a ser vista como espaço-informação.

Todas as formas simbólicas importantes contemplam o conflito entre a subjetividade privada e a comunidade mais ampla que a emoldura, quer esta avaliação esteja na superfície da obra ou oculta em algum lugar entre seus pressupostos subjacentes. A arquitetura, o mais das vezes, tende naturalmente para reuniões maiores de pessoas, assim como a arte mais abstrata se centra na contemplação privada, subjetiva (JOHNSON, 2001, p. 160).

Assim, o *design* de interface por muito tempo centrou-se no indivíduo (exemplo das metáforas da mesa de trabalho) focando no computador pessoal. Entretanto, há uma reconfiguração de lógica cultural em que o desafio passa a ser tratá-la como pertencente a uma subjetividade coletiva, considerando a comunicação em rede através dos *sites* e aplicativos para computador e dispositivos móveis. Desta maneira, até mesmo o entendimento que se tem por mídia, se modifica, na medida em que, observando-a sob uma perspectiva macro, esta também se reconfigura a partir das mudanças tecnológicas sofridas com o passar dos tempos.

Santaella (2003), explica que há um sentido amplo e um estrito para o conceito de mídia. No sentido mais estrito, o termo refere-se especificamente aos meios de comunicação de massa que transmitem notícias, como televisão, revistas e jornais. No sentido mais amplo pode se referir a qualquer meio de comunicação de massa, não necessariamente de notícias, como de entretenimento ou publicidade, como *outdoors*, anúncios, etc. Porém, esse sentido é ampliado com o início das comunicações teleinformáticas passando a definir qualquer tipo de aparelho ou dispositivo auxiliares da comunicação. Santaella (2007) lista seis tipos diferentes de lógicas culturais historicamente sequenciais, que podem se mesclar gradativamente, até interconectarem-se de forma definitiva: a cultura oral, a escrita, a impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cibercultura. Ao misturar todas as camadas é possível listar algumas características da cultura midiática atual, como inovadora, transformativa,

convergente, multimodal, global, em rede, móvel, apropriativa, participativa, colaborativa, diversificada, domesticada, geracional e desigual.

A cultura das mídias (SANTAELLA, 2007) surgiu com o entrelaçamento entre linguagens e meios em rede à medida que novos recursos tecnológicos se tornavam acessíveis para produzir, editar, visualizar e compartilhar conteúdos midiáticos, tais como: máquina fotográfica, *videotape*, fitas cassetes, *compact discs* ou CD's, computadores, *pendrives*, entre outros. A multiplicidade e hibridização midiática colocou a cultura em estado de fermentação e inflacionou o espaço por ela ocupado na sociedade (SANTAELLA, 2007, p. 290). O surgimento de uma cultura midiática, juntamente com os formatos midiáticos penetrando o meio social, relacionou-se com a germinação dos processos efervescentes da cultura de massa nos anos 1960. Como exemplo, com o avanço do hipertexto, a cultura da mídia foi sendo amplificada para formatos multimídia, desencadeando um processo verdadeiramente facilitador a ponto de que um documento midiático pudesse ser "linkado" a outro. Dessa forma, a experiência de visualizar documentos relacionados e buscar assuntos de interesse na *web* passou a se tornar cada vez mais imersiva, defrontando o sujeito com um mundo caracterizado pelo infinito e que, segundo sua própria interpretação, passou a estar mais próximo de sua realidade, estando acessível com apenas alguns "cliques".

3.1 O Sujeito em Rede

Em um artigo, Recuero (2009) apresenta uma comparação entre os modelos de estudo das redes complexas e verifica sua possível aplicabilidade para análise das redes sociais na internet. Segundo ela, Scharnhorst (2003) define "Redes complexas" como sistemas auto-organizados que se distinguem em estágios de desenvolvimento que crescem em complexidade. O matemático Euler foi um pioneiro em redes sociais, sendo o primeiro matemático a apresentar a *Teoria dos Grafos*. Sendo um Grafo um conjunto de nós conectados por arestas, que em um conjunto formam uma rede. Na sociologia o estudo das Redes Sociais é ancorado no estudo dos grafos: este estudo faz parte de um grupo maior chamado Análise Estrutural. A principal importância desta abordagem está na origem sistêmica, que é a base da maioria das teorias que buscam descartar a dicotomia cartesiana.

Segundo Recuero (2009) uma rede social é constituída por seus atores, podendo ser pessoas, instituições ou grupos, ou seja, os nós da rede e suas conexões, as interações ou os laços sociais. A abordagem em rede foca a estrutura social, em que os atores não podem ser isolados de suas conexões.

O estudo das redes sociais na Internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas (RECUERO, 2009, p. 24).

Os atores são as pessoas envolvidas na rede e sua participação molda as estruturas sociais já que fazem parte do sistema, através de sua interação e constituição dos laços sociais. O ator é representado por sua constituição identitária, ou seja, um *blog*, ou perfil em sistemas de redes sociais. Inicialmente não são atores sociais, mas representações de atores sociais. São espaços de interação, lugares de fala, constituídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade (RECUERO, 2009, p. 26). Assim, os atores podem ser espaços virtuais, constituídos através de linguagens tecnológicas que servem para os sujeitos expressarem suas opiniões e, através disso, criar um processo representativo. Em muitos casos, esses espaços podem não representar uma pessoa em si, mas sim um grupo, uma instituição, uma marca, ou mesmo um falso perfil, tão popularmente conhecido como perfil *fake*. O que se faz importante frisar neste contexto é que, independentemente das dimensões coletivas destes espaços, estes serão formados por pessoas que serão capazes de criar uma linguagem única, através das somas de suas características pessoais (as *personas*), criando, assim, a atuação social propriamente dita. De forma prática, portanto, pode-se observar a fusão entre o aparato teórico trazido por Goffman (2007) e Jung (2011), com vistas às redes sociais, fruto da reconfiguração do próprio sujeito que, por sua vez, também às reconfigura.

As conexões são laços sociais que se formam através dos processos interativos entre os atores; e é sua respectiva variação que altera a estrutura dos grupos sociais, o que vem a resultar no principal foco de estudo das redes sociais. Recuero (2009) aponta que os laços sociais podem ocorrer através da relação entre os atores de uma rede social, podendo ser associativos ou dialógicos, fortes ou fracos. Os laços de associação se constituem apenas por um sujeito pertencer a um determinado local, instituição ou grupo. Para a autora, um laço associativo é decorrente de uma situação em que ocorre interação reativa, que é definida por

Primo (2007) como uma interação limitada em que um sujeito apenas escolhe entre opções pré-programadas de um software. Já o laço dialógico parte de uma interação mútua, que segundo Primo (2007), trata-se de trocas complexas entre sujeitos que constituem conversações e formam relações.

Já os laços fracos e fortes são sempre relacionais, sendo eles a consequência de interações com conteúdos e mensagens entre os atores envolvidos. Os laços fortes são formados por relações íntimas, próximas, com intenção de se criar e de se manter, a longo prazo, uma conexão entre duas pessoas. Os laços ainda podem mesclar essas duas categorias, sendo assim denominados multiplexos. Para Mark Granovetter (1973) os Laços Fracos seriam muito mais importantes para a formação de redes sociais do que os Laços Fortes (*Strong Ties*), pois notou em suas experiências que as pessoas que partilhavam de laços fortes estavam sempre dentro de um mesmo círculo social. Já as que partilhavam laços fracos se conectavam com vários círculos sociais. Sem elas os vários clusters existiriam como ilhas isoladas e não como redes.

Recuero (2009) aponta que a análise das redes sociais partem de duas visões do objeto de estudo: 1) Redes inteiras (*whole networks*): relação estrutural da rede como grupo social. Ela coloca que sob essa perspectiva as redes são assinaturas de identidade social, pois o padrão de relações entre os sujeitos mapeia as preferências e características dos próprios envolvidos na rede. 2) Redes personalizadas (*ego-centered networks*): trata-se do papel social do indivíduo. Também aponta que o estudo de redes sociais através de uma análise estrutural busca novas unidades de análise, como "relações", caracterizada por conteúdo, direção e força; "laços-sociais", que são as conexões entre os atores através de uma ou mais relações; "multiplexidade", que é uma medida que indica que quanto mais relações tem um laço social maior sua multiplexidade; e, por fim, a composição do laço social que depende de atributos pessoais dos atores envolvidos.

Recuero (2009) também aponta que as redes são dinâmicas e estão sempre em mutação, sendo esse ponto muito importante para a compreensão de sua construção e manutenção. Assim aponta que a grande contribuição do estudo de redes para a pesquisa em redes sociais está no fato de que auxilia a percebê-la não como uma estrutura determinada e determinante, mas sim como uma entidade mutante em tempo e espaço. Porém estas não são simplesmente randômicas, e obedecem uma ordem. Barabási (2003) apresenta seu modelo organizacional de Redes sem escalas em que a rede não possui nós igualitários ou com a

mesma possibilidade de conexão. Possui poucos nós com muitas conexões (hubs ou conectores) que tem maior possibilidade de adquirir novas conexões, e muitos nós com poucas conexões. Esse modelo ficou conhecido como *rich get richer*²⁸, pois os nós que já são ricos em conexões tem a tendência a tornarem-se mais ricos.

De acordo com Recuero (2012) o ato de conversar leva a pensar em características típicas da linguagem oral utilizada nos processos interativos. Numa situação presencial, os sujeitos estão cercados de informações que auxiliam a percepção e interpretação de mensagens de um interlocutor para que se formule sentido naquilo que se deseja transmitir. Num diálogo, tudo é informação: elementos prosódicos (como o tom da voz, a entonação e as pausas da fala), elementos gestuais e, evidentemente, as palavras (RECUERO, 2012, p. 28). A autora cita cinco características apresentadas por Marcuschi (2006) que constituem a organização de uma conversa. (1) Processo interativo entre no mínimo dois interlocutores; (2) Ocorrência de uma troca de falantes ao menos; (3) Que haja uma sequência de ações coordenadas; (4) Aconteça em uma identidade temporal; (5) envolvimento em uma interação centrada.

A Conversação é, portanto, um processo organizado, negociado pelos atores, que segue determinados rituais culturais e que faz parte dos processos de interação social. Não se trata apenas daqueles diálogos orais diretos, mas de inúmeros fenômenos que compreendem os elementos propostos e constituem as trocas sociais e que são construídos pela negociação, através da linguagem, de contextos comuns de interpretação pelos atores sociais (RECUERO, 2012, p. 31).

No contexto da Comunicação Mediada por Computador (CMC) os elementos que evidenciam uma conversação se diferenciam em algumas características, mas também são identificáveis. Recuero (2012) afirma que as tecnologias de CMC são apropriadas para trocas interacionais que combinadas formam um contexto interacional. Nesse tipo de conversação, seja síncrona ou assíncrona cria-se convenções capazes de suplementar, textualmente características da linguagem oral gerando uma nova escrita oralizada. São práticas, constantemente alteradas e negociadas, e que tornam a conversação no ciberespaço análoga à presencial. Além disso, vale observar que com o aprimoramento de programas de bate-papo e ampliação na acessibilidade de conexões de banda larga, cada vez mais observa-se o costume de utilização de ligações de voz ou mesmo voz e vídeo por parte de indivíduos distantes, seja para fins pessoais ou de trabalho. De forma que é possível conversar oralmente através do

²⁸ Tradução da autora: ricos ficam mais ricos.

computador, e utilizando algumas das deixas simbólicas que se utiliza pessoalmente, através do contato visual. Porém, de acordo com Recuero (2012) a conversação através de texto ainda é predominante nas interações via *web*.

Segundo Recuero (2012), ocorre uma apropriação dos espaços *online* para conversação em que ocorrem práticas de uso das ferramentas com significados para os interagentes. Formam-se, nesse contexto, rituais diferentes dos conhecidos na comunicação presencial oral, com convenções simbólicas próprias negociadas pelos participantes. Assim, a autora mapeia seis características mais importantes das conversações através da *web*, sendo elas (1) o Ambiente da Conversação (RECUERO, 2012, p. 40); (2) Escrita Oralizada (RECUERO, 2012, p. 45); (3) Unidade Temporal Elástica: os tipos de conversação mediada (RECUERO, 2012, p. 49); (4) Públicas e privadas: os tipos de comunicação mediada (RECUERO, 2012, p. 56); (5) A Representação da Presença (RECUERO, 2012, p. 58); (6) Migração e Multimodalidade (RECUERO, 2012, p. 60).

A primeira característica se refere a ambientação na qual a interação ocorre, que por sua vez trata-se de uma situação mediada que possui limitações e condições específicas, sendo apropriadas, subvertidas e amplificadas pela conversação (RECUERO, 2012, p. 40). Ou seja, os fatores que levam a troca de mensagens no ambiente *online* a se diferenciar da situação presencial oral são enaltecidos e adaptados de acordo com as possibilidades que oferece, e necessidades ou vontades dos interagentes. O ciberespaço constitui-se assim como espaço social. A Autora também apresenta os conceitos de Públicos em rede de Boyd (2007) que assinala as características de replicabilidade, audiências invisíveis, persistência e buscabilidade como fatores decisivos da informação compartilhada em ambientes digitais. Na segunda característica apontada, a autora explica que apesar de sempre ter havido diferenciação entre comunicação oral ou escrita, no ciberespaço ocorre uma oralização da escrita. Ou seja, ocorreu uma informalização da língua escrita para que elementos simbólicos e teores diferenciados na fala, como sarcasmo, ironia ou pena.

Com a apropriação para a conversação, essa linguagem precisou ser adaptada. Em outras palavras, ela precisou incorporar formas de indicar elementos que são essenciais para a tradução da língua escrita em língua falada, como elementos que dão dimensão prosódica da fala e elementos não verbais, como gestos e expressões (RECUERO, 2012, p. 46).

A terceira característica explica a elasticidade no conceito do espaço de tempo em que ocorre uma conversação *online*. Uma vez que os participantes não estão compartilhando um

mesmo espaço presencial, a interação também não precisa necessariamente ocorrer num dado espaço de tempo limitado, que finaliza uma vez que os participantes se separam. As conversações podem estender-se pelo tempo, sendo síncronas, assíncronas, ou ainda mistas, com períodos em que a reciprocidade seja imediata e outros que não. Ela se define pela persistência das trocas e do contexto compartilhado sendo unidades temporais elásticas (RECUERO, 2012, p. 50). A quarta característica aponta para o fato de que as conversações *online* podem ocorrer de forma pública ou privada, ou de forma mesclada, já que os diálogos podem migrar de uma ferramenta a outra. Em muitos casos o que diferencia uma situação da outra não é suficientemente claro.

A representação da presença, apresentada por Recuero (2012) como quinta característica se refere aos artifícios criados pelos sujeitos para se apresentarem a seus interlocutores através da constituição de espaços pessoais. A autora afirma que a prática é necessária por as pessoas muitas vezes não conhecerem seus parceiros pessoalmente. Porém, sabe-se que esta não é a única motivação que um indivíduo possui para criar espaços pessoais. O fato, é que esses espaços pessoais auxiliam a se conhecer melhor com quem se está conversando no ciberespaço. A sexta e última característica é a de migração e multimodalidade que explica que a conversação não possui uma estrutura fixa e estática, e sim dinâmica, fluida e sistêmica com possibilidades de adaptação e readaptação.

A pesquisa de campo trazida a este estudo possibilitará visualizar de maneira prática e esclarecedora todo o processo de reconfiguração do sujeito proposto até o presente momento através da união de teóricos da comunicação, da linguagem, da sociologia e da psicologia. Através das entrevistas realizadas, serão minuciosamente observáveis comportamentos de cunho individual do sujeito, caracterizando-o desde seu íntimo até as posturas socialmente assumidas quando exposto ao contexto da *web*, na medida em que este é o próprio sujeito a partir de sua convivência em grupo, apresentará ele mesmo ao estudo, diversas características quanto ao desenvolvimento de sua linguagem em rede bem como quanto aos comportamentos de cunho coletivo psicossocialmente reconhecíveis: trata-se da reconfiguração não só do sujeito propriamente dito, mas de uma época também reconfigurada por ele.

4. Considerações Metodológicas

A perspectiva pós-moderna, como se observa em Lyotard (1986), toma força no momento em que os metarrelatos científicos, ou seja os grandes enunciados tidos como verdade incontestável por séculos passam a ser contrariados. Morin (1999) reforça esse ponto afirmando ser marcante na história humana a ocorrência de verdades que acabam por se revelar como erros e ilusões. Segundo esse autor, quando é descoberto o risco permanente de erro no pensamento, o mesmo deve buscar conhecer-se. Os próprios progressos realizados pela ciência resultam em campos desconhecidos que acabam pondo em teste nossos conceitos, nossa lógica, nossa inteligência. A razão que parecia ser a fonte mais segura para o conhecimento já não é mais tomada como universal.

Para Morin (1999), na organização do conhecimento ocorreu uma divisão de áreas tornando este conhecimento fragmentado em partes que não se comunicam. Assim, a junção que poderia proporcionar um conhecimento do conhecimento não ocorre, resultando no que o autor chama de patologia do saber, ou novo obscurantismo. A crise dos fundamentos começou na filosofia, que atualmente dedica-se mais à desconstrução generalizada e à radical interrogação relativizadora de todo conhecimento, ao invés de à elaboração de sistemas baseados em fundamentos seguros. No século XIX e início do XX, a ciência declarava ter encontrado o ãndubitável fundamento empírico/lógico de toda a verdadeõ (MORIN, 1999, p. 21). Dentro disso, alguns grupos de filósofos procuraram transformar a filosofia em ciência, negando o pensamento metafísico e criando enunciados verificáveis e coerentes para fundamentar suas proposições. Foi a criação do positivismo-lógico criado no círculo de Viena (1925-1936). Mas esse desejo desabou quando se descobriu a inexistência de tais fundamentos. Popper demonstrou que a ciência não traz certezas pois a cientificidade de uma teoria está no ãfalibilismoõ. Com isso nem a verificação empírica nem a verificação lógica seriam mais seguras para estabelecer um fundamento do conhecimento. Assim, se o conhecimento é relativo e incerto, o conhecimento do conhecimento não pode escapar a essa incerteza.

Segundo Morin (1999) a noção de conhecimento deixa de ser homogênea, passa a ser fragmentada, diversificada, múltipla, e cada dimensão gera uma nova interrogação. Quando passa a se procurar conhecer o conhecimento o mesmo se torna um estranho. ãEnfim, em toda

história humana, a atividade cognitiva interagiu de modo ao mesmo tempo complementar e antagônico com a ética, o mito, a religião, a política; o poder com frequência, controlou o saber para controlar o poder do saber (MORIN, 1999, p. 18).

Assim, Morin (1999) propõe uma nova maneira de se promover a busca ao conhecimento, que não apresenta métodos padronizados de pesquisa capazes de serem aplicados a qualquer experimento. Para ele, o conhecimento não é passível de redução a uma única noção. E todo o conhecimento comporta necessariamente: (1) uma competência (aptidão para produzir conhecimentos); (2) uma atividade cognitiva (se realiza em função da competência); (3) um saber (resultado das duas atividades anteriores). Essa definição do autor trata-se de uma perspectiva metodológica, na qual a atividade cognitiva se enquadra no processo empírico, de busca pela possível confirmação daquilo que está proposto. A competência e a atividade cognitiva dependem de um aparelho cognitivo, o cérebro. E a existência do cérebro depende da existência do ser biológico. As aptidões cognitivas de um indivíduo só se desenvolvem no contexto da cultura na qual foi desenvolvido. Logo, assim como a formação da identidade do sujeito, o trabalho de pesquisa, bem como este que se apresenta, também se submete ao contexto cultural e epistemológico no qual se encontra. Na presente pesquisa o contexto é o do estudo em comunicação social brasileiro, dentro do campo da cibercultura, seguindo a linha de estudos e pesquisas da comunicação mediada por computador.

Morin (2007) apresenta o conceito do pensamento complexo, que segundo ele opõe-se à tentativa de simplificação do conhecimento através do domínio do real, propondo maneiras de se lidar com o real, através de diálogos e negociações. Mesmo assim, o autor enfatiza que a complexidade não elimina o pensamento simples, ela apenas surge no momento que a simplificação falha, porém inclui em seus argumentos questões levantadas anteriormente.

Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e finalmente ofuscantes de uma simplificação que se considera reflexo do que há de real na realidade (MORIN, 2007, p. 6).

O autor também coloca que complexidade não deve ser confundida com noção de completude. Apesar da ambição deste método ser dar conta de todas as articulações entre os

campos disciplinares antes desmembrados, atingindo um conhecimento multidimensional, ele sabe que alcançar o conhecimento completo é impossível.

Para Morin (2007) a teoria sistêmica relaciona-se como o pensamento complexo formando uma perspectiva científica. Ele aponta que esta oferece um rosto incerto ao observador (pesquisador) enquanto traz três direções contraditórias ao observado. A da noção da presença, no objeto de pesquisa, de um sistema que traz em si um princípio de complexidade. A de um sistemismo vago e raso através da repetição de algumas verdades, de natureza holística, que não podem ser operacionalizadas. E por fim a de *system analysis*, utilizado na engenharia da cibernética, que transforma o sistema em seu contrário, reduzindo-o.

O autor também apresenta as principais características da virtude sistêmica, que servem como uma definição da própria teoria. O sistema é uma unidade complexa, ou seja, um todo que não se reduz à soma de suas partes. O sistema não pode ser concebido como uma noção formal ou puramente real, mas sim como uma noção ambígua ou fantástica. Ele deve ser colocado em perspectiva transdisciplinar, através da qual seja possível conceber uma unidade das ciências observando suas diferenças não apenas pela natureza material de seus objetos, mas também segundo os tipos e complexidades de associações realizadas em cada campo.

Morin (2007) constitui um sistema aberto como algo que se encontra em constante processo de desequilíbrio e reequilíbrio. Segundo o autor, um sistema fechado, podendo ser uma mesa ou uma xícara, encontra-se em equilíbrio constante pois possui uma troca nula de energia ou matéria com o ambiente que o compõe. Já o sistema aberto encontra-se sempre em estado de troca, e fluxo energético através do qual se alimenta e depende para sua sobrevivência. Assim, a própria identidade, sociedade e cultura podem ser vistas com sistemas abertos em que trocas são realizadas constantemente, colocando essas instâncias em desequilíbrio, que por consequência buscam um novo estado de equilíbrio. Este processo é marcado pela auto-organização social, como foi exemplificado sobre as contraculturas, que trouxeram instabilidade, e levaram a sociedade a novos estágios de convívio, e novos papéis sociais. A formação de identidades é marcada por processos constantes de instabilidade e novas configurações, sendo o sujeito e suas capacidades cognitivas um sistema aberto em constantes trocas com seu ambiente.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) apresentam um histórico da pesquisa nas interações sociais *online* e apontam que em seu início elas possuíam um caráter místico, em que os processos eram vistos como fenômenos ocorridos fora do espaço da carne (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p.12). Para elas esta perspectiva já se encontra ultrapassada, e reforçam que as interações na internet raramente são exclusivas desse tipo de convívio, sendo, na maioria das vezes, complementadas pelo contato presencial. Afirmam que diferentes dinâmicas cercam as relações através da internet em que os sujeitos podem se tornar observadores e intérpretes neutros dos comportamentos sociais. Assim, elas apresentam três principais fases da pesquisa na internet. Na primeira fase predominavam trabalhos que traziam comparação de internet com outras mídias, e outros que colocavam em diálogo autores utópicos e distópicos. Na segunda fase as pesquisas marcantes traziam documentações sistemáticas na coleta de dados para observação de usuários e práticas sociais na internet. A terceira fase de pesquisas aponta para um amadurecimento da área de conhecimento, trazendo análises teórico-metodológicas ligada aos dados coletados, buscando a formação de conceitos relacionados aos processos.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) também apresentam 3 principais abordagens de análise no campo de pesquisas em interações mediadas pela internet no Brasil. A primeira interpreta a internet como cultura, em que ela é colocada como distinta do mundo *offline*. Na segunda, os processos são compreendidos como artefatos culturais, através da observação da inserção da tecnologia na vida cotidiana. Nessa perspectiva a rede é vista como um elemento da cultura através da integração do *online* e do *offline* que possui diferentes significados culturais em diferentes contextos. Nesta abordagem, os objetos de pesquisa são gerados pela observação em páginas pessoais, websites e mundos virtuais. Outra abordagem apresentada, que segundo as autoras estaria filiada à noção de artefato cultural é a de internet como tecnologia midiática que gera práticas sociais. Aqui os objetos de estudo são gerados a partir das práticas midiáticas que surgem.

A presente pesquisa enquadra-se na segunda abordagem em que a análise se dá pela visão da internet como artefato cultural. No dado enfoque, pretende-se compreender como ocorre a representação do sujeito em suas interações no site de rede social, Facebook. Considerando a maneira que este site e suas possibilidades interativas influencia de forma crescente os processos de compartilhamento cotidiano de conteúdo de caráter social, é possível afirmar que trata-se de um artefato cultural. Ou seja, um conjunto de ações que se

relaciona com a forma com que os sujeitos constroem sua identidade dentro do contexto cultural em que se inserem. Este contexto inclui de forma cada vez mais marcante os compartilhamentos através do Facebook, estando os processos interativos através do mesmo contribuindo para uma reconfiguração do sujeito, da cultura e da sociedade, conforme a hipótese apresentada na introdução deste trabalho, quanto a reconfiguração do sujeito através de sua representação *online*.

A seguir é apresentada uma descrição do site Facebook, suas principais características e principais formas de compartilhamento. Também são descritas as características e os processos da representação do sujeito *online*. Por fim, apresenta-se a descrição dos procedimentos metodológicos e uma proposta de categorias de análise da reconfiguração do sujeito.

4.1 As Características e os Processos de Representação no Facebook

O Facebook é um *site* de rede social lançado em fevereiro de 2004 em que o sujeito pode entrar, criar um perfil, se conectar com uma rede de contatos e compartilhar conteúdo²⁹. Este *site* iniciou com funcionalidades já conhecidas em outros sistemas de redes sociais mais antigos, como Friendster³⁰, Orkut³¹ e My Space³², porém atingiu um nível de popularidade superior ao de qualquer outro. Inicialmente era acessível somente para estudantes da Universidade de Harvard, já que era necessário um endereço de *E-mail* acadêmico da instituição para efetuar o cadastro. Em maio de 2004 foi aberto para outras universidades americanas aumentando sua rede. Já em dezembro de 2004 a plataforma contava com um milhão de usuários registrados³³. Não é possível definir com precisão quais aspectos levaram o Facebook a se destacar diante de seus concorrentes. É possível que a tenha ocorrido por ter iniciado com usuários de universidades norte-americanas, fazendo com que outros jovens quisessem fazer parte da rede destes estudantes. Algumas funcionalidades também podem ter contribuído para o sucesso, como a que mostra o status de relacionamento de seus usuários, ou o próprio News Feed implementado em setembro de 2006. Com o News Feed ao entrar no

²⁹ De acordo com Boyd (2007), os *sites* de redes sociais são serviços na *web* que permitem pessoas a: (1) construir um perfil público ou semi-público em um sistema entrelaçado, (2) articular uma lista de outros usuários com quem compartilham conexão, (3) visualizar e navegar por esses contatos e os contatos de seus contatos.

³⁰ <http://www.friendster.com/> criado em 2002.

³¹ <http://www.orkut.com.br/> também criado em 2004.

³² <http://www.myspace.com> criado em 2003.

³³ Fonte: <http://g1.globo.com/platb/o-perfil-do-facebook/>

Facebook, a pessoa recebe as últimas atualizações de todos os seus contatos em um mesmo lugar, diferente de como ocorria em outras redes, em que era necessário visitar as páginas dos perfis separadamente.

Porém, não se pode determinar um fator decisivo para seu sucesso, sendo possível apostar que sua popularidade se deve a um conjunto de fatores e investimentos criados devido pesquisa e descoberta de tendência de mercado. Como a ferramenta *õCurtirõ* implementada em fevereiro de 2009, os investimentos em plataformas para aparelhos móveis, ou a própria *Timeline* em setembro de 2011 que possibilita novas formas de visualização do perfil dos sujeitos. Sob a perspectiva do mercado também ocorreram estratégias decisivas para vencer a concorrência, como funcionalidades que acompanhem os avanços do Google Plus³⁴, e a compra do Instagram³⁵. Com um bom posicionamento de mercado demonstrado em suas ações de marketing e na criação de suas funcionalidades, o Facebook é o *site* de rede social de maior destaque na atualidade, tendo atingido a marca de 1 bilhão de usuários em abril de 2010. É possível afirmar que as pessoas participam e continuarão compartilhando conteúdo *online* de maneira crescente. De acordo com uma pesquisa realizada pela Comscore³⁶ em março de 2012 os brasileiros passaram uma média de 26,7 horas *online* em dezembro de 2011. Sendo que a participação em mídias sociais aumentou em 6% com relação ao ano de 2010. Além disso o Facebook ultrapassou o Orkut em números de usuários em dezembro de 2011 com 36,1 milhões de visitantes .

Para a presente pesquisa o mais significativo na escolha da plataforma Facebook, além, é claro, de sua ampla utilização por usuários brasileiros, são as funcionalidades que permitiram a criação de representações *online* cada vez mais dinâmica e fragmentada, montada por pequenas parcelas do cotidiano de cada sujeito. A representação pessoal no facebook é um processo que envolve toda a participação do usuário na rede. A partir do momento em que o sujeito cria sua conta, insere seu nome e adiciona uma foto no perfil ele já está no ponto de origem de uma trajetória que irá traçar uma narrativa em que sua identidade é projetada. Porém, isso é apenas o começo dessa trajetória, pois cada conteúdo compartilhado à rede de contatos é agregada a esta representação.

³⁴ Em 2010 a Google lança a rede social Google Plus para competir com o Facebook.

³⁵ Aplicativo para tirar fotos em aparelhos celulares.

³⁶ <http://www.comscore.com/>

A partir da observação das formas de representação na *web* em geral, e mais especificamente no Facebook, é possível indicar como principais características a **Representação Estática** e a **Representação Dinâmica**. A Representação Estática pode ser exemplificada com alguns padrões clássicos, e obsoletos, de formação de identidade em redes sociais, como a criação de um perfil e listagem de assuntos de interesse, como livros, filmes, músicas preferidos e outros gostos pessoais. Como Representação Dinâmica, existem as opções em que os usuários também podem marcar sua afinidade por páginas ou grupos criados no *site* de assuntos variados, assemelhando-se à ideia de filiação a comunidades, prática popularizada no Brasil pelo Orkut. Mas além dos elementos clássicos encontrados em muitas redes sociais, o Facebook incorporou dinâmicas de compartilhamento de conteúdo baseado em funcionalidades semelhantes já utilizadas por outros *sites*³⁷.

4.1.1 Representação Estática

Representação estática são informações que devem ser preenchidas direta e localmente no espaço *designado* para elas. Ou seja, um espaço de representação estática não é um streaming que se configura de acordo com a maneira que a pessoa interage na rede. É uma página que deve ser montada, e mesmo quando encontrada em perfis de sistemas de redes sociais elas se assemelham às antigas Homepages (BORDINI, 2008). O local onde se encontra a representação estática no Facebook é a seção *“Sobre”* acessada pelo perfil do usuário. Na *Timeline* de cada sujeito há um link para esta página.

³⁷ *Sites* como Twitter e Friendfeed já utilizavam *timelines* com postagens de usuários atualizadas em tempo real para seus contatos.



Figura 3 ó Seção õsobreö do Facebook onde algumas informações são acrescentadas de forma estática.

Nesse espaço encontra-se dados como local de trabalho da pessoa, locais em que já trabalhou, locais em que estuda ou estudou, um texto biográfico, data de nascimento, gênero, status de relacionamento, idiomas que fala, onde já morou e onde mora, telefone, endereço de *E-mail* e um espaço para citações. Essas informações também seguem a política de privacidade, e em cada uma delas o sujeito tem a opção de apontar quem poderá visualizar. Este tipo de representação é considerada estática porque a única maneira de preenchê-las é estando nesta página e escolher a opção de editar as informações. Mesmo assim, alguns desses itens mesclam-se com a representação dinâmica, pois alguns deles quando alterados geram uma postagem na *Timeline* do sujeito, que também aparece no *News feed* de seus contatos. Assim, quando uma pessoa altera seu status de relacionamento, ou local de trabalho esta informação será fornecida a sua rede de amigos, a menos que se defina como privada.

Além dessas opções essa página ainda traz um histórico por ano com dados mais significativos do indivíduo. Este histórico é gerado dinamicamente, não sendo preenchido diretamente pelo sujeito. Outro espaço traz informações sobre a família do sujeito em questão. As informações fornecidas sobre a família também aparecem dinamicamente na *timeline* do sujeito.



Figura 4 ó Menu para acesso a informações sobre o sujeito.

Além dessas opções, essa página tem no topo um menu para acesso organizado a todos os dados acessíveis do sujeito. Assim, a representação estática, mesmo ainda existindo é misturada com processos de representação dinâmica.

4.1.2 Representação Dinâmica

Uma das funcionalidades de Representação Dinâmica é o *News feed*, em que a página inicial de entrada no Facebook se tornou um espaço com as atualizações mais recentes dos contatos de cada usuário. Essa inovação transformou o conceito de *site* de rede social. Pois antes, a página principal de cada usuário trazia as suas próprias informações com maior destaque, enquanto as colaborações de seus contatos ocupavam um lugar secundário, trazendo no máximo mensagens direcionadas diretamente àquele usuário. Com o *News feed*, o espaço principal no Facebook passa a ser ocupado com as últimas interações da rede de cada pessoa no ambiente. Além disso, as mensagens que aparecem no *News feed* não são necessariamente direcionadas ao usuário em questão, mas sim direcionadas à toda rede, ou mesmo a outros usuários. Assim, a página principal, ou seja, o espaço nobre da rede social é reconfigurado para trazer as interações realizadas no *site*, e não mais apenas informações fornecidas pelo próprio usuário com alterações mais espaçadas. Dessa forma, o programa reúne toda a movimentação dos contatos de uma pessoa em apenas um lugar, o que traz mais dinamicidade

para a própria experiência das redes sociais virtuais. O sujeito não mais precisa entrar em suas comunidades, ou no perfil de seus contatos para se informar de suas últimas participações, pois estas aparecem em destaque na sua página principal, funcionando como uma caixa de entrada de endereço eletrônico.



Figura 5 ó Newsfeed do Facebook.

Essa ideia não foi primariamente dos desenvolvedores do Facebook. Foram tendências que aos poucos foram surgindo e tomando força, desenvolvidas em paralelo por diversos sistemas de redes sociais. Por sua vez, esses *sites* também não descobriram essa ideia do zero, apenas reconheceram necessidades apresentadas por dinâmicas de interação já exercidas pelos participantes de rede. Uma dessas necessidades foi incorporar um local que trouxesse tanto características presentes em blogs, quanto outras presentes em fóruns ou listas de discussão. Ou seja, funcionalidades que permitam um entrosamento dinâmico e ágil entre gostos do sujeito, suas últimas postagens e as colaborações de amigos e contatos em geral.

Mais recentemente o Facebook implementou uma nova forma de visualização de postagens postadas pelo próprio usuário, que ficou conhecida como *Timeline*. Apesar desse nome ser utilizado especificamente para essa nova funcionalidade, *timeline* já é um conceito utilizado para *designar* o conjunto de atualizações de diferentes *sites*, como o Twitter, ou mesmo o Facebook. Porém, nessa nova implementação há opções de organização e visualização de dados com uma sequência cronológica, dividida por meses e anos. Sendo que

no início da *Timeline*, ou seja, na origem, existe a opção de acrescentar uma informação referente ao nascimento do sujeito.



Figura 6 ó *Timeline* do Facebook.

Como o nome indica, nesta página as informações compartilhadas pelos sujeitos são apresentadas em um formato de linha do tempo em que as mais atuais posicionam-se no topo. Ela organiza os dados dos sujeitos facilitando sua visualização.

Logo que a *Timeline* foi implementada observou-se uma baixa taxa de aceitação, pois as pessoas acreditaram que assim seus dados pessoais tornariam-se mais expostos. No entanto, seu lançamento não alterou nada quanto à política de privacidade, de forma que os dados continuaram expostos à mesma rede que estavam antes. Porém, a simples forma de apresentação mais organizada fez com que as pessoas se preocupassem.

A política de privacidade do Facebook³⁸ é bastante extensa e vem aumentando de tamanho com o passar dos anos. Nela são explicadas as maneiras que a empresa obtém dados das pessoas e o que fazem com eles. Resumidamente, afirmam que as informações dos usuários são compartilhadas com terceiros em três casos: (1) Quando o usuário dá permissão; (2) Quando o usuário é alertado; (3) Quando o nome ou qualquer outra informação pessoal do usuário são removidos, ou seja, de forma anônima. As questões acerca da privacidade na *web*, sobretudo no Facebook são alvos de constantes preocupações tanto no universo acadêmico quanto em artigos publicados na mídia. Levantar o questionamento quanto à utilização dos dados que cada indivíduo posta *online* é importante, sobretudo para informar a população. Na medida em que os sujeitos estiverem a par dessas políticas poderão compartilhar conteúdo de forma consciente, sem aderirem a divulgações de boatos, causando incertezas. Ou mesmo servindo de audiência para reportagens que se limitam a alertar quanto aos perigos da exposição *online*, sem que possam exercer de senso crítico. Ao mesmo tempo, ao postarem ou compartilharem conteúdo podem ter a ciência exata de como esses dados são utilizados, e em até que ponto sua privacidade estará ameaçada. As pessoas, e seus dados postados estão sujeitos à exposição, mas é importante saber identificar como isso funciona e quais os riscos.

Ao longo do texto disponível no *site*, são apresentados muitos exemplos de como as informações podem ser utilizadas. Eles tem uma descrição precisa do que consideram informação do usuário. Não é apenas o que o próprio sujeito posta, mas informações que outros postam a seu respeito e dados relacionados com atividades dentro do *site*, como busca por pessoas, uso de aplicativos, uso de games, aparelhos através dos quais se acessa o *site*, Endereço de IP do servidor, localização da pessoa, entre outros. Eles também coletam dados relacionados a atividades de outros *sites*, como os que se utilizam da plataforma do Facebook. Também podem receber dados dos parceiros de marketing, clientes e outros parceiros.

Algumas vezes recebemos dados de parceiros anunciantes, clientes e outras parceiras terceirizadas que nos ajudam (ou a eles) a entregar anúncios, compreender atividade *online*, e genericamente melhorar o Facebook. Por exemplo, um anunciante pode nos dar informações sobre você (tal como de que forma você respondeu a um anúncio no Facebook, ou em outro *site*) para medir sua eficiência e melhorar sua qualidade.³⁹

³⁸ Fonte: <https://www.facebook.com/about/privacy/>

³⁹ Tradução da autora: Sometimes we get data from our advertising partners, customers and other third parties that helps us (or them) deliver ads, understand *online* activity, and generally make Facebook better. For example, an advertiser may tell us information about you (like how you responded to an ad on Facebook or on another *site*) in order to measure the effectiveness of - and improve the quality of ó ads. Fonte: <https://www.facebook.com/about/privacy/>

Segundo o texto, a utilização dos dados é anônima, com exceção da informação que o usuário escolhe tornar pública ou que outros usuários compartilham de forma pública sobre um sujeito. Ao postar ou compartilhar uma informação o usuário tem a opção de escolher quem será a audiência do conteúdo em questão. Pode-se postar para sua rede de amigos, para listas específicas ou tornar a informação pública. Ainda é possível personalizar a audiência da postagem escolhendo pessoas que podem ou não visualizá-la.



Figura 7 6 Opções de audiência para postagem no Facebook.

De acordo com esta política, algumas informações são sempre tratadas como públicas, como o nome e ID do usuário, as imagens de perfil e de capa, a própria rede de contatos, o gênero da pessoa.

Ao explicarem como podem se valer das referidas informações não descrevem na íntegra. Utilizam de vários exemplos, inclusive traçando todas as exceções que podem ocorrer nas regras de privacidade. Afirmam que usam as informações que coletam sobre o usuário em conjunto com os serviços e funcionalidades que fornecem para a rede, seus parceiros, os anunciantes que compram espaço no *site*, desenvolvedores que criam games ou aplicativos e *websites*. Dentre tantas informações que descrevem, uma delas é a utilização de dados para operações internas, como análise de dados, testes, pesquisa e melhoria do serviço.

O Open Graph do Facebook⁴⁰ foi lançado em 2010 como uma extensão do protocolo Social Graph. Trata-se de um pedaço de código aberto e oferecido a empresas ou pessoas terceiras que queiram criar aplicativos ou *websites* anexados ao Facebook. Aplicativos desenvolvidos através desse recurso podem se beneficiar de dados disponíveis no Social

⁴⁰ Fonte: <https://developers.facebook.com/docs/opengraph/>

Graph do Facebook, o qual eles definem como as pessoas, suas conexões e tudo o que é importante para elas. O *Social Graph* inclui dados coletados das três principais interfaces do Facebook, a *Timeline*, o *News Feed* e o *Ticker* (figura 2), também chamados de núcleo da experiência do usuário. O *News Feed* é o espaço principal da página de entrada que reúne atualizações de todos os contatos e todas as páginas de marcas e instituições favoritas pela pessoa. O *Ticker* é uma ferramenta mais recente que funciona como um resumo do *News Feed* no canto superior direito da tela. A *Timeline* é referente a um sujeito ou página de marcas e instituições trazendo todas as suas atualizações em formato de linha do tempo.

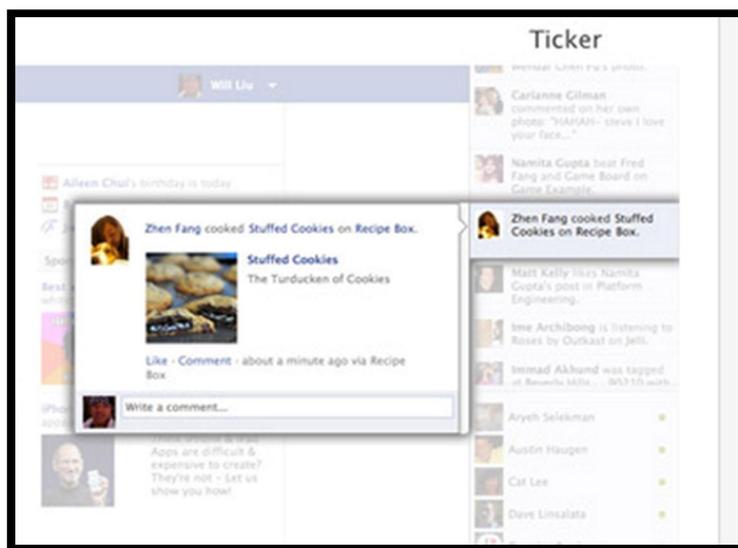


Figura 8 - Ticker do Facebook.

4.1.3 Os Processos de Representação no Facebook

Esse contexto de interações no *News Feed* e na *Timeline* é o que se propõe como ponto de partida para objeto de estudo dessa pesquisa. Levando em conta a prerrogativa de representação pessoal em sistemas de redes sociais como uma trajetória contínua, será buscado como objeto de pesquisa: os **processos** de atualização dinâmica, e que possam ser representados de uma forma dinâmica na plataforma, que traga informações que digam da construção de uma identidade e de formas de representação no espaço apresentado. Esses dados sempre serão avaliados com relação à posição do sujeito com relação a eles. Buscar-se-á saber se o sujeito é autor ou observador e quais as condições de compartilhamento, se feitas de forma fixa ou móvel, qual o tipo de aparelho mais utilizado e se foi feito direta ou indiretamente pelo sujeito. Busca-se investigar as repercussões disso no sentido de reconfiguração do sujeito que compartilha em sua participação, sua presença na rede ou

mesmo fora dela, considerando novas dinâmicas culturais que surgem a partir dessas práticas sociais. A privacidade é um fator que será investigado no sentido de se os sujeitos observados possuem conhecimento da política de privacidade e se a tem como uma de suas preocupações ao criarem suas representações.

4.1.3.1 Pensamentos (Sentimentos) Compartilhados: o sujeito íntimo na rede

O sujeito pode aparecer de diversas formas no *News feed* de seus amigos ou em sua própria *Timeline*, mas essa pode ser considerada a mais espontânea e de caráter mais intencional. Aqui ocorrem trocas de detalhes sobre a vida de pessoas que normalmente abordam sentimentos relacionados a momentos específicos vividos por eles mesmos. Esse tipo de conteúdo é incluído na rede sem planejamento. O sujeito é autor e compartilhador ao mesmo tempo e normalmente posta a seus contatos mais íntimos, que verão sentido em seu sentimento e em muitos casos retribuirão com comentários.



Figura 9 ó Expressão de um sentimento no *News Feed* do Facebook.

Esse tipo de mensagem pode ser proveniente do sujeito em seu ambiente fixo de compartilhamento de conteúdo, mas também pode surgir de uma interação social em algum local público, através do uso de um dispositivo móvel. Nesse caso, ainda de forma espontânea as pessoas decidem que determinados momentos de suas vidas valem a pena ser registrados e compartilhados na rede.

Mensagens compartilhadas com esse teor podem ser comparadas aos diários íntimos descritos por Sibillia (2008). Porém, se os blogs digitais já eram vistos como efêmeros e superficiais, se comparados com reflexões subjetivas aprofundadas encontradas em diários de papel do século XIX, as mensagens postadas no Facebook costumam apresentar um caráter

muito mais fragmentado e passageiro. Na figura 9, o sujeito em questão descreve uma atividade relacionada com o fato de estar de férias, embutindo no teor da mensagem sua alegria com o fato. Apesar de se tratar de um detalhe íntimo do seu eu, não é uma reflexão aprofundada, e sim, apenas um comentário com relação a uma atividade cotidiana que faz parte de seu meio cultural. Essa prática pode estar relacionada com a inquietação e agilidade que a época contemporânea exige, mas também pode ocorrer simplesmente porque ao ser direcionada a uma rede de contatos específica, o autor sabe que seu teor será compreendido, mesmo sem muitas explicações. Os comentários de amigos relacionados demonstra o quanto seu teor foi absorvido.

Esse processo demonstra questões mais íntimas do eu, é a parte da representatividade em que os sujeitos mais se expõem, podendo demonstrar lados que em muitos casos na convivência presencial se prefere esconder, como medos, mágoas entre outros. A primeira vista, pode-se pensar que a pessoa que está compartilhando esse tipo de mensagem não esteja selecionando o conteúdo postado, sem se preocupar com a imagem criada. No entanto, muitas vezes essa pode ser justamente a imagem que se deseja criar, como no caso dos diários íntimos, em que se escreve aspectos do seu eu mais profundo de forma secreta, desejando no fundo que ele seja descoberto.



Figura 10 ó Imagem compartilhada por sujeito com a frase ãAguento tantas coisas calada, mas por dentro tá um barulho, uma confusão.ö

No exemplo da figura 10, o sujeito em questão utiliza do compartilhamento de uma imagem já criada por outro autor para demonstrar seu sentimento, e o reforça, incluindo a frase ãÉ eu tenho que começar a explodirö. É um exemplo de como um sentimento pode ser expressado no Facebook utilizando-se das possibilidades que as mídias digitais proporcionam, de captação, edição e compartilhamento de imagens. Nessa dinâmica, os sentimentos expressados podem ser copiados e colados quantas vezes forem necessários para criar a imagem esperada, mas sua edição permite que se inclua subjetividade do autor que compartilha.



Figura 11 ó No título do link compartilhado o sujeito cria uma *tag* com o nome de um de seus amigos, chamando-o para a conversa.

Esse tipo de informação sempre será relevante para a rede de contatos de um indivíduo, mesmo que apenas para uma parcela dessa rede. Uma das propostas desta pesquisa é que o sujeito ao postar já possui uma audiência imaginada a que ele espera que a mensagem faça sentido. Em alguns casos, o sujeito pode inclusive citar essa audiência ou parte dela, em postagens ou comentários, na tentativa de que eles se incluam no assunto, agregando valor ao conteúdo. Na figura 11, observa-se um exemplo disso.

4.1.3.2 Atividades Compartilhadas: o sujeito prático na rede

Esse processo demonstra mais o caráter opinativo da representação dos sujeitos do que o sentimental. Mesmo assim, essa dinâmica também traz aspectos do eu, podendo ser íntimos em alguns casos. São compartilhamentos referentes a ações que os sujeitos tomam parte e acham pertinente divulga-los para sua rede. No exemplo apresentado abaixo, a autora do post traz a informação através de uma imagem e ainda posta uma opinião. Quanto ao tempo deduz-se que se trata do momento em que está postando, já o espaço em questão fica subentendido através do comentário de seu contato.



Figura 12 ó Compartilhamento de fato e opinião no Facebook.

Outro exemplo corriqueiro, é quando um fato é relatado com relação a uma data ou evento, e algum conteúdo que tenha uma relação de afetividade, tanto para o sujeito que posta, quanto para seus contatos é associado para agregar significado. Na figura 13, duas pessoas associam um mesmo vídeo a uma postagem sobre o dia do programador. Trata-se de um conteúdo cultural que faz parte do universo de interesses desses sujeitos, possuindo um sentido conjunto pela comunidade de programadores.



Figura 13 ó Compartilhamento de conteúdo afetivo com expressão de opinião e sentimento.

Além dos anteriores, um tipo de atividades que aparece na *Timeline* dos usuários, e também no *News Feed* de seus amigos são as relacionadas a aplicativos dos quais o sujeito faz parte. Estes aplicativos são softwares, normalmente criados por empresas terceiras que possuem parceria com o Facebook para que seus produtos funcionem na rede desta plataforma. Na medida em que sujeitos participantes do Facebook utilizam estes aplicativos, as empresas parceiras adquirem dados (mesmo privados) de seus usuários. E conforme sua utilização, dependendo das configurações escolhidas pelo usuário, informações podem ser postadas em sua *Timeline* sobre as atividades realizadas no aplicativo. O exemplo da figura 14 é uma seção especial da *Timeline*, que traz um resumo dessas atividades, separados por atividades em aplicativos, últimas páginas curtidas e os últimos amigos adicionados.



Figura 14 ó Atividades relacionadas a aplicativos utilizados pelo sujeito.

Keen (2012) apresenta um olhar preocupado sobre o fato de que as empresas de dados e marketing cada vez tem mais acesso a todas as informações que um indivíduo posta. Ele cita as companhias SocialEyes, Hotlist, Facebook`s Open Graph, SocialCam, Waze, TripIt, Plancast, Into.now. Muitas delas são especializadas em informações de um tipo específico. Combinados os dados de várias ou mesmo todas, é possível criar perfis de consumo com aspectos detalhados do cotidiano das pessoas. Torna-se possível responder vários aspectos sobre um sujeito com relação a seu passado, futuro e presente.

Exemplificando, o *site* TripIt é um aplicativo ligado ao Facebook que proporciona ao usuário informações abrangentes para auxiliá-lo no planejamento de viagens. O serviço disponibiliza dados sobre passagens, hotéis, restaurantes e aluguel de carro, além de clima, ingressos para teatro, entre outros. Outro exemplo é o Hotlist, um aplicativo através do qual as pessoas podem se informar sobre eventos de data e local próximos e realizar um planejamento para sua vida social. Na descrição do *site* apontam que não estão interessados em saber onde a pessoa está, mas sim para onde vai e com quem. Todos esses *sites* possuem funcionalidades potencializadas pelas atividades em rede. Alguns dos *sites* citados coletam dados mais genéricos, englobando os de empresas específicas, como o próprio Facebook`s Open Graph, ou o SocialEyes que é um monitor de redes sociais.

Estas atividades postadas, direta ou indiretamente, produzem dados sobre o sujeito que podem ser relacionados com sua representação *online*. O sujeito, ao postá-las, certamente está abrindo mão de boa parte de sua privacidade na *web*. Pode não estar tornando as atualizações públicas, mas está permitindo que muitas pessoas tomem conhecimento, além destas empresas parceiras que terão acesso. No que diz respeito da representação do sujeito, com as atividades postadas é possível identificar uma parcela significativa dos interesses e afinidades que fazem parte de seu universo cultural. Cabe ao sujeito decidir até onde deseja abrir mão de sua privacidade, já que uma vez postado o dado passa a pertencer a rede.

4.1.3.3 Locais Compartilhados: o sujeito móvel na rede

Esse tipo de processo de representação é uma variação do anterior, já que se trata de um tipo de atividade que a pessoa pode postar no Facebook. Porém, por se tratar de uma funcionalidade que só tem sentido ser utilizada quando o sujeito está em deslocamento de seus locais de acesso fixo ao Facebook, requer uma seção especial. Muitas das atividades citadas no item anterior também podem ser realizadas em deslocamento físico, porém, adicionando locais através da funcionalidade de mapas, o sujeito necessariamente constrói narrativas de si próprio através de trajetórias físicas. Naturalmente esses dados são enriquecidos quando acrescidos do indicativo de atividades relativas, como fotos postadas, descrição do que está sendo feito no local, se for uma viagem o motivo da viagem, entre outros. Nesse caso a trajetória que se apresenta além de cronológica possui um sentido geolocal, em que costumes são associados aos espaços preenchidos (CERTEAU, 1998).

Estas informações aparecem na *Timeline* do sujeito e no *News Feed* de seus amigos. Mas a trajetória pode ser melhor visualizada na própria página que traz o mapa, indicando quantas postagens foram feitas, e em quais locais. Quanto à privacidade, segundo Keen (2012), o proprietário do Facebook, Mark Zuckerberg prevê cada vez mais pessoas interagindo *online* constantemente, possuindo aparelhos individuais sempre em uso. O autor alerta que em 10 anos a solidão terá sido eliminada e através de sistemas de redes sociais e seus aplicativos de monitoria, as grandes empresas de comunicação terão acesso a informações detalhadas sobre os participantes. Algumas das empresas citadas pelo autor já atuam em parceria com Facebook coletando dados e traçando perfis de hábitos de consumo. Apesar das desvantagens que isso possa acarretar, a participação dos sujeitos em redes sociais é aproveitada pelo mercado e continuará sendo inevitavelmente.

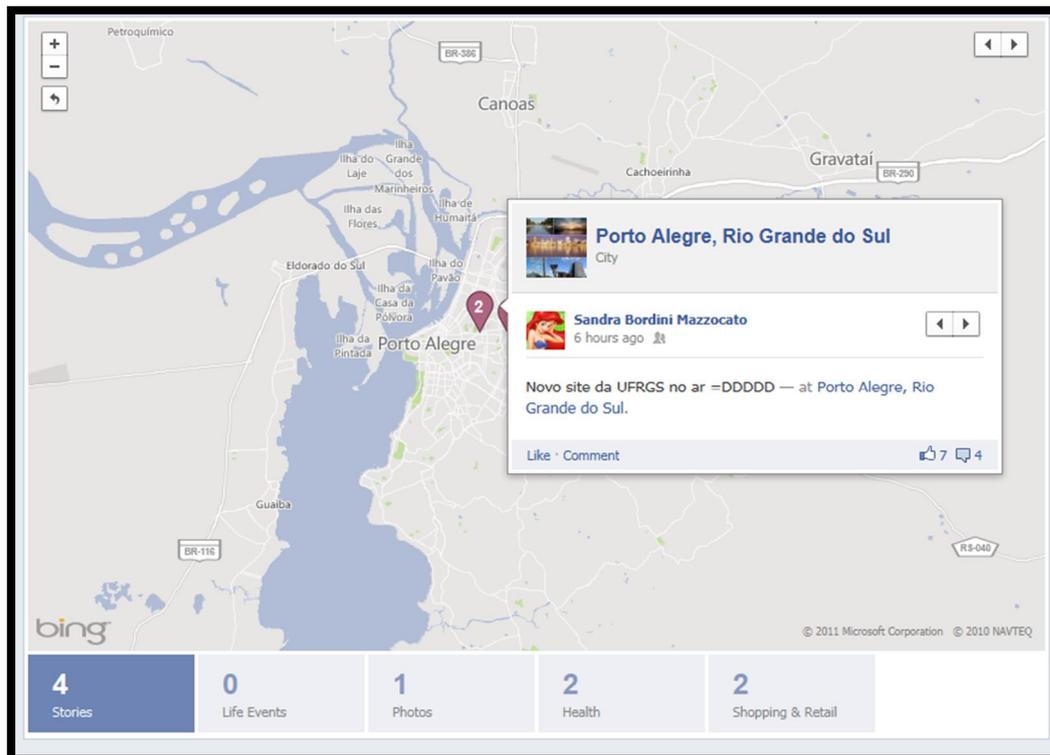


Figura 15 6 Funcionalidade *maps* do Facebook.

Esse tipo de atividade já está difundido desde a metade de 2011, através da popularização do aplicativo Foursquare⁴¹ voltado para dispositivos móveis, como *tablets* e *smartphones*. De acordo com Turkle (2001), esse tipo de recurso proporciona que o sujeito torne-se constantemente conectado. Trata-se da relação afetiva que os sujeitos têm com a rede que passa a determinar sua participação na mesma, tornando o gesto de empunhar o celular e compartilhar um dado, uma atividade corriqueira que já faz parte do cotidiano das pessoas. A participação do sujeito nas mídias sociais passa a ser guiada por sua vontade de estabelecer contato constante com amigos mais próximos ou a rede de forma mais abrangente. As pessoas passam a interagir simultaneamente com meio virtual e físico, demonstrando seu desejo de estarem sempre presentes. Sua atenção passa a ser dividida, estando sempre inseridos em um contexto híbrido. Já para Keen (2012) esta necessidade de conexão perene pode apresentar uma sensação de vertigem, uma vez que para ele liberdade é a possibilidade de estar em um local sem que ninguém saiba onde se encontra.

⁴¹ <http://foursquare.com>

4.1.3.4 Sujeitos Compartilhados: o sujeito indiretamente na rede

Em muitos casos o sujeito pode aparecer tanto no *News Feed* de seus contatos, quanto em sua *Timeline* de forma indireta, através de interações que não foram necessariamente criadas por si próprio.

No caso de adicionar um novo amigo ou mesmo aceitar a proposta de amizade de alguém, o Facebook insere essas atividades como atualizações. Apesar de surgirem de ações realizadas pelo sujeito não são necessariamente postagens ou comentários inseridos diretamente na plataforma. No entanto, a adição de novos integrantes em uma rede de contatos recebe destaque pela relevância que pode trazer. Quando um amigo adiciona alguém, essa pessoa pode ser conhecida daquele que já era amigo também ou pode ter assuntos de interesse e afinidades semelhantes, o que torna essa informação relevante em muitos casos. Além dessa opção, o Facebook também tem uma funcionalidade que sugere amigos muitas vezes baseado no fato de que muitas pessoas conhecidas daquele indivíduo também conhece o amigo sugerido.

A forma de compartilhamento de conteúdo mais indireto que um sujeito pode ter é ao ser marcado ou *õtagueadoõ* me uma foto postada por um amigo seu. O termo *õtagueadoõ* surgiu como uma livre tradução do termo *õtaggedõ* que em inglês significa etiquetar, já que a ação se trata de inserir uma *tag*, ou seja, uma etiqueta na foto com o link para o perfil da pessoa. Dessa forma, aquele sujeito passa a ser reconhecido por toda sua rede de contatos em uma foto postada no *site* por outra pessoa. Além disso essa foto passa a fazer parte de um de seus álbuns que traz especificamente fotos acrescentadas dessa forma. Além disso, como foi posto, pessoas podem ser *õtagueadasõ* em postagens feitas por seus amigos quando o conteúdo é direcionado especificamente para elas. Ou ainda *õtagueadasõ* em comentários, sempre com o intuito de convidar essa pessoa para algum tipo de conversa relacionada ao conteúdo ali presente.



Figura 16 ó Usuário que teve a foto òtagueadaõ no Facebook de um amigo.

Esse é o tipo de conteúdo que o sujeito compartilha involuntariamente. Nesse caso ele não é autor do post e nem o compartilhador propriamente dito. Ele torna-se observador de suas próprias interações, podendo inclusive inserir comentários. É o compartilhar sem compartilhar.

4.2 O Sujeito Reconfigurado na Rede

Os formatos de representação dinâmica fortaleceram uma tendência que aparece de forma generalizada na *web* que é a navegação centrada no usuário. Com o modelo de atualizações *News feed* a informação é direcionada ao sujeito, pois esse não precisa ir em busca das últimas atualizações de seus amigos. Além disso, essas interações não aparecem mais apenas no contexto de comunidades ou fóruns específicos, aparecem em fragmentos na página principal do observador. Este as recebe como notícias de uma revista assinadas por interesse próprio. São interações, que podem ser de caráter comercial, midiático dependendo dos amigos adicionados, ou páginas que o sujeito segue. Mas em muitos casos são atualizações pessoais de sujeitos que postam com interesses próprios direcionados a seus

amigos ou pessoas com quem se relaciona em nível pessoal. Esses fragmentos formam um todo único e particular e fazem sentido a esse indivíduo observador pois elas fazem parte de seu contexto, de sua configuração de rede. O próprio observador que lhe agrega sentido, por sua trajetória e pelo grau de afinidade que possui com quem interage. E ao formar um contexto particular a este que observa, essas atualizações reconfiguram o próprio olhar do sujeito. Isso altera a própria forma de interagir da pessoa. Ou seja aquela pessoa que é observadora e recebe uma configuração de atualizações única, da qual inclusive pode se sentir proprietário, torna-se posteriormente, sujeito participante, sujeito autor, sujeito compartilhador.

A participação também se reconfigura, pois são direcionadas àquela visão, àquela configuração que o indivíduo possui das interações de seus contatos. Quando o sujeito torna-se participante, ele tem a impressão de que posta e passa a fazer parte daquela configuração única, quando na verdade ele passa a fazer parte da configuração particular de cada contato que o observa. Além disso, ele não necessariamente será observado por todos aqueles que ele observa. Pois apesar do sistema de adição de novos amigos no Facebook ser recíproca, ou seja, não é possível adicionar um amigo sem que este o aceite, algumas configurações do *News feed* fazem com que nem todas as atualizações de todos os contatos surjam para qualquer um. É possível, também, apenas seguir uma pessoa ou página. Existe a possibilidade de visualizar as atualizações de todos os contatos, mas também há a opção de receber apenas atualizações daqueles com quem se interage mais. Mesmo configurando para receber de todos os contatos é possível bloquear alguns contatos ou interações provenientes de determinados aplicativos, como de jogos sociais ou páginas propriamente ditas. Assim, nunca o *News Feed* de dois usuários diferentes trará atualizações com configurações idênticas.

Seja por desejo de exposição ou de conexão os sujeitos participam dos ambientes de redes sociais tendo em vista uma representação de seu eu a uma rede específica. Em situações em que o sujeito compartilhe mais informações de cunho íntimo, cujo teor seja descontraído ou exponham sentimentos, pode-se perceber que essa pessoa visa seus amigos mais próximos como audiência. Em casos de conteúdo meramente informativo ou ainda com opiniões acerca de temas de interesse público, é possível afirmar que o sujeito visa uma audiência mais abrangente como contatos com quem se tem menos intimidade. Mesmo assim, observa-se situações em que dados de teor íntimo são compartilhados de forma pública ou visando grupos sociais diversos, que não se incluem em contatos mais íntimos. Como é o caso de

conversas pessoais que usuários do Facebook realizam no espaço de comentários de uma postagem. Muitas vezes a postagem foi destinada a toda a rede do sujeito, porém apenas ele próprio mais seus contatos mais próximos realizam uma discussão íntima, que todos os seus contatos restantes terão acesso. O compartilhamento no Facebook é feito sem muito controle de quem possa estar visualizando a que momento.

Mesmo assim, cada usuário possui sua própria rede de referências personalizada. E essa rede é montada dinamicamente através de sua participação no Facebook e de suas identificações. Adicionar amigos e escolher pessoas, instituições, marcas ou assuntos em geral para seguir traz aspectos da personalidade e articulações culturais.

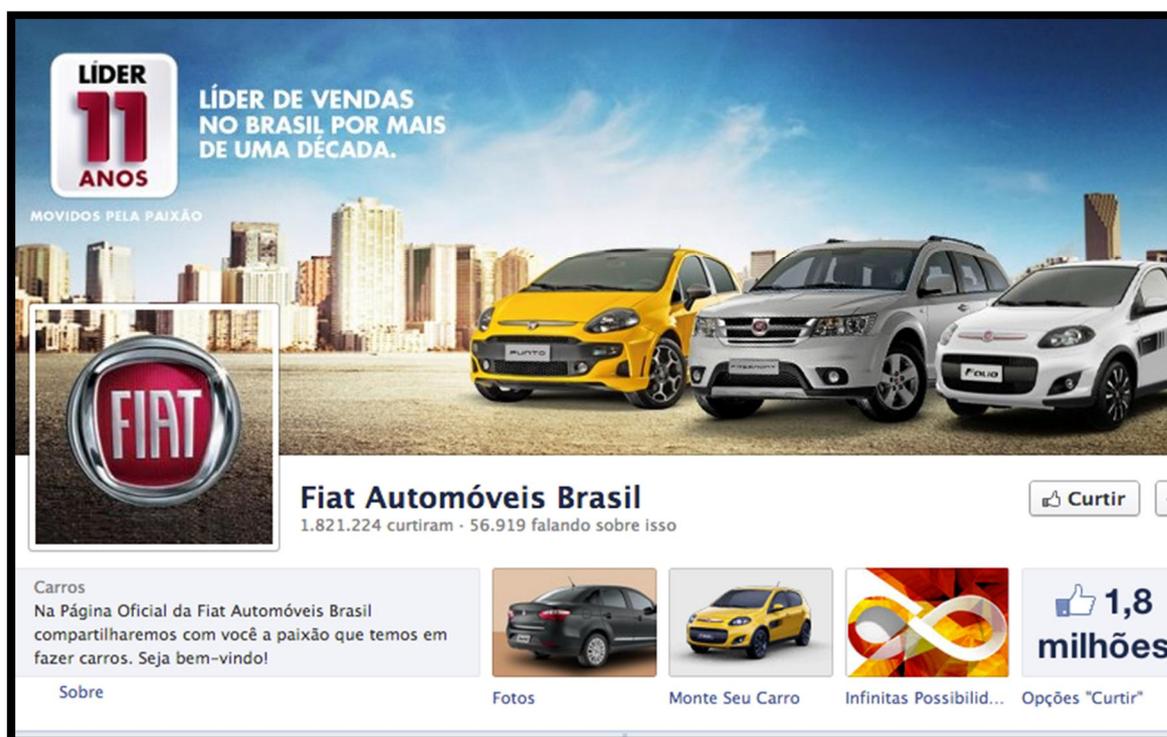


Figura 17 é Página da marca Fiat do Brasil no Facebook. Ao clicar em Curtir uma página assim, o usuário se identifica com seu conteúdo, o agregando em suas referências culturais.

Porém, a representação do sujeito, na maioria dos casos, não é planejada. Ela ocorre de acordo com suas afinidades e vontades. Por ser dinâmica, ela está sempre em mutação, podendo ser alterada e reconfigurada a qualquer momento.

Conforme proposto, a relação que se estabelece com as práticas de compartilhamento de informações no Facebook proporciona uma reconfiguração do sujeito. Esta reconfiguração se dá pelas pessoas no próprio contexto de cultura digital, em que o indivíduo entra em

contato com dispositivos tecnológicos que suportam aplicativos e possibilitam o compartilhamento. Assim, não está se propondo que a visão de mundo, como um todo, do sujeito se altere. Mesmo que esta possa ser uma possibilidade, a reconfiguração da qual se fala é de mudanças nas maneiras das pessoas se relacionarem com a tecnologia e suas possibilidades sociais. Assim, apresentam-se categorias de análise da reconfiguração do sujeito no Facebook para elaboração e cruzamento dos dados empíricos com o referencial teórico apresentado.

A primeira categoria relaciona-se com os hábitos cotidianos e formação de identidade no Facebook. Nesta pretende-se compreender as práticas propriamente ditas que se formam a partir do compartilhamento de dados no Facebook, pessoais ou não. E também como estes dados envolvem a participação da rede com comentários e compartilhamentos de outros indivíduos. A segunda categoria refere-se às mudanças na linguagem e os papéis sociais no Facebook. A partir destas práticas observadas é possível identificar padrões de linguagens específicos deste meio. Além disso, conforme estes padrões, são formados papéis que as pessoas interpretam com relação ao compartilhamento do conteúdo, sendo autores, compartilhadores, ou apenas espectadores. A terceira categoria é com relação a memória digital e o esquecimento, pois através deste compartilhamento os sujeitos realizam um registro diário relacionado a sua pessoa em um ambiente *online*. Esta prática constante reconfigura as formas que o sujeito tem de armazenar memória e reinventa suas possibilidades de esquecimento de dados que tenham acontecido em sua vida.

4.3 Procedimentos Metodológicos

Para investigação acerca da hipótese e dos objetivos apresentados realizou-se uma pesquisa empírica baseada na observação de dados postados nas *timelines* de seis usuários do site Facebook. Optou-se por seis pessoas por ser essa uma pesquisa qualitativa, em que além da observação de conteúdos postados na *timeline* de cada sujeito, foi feita uma entrevista em 3 etapas para melhor compreensão de seu relacionamento com a plataforma. Ou seja, cada indivíduo e seus hábitos de compartilhamentos foram aprofundados, o que inviabilizou uma amostragem mais extensa. Essas seis pessoas são três do sexo feminino e três do sexo masculino. Sendo essas divididas em três casais de três faixas etárias diferentes, ou seja, o primeiro casal na faixa dos vinte e cinco aos trinta e cinco anos, o segundo na faixa dos trinta

e seis aos quarenta e cinco anos e o terceiro na faixa dos quarenta e seis anos aos cinquenta e cinco. Esse critério foi adotado por dois motivos. Primeiramente por ser o Facebook um site de redes sociais que engloba usuários de múltiplas faixas etárias, possibilitando portanto, que se observe diferentes hábitos de compartilhamento e interação dos sujeitos de acordo com a idade e sexo. O segundo motivo foi o de procurar se adaptar às gerações apresentadas por Tapscott (2008) e suas diferenciações no modo como utilizam aparatos tecnológicos. No contato realizado com os participantes prometeu-se que suas identidades permanecessem em sigilo, assim, seus nomes serão representados nomes fictícios ao longo da descrição e análise. Tão logo os participantes são: Adolfo, homem de 50 anos; Alice, mulher de 48 anos; Bruno, homem de 42 anos; Bela, mulher de 36 anos; Caio, homem de 30 anos e Cássia, mulher de 26 anos. O critério de escolha dos participantes, além de distribuição de sexo e idade, foi aleatório, apenas cuidando para que fossem indivíduos que possuíssem no mínimo dois graus de separação com a autora na rede do Facebook.

A estes selecionados foi enviada uma mensagem de convite à participação da pesquisa, conforme apresenta-se abaixo. Esta mensagem foi enviada a mais de seis convidados, pois contava-se que em muitos casos as pessoas recusariam a participação, como de fato aconteceu. Assim, vários convites foram enviados até que se conseguiu a aprovação de seis participantes dentro dos perfis apresentados anteriormente.

Olá

O meu nome é Sandra Bordini Mazzocato e estou realizando uma tese de doutorado no programa de pós-graduação em comunicação da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) sob orientação da professora Dra. Mágda Cunha, sobre identidades compartilhadas no Facebook.

Estou procurando pessoas para participarem da minha pesquisa respondendo um questionário *online* e gostaria de convidá-lo (a).

Fico feliz se puder concordar em participar. Meus dados podem ser confirmados na minha Timeline aqui no próprio Facebook. Essa pesquisa será apresentada de forma anônima, não sendo divulgado o seu nome em hipótese alguma. Será publicada apenas no sistema de biblioteca da PUCRS sem fins lucrativos. Além disso, quando for publicada estará disponível no banco de dados da PUCRS.

Assim, após obter-se o aceite dos seis sujeitos foi realizada uma observação de suas postagens ao longo de uma semana, do dia 14 de setembro de 2013 ao 20 de setembro de

2013. Com base nessa observação formou-se um dossiê para cada participante, em que as postagens da semana foram catalogadas com relação à característica de representação, porém, em se tratando de atualizações da *Timeline* dos sujeitos, parte-se do princípio que todas são do tipo dinâmica. Já que a mesma é um tipo de representação formado através do próprio processo de participação do sujeito na rede. Além disso, classificou-se as postagens também com relação ao tipo de processo de representação, ou seja, se cada conteúdo representa um sujeito prático, um sujeito íntimo, sujeito móvel ou um sujeito indireto. Neste caso as classificações são variadas, portanto foi montada uma tabela para cada participante para melhor visualização. Como foi dito no item 4.1.2.1 os processos de representação não são categorias estanques, podendo cada postagem fazer parte de mais de um dos tipos citados.

Após essa observação, conforme havia sido combinado previamente, foi enviado aos participantes um link para um questionário elaborado com a ferramenta de questionários google, no dia 30 de setembro de 2013. Este questionário inicialmente possuía nove perguntas (tabela 1) e foi sendo respondido sucessivamente ao longo de duas semanas seguintes.

<p>1 - A seção <i>osobreô</i>, do Facebook permite acrescentar informações pessoais, como fotos de perfil e capa. Com base em que você atualiza essas informações?</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Seu humor; 2. Um acontecimento pessoal importante no dia da atualização; 3. Um acontecimento importante relacionado a seu trabalho; 4. Notícias em âmbito nacional que sejam consideradas significativas por você; 5. Notícias em âmbito internacional que sejam consideradas significativas por você.
<p>2 - Você costuma preencher essas informações, com mais frequência de dispositivos móveis, ou de um computador fixo?</p>
<p>3 - Defina os quatro traços marcantes de sua personalidade encontrados nas opções abaixo.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Introverso; 2. Extroverso; 3. Familiar; 4. Individualista; 5. Preocupado com causas sociais; 6. Tranquilo; 7. Ansioso; 8. Ambicioso; 9. Artístico; 10. Prático;
<p>4 - Que tipo de dados curte/compartilha mais através destes dispositivos?</p> <p>PESSOAL</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Entretenimento diverso; 2. Notícias; 3. Conteúdo político; 4. Anúncios e produtos para vender.
<p>5 - Como você se vê?</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bonito; 2. Feio; 3. Indiferente; 4. Fotogênico; 5. Atraente.

6 - Você acredita que o facebook alterou a forma como você se vê. Como?
7 - Como é sua percepção sobre privacidade na rede social? 1. A privacidade não existe; 2. A privacidade é relativa e administrável; 3. A privacidade é a mesma de quem não participa da rede social;
8 - você administra as ferramentas de privacidade de seu perfil? Sim; Não.
9 - Como se sente quando é marcado na foto que algum amigo posta? 1. Negativamente exposto; 2. Positivamente exposto; 3. Indiferente; 4. Constrangido; 5. Preocupado.

Tabela 1 ó Relação das primeiras nove perguntas enviadas aos sujeitos participantes.

Algumas respostas inicialmente foram inconclusivas, de forma que após sua obtenção, foi efetuado contato oral, mediante agendamento com os participantes através de ligação por Skype. Com exceção de Adolfo, que por não possuir Skype foi contatado por telefone. Durante esse contato, foram acrescentadas mais quatro perguntas representadas na tabela de número 2.

Com relação às suas publicações: 10 ó Você tem o hábito de conversar sobre o conteúdo de suas publicações fora da rede social?
11 - Você costuma compartilhar conteúdos para amigos específicos?
12 - Passou a enxergar algum de seus amigos de forma diferente através de suas postagens no Facebook?
13 - Você acredita de alguma maneira que a inserção da rede social no cotidiano das pessoas, e, portanto, no seu próprio cotidiano tenha modificado algo em sua vida? 1 ó Não; 2 ó Sim, mas sutilmente; 3 ó Sim, significativamente.

Tabela 2 ó Relação das quatro perguntas acrescentadas no contato via Skype/telefone.

No capítulo a seguir serão apresentadas justificativas para cada pergunta proposta, os perfis de cada participante com suas respostas analisadas, e por fim a hipótese de reconfiguração do sujeito desenvolvida com base no embasamento teórico e caso prático.

5. A Reconfiguração do Sujeito através de seu Compartilhamento Online

No capítulo que segue primeiramente apresenta-se as perguntas propostas aos participantes da pesquisa e uma justificativa correspondente a cada uma, considerando o objetivo da pesquisa, a hipótese da reconfiguração do sujeito através do seu compartilhamento *online* e os preceitos apresentados. Posteriormente, traça-se um perfil de cada participante, com o dossiê da observação semanal da *timeline* de cada um e suas respostas dadas às perguntas.

Além dessas perguntas foram adicionadas algumas com relação a dados pessoais dos sujeitos para que fosse possível traçar o perfil de cada um. A partir deste perfil apresenta-se uma tabela com os dados coletados abaixo. Posteriormente, apresenta-se os dados da observação, as respostas ao questionário e entrevista e um perfil detalhado de cada participante.

Nome	Adolfo	Alice	Bruno	Bela	Caio	Cássia
Idade	50	48	42	36	30	26
Profissão	Engenheiro eletrônico aposentado	Psicóloga	Contador	Pedagoga	Advogado	Analista de Negócios
Status de Relacionamento	Divorciado	Em um relacionamento sério	Casado	Solteira	Solteiro	Em um relacionamento sério
Renda mensal	Mais de 4 salários mínimos	De 2 a 4 salários mínimos	De 2 a 4 salários mínimos	De 2 a 4 salários mínimos	Mais de 4 salários mínimos	De 2 a 4 salários mínimos

Tabela 3 ó Dados coletados para traçar perfis de cada participante.

*1) A seção *ó sobre*, do Facebook permite acrescentar informações pessoais, como fotos de perfil e capa. Com base em que você atualiza essas informações? 1. Seu humor; 2. Um acontecimento pessoal importante no dia da atualização; 3. Um acontecimento importante relacionado a seu trabalho; 4. Notícias em âmbito nacional que sejam consideradas significativas por você; 5. Notícias em âmbito internacional que sejam consideradas significativas por você.*

Aponta-se, primeiramente, como justificativa para questão proposta acima, a recursividade como uma das principais características responsáveis pelas alterações que ocorrem no contexto cultural tecnológico e na formação do indivíduo como sujeito em

sociedade. Uma vez definida como movimento contínuo que envolve a identidade do sujeito e sua atuação na rede, sabe-se que esta se encontra intimamente ligada com as práticas que ele executa em seu meio e com a influência do próprio meio no sujeito. Dessa maneira, compreende-se que as alterações de foto de perfil e capa, executadas pelo sujeito, necessariamente implicarão sua interação com o meio de rede. Uma vez que seus contatos sociais interajam com este primeiro tipo de representação que o sujeito toma para si mesmo, eis, então a constatação do fenômeno da recursividade ora referido.

Essas práticas atuadas, influenciadas pelas identidades daqueles que as exercem, acarretam alterações, num primeiro momento, no contexto sociocultural do sujeito, diante de uma perspectiva pessoal, através da qual se pode perceber que o próprio sujeito e sua identidade passam a ser reconfigurados pela sua interação com o meio em que está inserido. Neste ponto, a interação promovida pelos contatos do sujeito, lhe resultará em interações tanto positivas quanto negativas e respeito de sua publicação. Ao cabo, o sujeito escolherá manter a publicação ou retirá-la, de acordo com os níveis de satisfação obtidos pela interação. É um processo dinâmico e acelerado, de efeito devolutivo, alterando o próprio sujeito que a ocasionou de maneira ou positiva ou negativa, ou ainda, ambas, passando a reconfigurar o próprio sujeito que é aquele que, por sua vez, desencadeou o referido processo.

A reconfiguração referida ocorrerá, uma vez que o sujeito reestabeleça conceitos de intimidade, de visibilidade, de comunicação interpessoal, de registro, de memória e, às vezes, até mesmo de esquecimento. Esse processo psíquico poderá ocorrer de maneira tanto consciente como inconsciente. Entretanto, independentemente se sua origem psíquica, poderão ocorrer mudanças significativas quanto ao comportamento do sujeito não só no ambiente de rede, como também em outras esferas de sua vida, a saber, a social de âmbito presencial, a laboral, entre outras.

Aqui será evidenciada a teoria de McLuhan (2005), através da qual o meio é a mensagem, no sentido de que as consequências sociais e pessoais de qualquer ambiente, que são extensões do próprio homem, são o resultado dos novos padrões introduzidos em sua vida pela novidade tecnológica: a rede propriamente dita.

2) Você costuma preencher essas informações, com mais frequência de dispositivos móveis, ou de um computador fixo?

A segunda pergunta visa à detecção dos quesitos de acessibilidade aos objetos tecnológicos, posto que mais acessíveis e integrantes do cotidiano das pessoas. O sujeito, apropriando-se das possibilidades de comunicação via dispositivos tecnológicos, acaba por criar novos hábitos, novas práticas sociais. Neste ponto, a ocorrência de processos de reconfiguração das relações estabelecidas entre o sujeito e seus contatos, na medida em que a interação com os dispositivos conectados em rede penetra com mais profundidade nas redes sociais, é evidente.

Através da informação obtida pela entrevista, no que tange à forma de conexão do sujeito, ou melhor, quanto ao dispositivo utilizado por ele, faz-se possível evidenciar, entre outros pontos, a geração à qual este está inserido, uma vez que, nos dias de hoje, por exemplo, as gerações mais jovens identificam a interface de navegação *touchscreen* de celulares ou tablets mais intuitiva e atraente do que o mouse e teclado de computador. Porém, como já se sabe, essas tendências não se resumem apenas ao público jovem, e não se tratam de tendências passageiras.

Atualmente, são desenvolvidos aplicativos específicos, que não só resolvem os problemas de interagir na web através de uma tela menor, com recursos de navegação limitados, como tornam a experiência um diferencial com relação a dispositivos locais e maiores; como é o caso do computador de mesa ou o notebook, no qual a interação do usuário é feita através de um teclado e um mouse, interfaces que já estão mais conhecidas ou pelo grande público, ou pelas gerações com faixas etárias mais avançadas. Esta observação encontra sua validade no momento em que se observa serem os sujeitos mais jovens adeptos aos aparatos tecnológicos mais recentes como o celular, *smartphone*, ou mesmo os *tablets*, o que, em definitivo, não são equipamentos representativos de tendências passageiras. Todos esses são, portanto, exemplos de novas maneiras de interagir com um dispositivo de comunicação, que insere novas práticas sociais no contexto das redes, reconfigurando a cultura, e por sua vez o sujeito nela inserido.

3) *Defina os quatro traços marcantes de sua personalidade encontrados nas opções abaixo: 1. Introverso; 2. Extroverso; 3. Familiar; 4. Individualista; 5. Preocupado com causas sociais; 6. Tranquilo; 7. Ansioso; 8. Ambicioso; 9. Artístico; 10. Prático.*

A pertinência da pergunta proposta encontra suas bases, primeiramente, na teoria de Deleuze (2001) em que este faz uma releitura dos pensamentos de Hume a respeito da

formação do indivíduo em sociedade como sujeito. Uma vez que o sujeito seja definido através de um movimento de autodesenvolvimento e de reflexão que projeta no próximo, há que se averiguar seus pontos básicos de auto percepção, de maneira a saber qual a visão que o sujeito tem sobre si mesmo. Assim, o sujeito reflete e se reflete: daquilo que o afeta em geral, ele extrai um poder independente do exercício atual, isto é, uma função pura, e ele ultrapassa sua parcialidade própria. Por isso tornam-se possíveis o artifício e a invenção. O sujeito inventa, ele é artificioso. É esta a dupla potência da subjetividade: crer e inventar; presumir os poderes secretos, supor poderes abstratos, distintos (DELEUZE, 2001, p. 94).

Por outro lado, Jung (2011), analisa a maneira como o sujeito apresenta-se ao mundo através de seu aparato teórico sobre a persona. A persona, uma vez que abrange nossos papéis sociais, desde a definição e preparação de nossa imagem até a maneira como nos comportamos nas mais diversas situações do cotidiano, indicará a forma como o sujeito se adaptará ao mundo que, por sua vez, exige de si próprio certo formato, ou seja, um conjunto de atitudes, sentimentos e pensamentos. Essa configuração é necessária para que o sujeito se adeque ao ambiente no qual vive e, se inicia com os primeiros contatos sociais a começar pelo ambiente familiar da criança.

O sujeito diante do contexto da web assume posturas que, de acordo com sua personalidade, podem ser sutil ou profundamente diferentes daquelas assumidas na sua vida social fora da web. O primeiro e mais significativo ponto que se vislumbra é a "proteção" oferecida pela interface do computador ou aparato tecnológico utilizado por ele para fins de conexão à rede. Neste ponto, a interface lhe possibilitará um determinado tipo de comportamento em que o sujeito se sentirá mais apto a manifestar sentimentos ou opiniões, posto que facilitados, entre outros fatores, pela simplicidade de compartilhamento de conteúdo oferecida pela rede, momento em que o sujeito se depara não com sua capacidade de criação, mas sim, com a simplória possibilidade de escolha.

O conteúdo disponível para compartilhamento provoca um nada complexo processo psíquico no sujeito, através do qual este se identifica (ou não), opta (ou não), "clica" (ou não) e, por fim, compartilha. Cada passo assume um caráter meramente optativo, resultando, na maioria das vezes mero processo psíquico inconsciente. Entretanto, o que vem à tona no referido processo, é o caráter de identificação entre sujeito e conteúdo compartilhado. O compartilhamento, propriamente dito, é apenas o resultado.

Já o referido processo de identificação, vem a tratar-se de longo e complexo processo psíquico, fruto de milhões de associações cerebrais e anímicas, todas essencialmente vinculadas à personalidade do sujeito, à maneira como este se vê, bem como a sua necessidade de compartilhar conteúdo, em outras palavras, compartilhar um pouco (ou muito) de si mesmo, para logo após, sofrer os riscos de ser interpretado de acordo ou em desacordo com suas intenções iniciais. Aqui nota-se o sujeito adaptado ao funcionamento da rede, eis, portanto, o sujeito reconfigurado.

4) Que tipo de dados curte/compartilha mais através destes dispositivos? 1. Pessoal; 2. Entretenimento Diverso; 3. Notícias; 4. Conteúdo Político; 5. Anúncios e produtos para vender.

Sendo a persona o produto final de uma série de adaptações entre o que o mundo de fora exige, começando pelos pais, e o que se tem dentro de si mesmo, enquanto sujeito, de maneira a resultar no desenvolvimento da consciência coletiva, Durkheim (1990) colabora na justificação desta pergunta realizada na pesquisa de campo, afirmando que o conjunto de crenças e de sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem sua vida própria; pode-se chamá-lo de consciência coletiva ou consciência comum. Sem dúvida, ela não tem por substrato um único órgão; ela é, por definição, difusa em toda extensão da sociedade; mas não tem caracteres específicos que a tornem uma realidade distinta.

Nesse sentido, defende-se a ideia de que o sujeito compartilha conteúdo para os outros e não para si mesmo. Se, de um lado, o conteúdo compartilhado pode representar traços sensíveis ou marcantes da personalidade de quem os compartilha, de outro, o sujeito busca tão somente (re)inserir-se via web no contexto social a que já pertence, demarcando seu território, reforçando seu papel social, impondo-o e impondo-se continuamente diante sua rede de contatos. Uma vez que este processo não é típico de apenas um determinado ou restrito grupo de pessoas, mas sim, comum a absolutamente todos os sujeitos conectados, nota-se, então, o princípio do que se chamou anteriormente de consciência coletiva.

Com efeito, a consciência coletiva independe das condições particulares em que se encontram os indivíduos; eles passam e ela permanece. É a mesma no Norte e no Sul, nas grandes e nas pequenas cidades, nas mais diferentes profissões. Da mesma forma, não muda a cada geração, mas, ao contrário, enlaça umas às outras as gerações sucessivas. Ela é, portanto,

uma coisa inteiramente diferente das consciências particulares. Ela forma o tipo psíquico da sociedade, tipo este que tem suas propriedades, suas condições de existência, seu modo de desenvolvimento, tais quais os tipos individuais.

Podem ser detectadas no homem dois tipos de consciência: uma de aspecto individual e outra de caráter coletivo. Uma contém os estados psíquicos de caráter pessoal e que caracterizam o sujeito pertinentemente à sua individualidade, enquanto os estados que abrangem a outra são comuns a toda sociedade. A primeira só representa nossa personalidade individual e a constitui; a segunda é do tipo coletivo e, por conseguinte, responsável pela formação da sociedade em que se vive. Quando um dos elementos desta última é o que determina nossa conduta, não é em vista do nosso interesse pessoal que agimos, mas sim, perseguimos fins coletivos. Já no processo imediatamente contrário a esse, o que se objetiva é o reconhecimento.

Assim, Deleuze (2001) auxilia a compreender a reformulação de identidade do sujeito na sociedade de informação, da cultura de participação, sobretudo o sujeito interagente no ciberespaço. O sujeito que constitui uma identidade *online* promove um ódesenvolvimento de si para ser observado por seus parceiros, e ao ser influenciado pelas referências do meio evidencia sua comparação com o próximo, a fim de definir a si próprio, reconfigurando-se.

5) Como você se vê? 1. Bonito; 2. Feio; 3. Indiferente; 4. Fotogênico; 5. Atraente.

Uma das características de maior atratividade da rede social, objeto de estudo deste trabalho, é, sem dúvida, sua capacidade de exposição no que diz respeito ao sujeito. O que antes era restrito a pequenos grupos sociais e de maneira presencial, hoje, é algo com dimensões sociais infinitamente maiores e mais abrangentes. O que vai de encontro à conceituação de Turkle (2005) de computadores como espelhos do próprio ser. O sujeito se expõe, se publica, se dissemina, se autopromove de maneira que potencializa, na medida de suas características de cunho pessoal, baixos ou altos coeficientes de narcisismo, vindo estes a compensar a existência de autoestima baixa do sujeito, ou, em contrapartida, reafirmar autoestima bem desenvolvida, culminando assim, no narcisismo propriamente dito.

Desenvolvendo a teoria de Jung (2011), antes apresentada, no sentido de que o posicionamento do sujeito diante o computador conectado a rede, é resultado de mais uma faceta de sua personalidade, ora chamada pelo autor de *persona* e, associando-a ao sujeito que projeta sua imagem, seus desejos e suas ânsias defronte o espelho de Turkle (2005), obtemos

o resultado de que o sujeito depara-se com um mundo em ele mesmo, enxerga como um amplo campo de possibilidades para agir e reagir através de uma série de características de sua personalidade que podem ser desde as mais simuladas, uma vez que se encontra protegido pela interface do aparato tecnológico que tem diante de si, até as mais representativas de sua identidade, de maneira a tornar reconhecer este ambiente de rede como o mais adequado para manifestar posições, por exemplo, que em sua vida cotidiana seriam omitidas no caso de um sujeito com características de introversão.

Diante do exposto, é inegável que o Facebook, (além de outros aplicativos de redes sociais) alimentam uma tendência à autopromoção, logo ao narcisismo. Jung (2011) já dizia que a necessidade de reconhecimento faz parte da natureza humana. Porém, de acordo com características precisas de seu comportamento, poderá ser observada a existência de nível adequado ou avançado de neurose ou, ainda, de patologias mais sérias. O que se sabe, mas que deve ser frisado é que o comportamento narcisista não se restringe somente aos ambientes de rede, uma vez que vem a tratar-se de aspecto relacionado à autoestima do sujeito, de maneira que vai, evidentemente, se manifestar em relacionamentos e comportamentos também fora do ambiente de rede.

Entretanto, há de se esclarecer que, embora as possibilidades oferecidas pela rede nos quesitos fotos de capa e fotos de perfil, além dos já mencionados selfies, uma vez que passíveis de serem interpretados como forma de exposição, autopromoção e, em casos mais extremos, como manifestações narcisistas, há de se considerar outro ponto de vista: a imagem está tomando o lugar do texto nas redes sociais e na comunicação via web (a *timeline* do Facebook traz muito mais fotos do que textos), fator este que também deve ser atribuído à evolução tecnológica, bem como à popularização de seus produtos. O fator que melhor evidencia esse fenômeno é que a maioria das pessoas carrega uma máquina fotográfica no bolso (o celular), acompanhada de outros tantos aplicativos completamente baseados em imagens (fotos e vídeos) que se popularizam a cada dia.

Assim, uma vez que haja meios favoráveis (velocidade de conexão e sua respectiva disponibilidade através de dispositivos móveis acessíveis ao grande público) e aplicativos capazes de estilizar fotos com filtros, por exemplo, estimulando o sujeito a obter nova visão pessoal (customização) e fora do padrão usual, tanto para si mesmo, quanto para sua rede de contatos, faz-se visível ao olhos a influência do aparato tecnológico agregado à esfera da rede social, na maneira como o próprio sujeito passa a ver-se.

6) Você acredita que o facebook alterou a forma como você se vê. como?

Conforme já apontado, a interface, nesse momento, ocupará papel de uma espécie de filtro, através do qual o sujeito disporá livremente da persona a ser utilizada para interagir com o ambiente de rede. Esse processo poderá sofrer variações de acordo os papéis já desempenhados pelo sujeito em seu cotidiano ou, também, poderá ser o resultado de novas combinações através de um processo psíquico que pode ser consciente ou inconsciente, este último ocorrente na maioria dos casos.

Ao acessar o ambiente de rede, o sujeito se depara com uma espécie de conflito psicológico conjugado com identificações, reprovações, ânsias de manifestar o que sente, o que pensa, podendo também sofrer retaliação social no sentido de que nem todo o pensado, poderá, de fato, ser dito. Porém, a proteção oferecida pela interface, sempre será a maior atração de maneira a encorajá-lo a utilizar seu equipamento tecnológico conforme apontou Turkle (2005) no sentido de que vivemos em uma cultura que convida a todos a se tornarem íntimos dessa segunda natureza dos computadores.

Essa relação ocasiona uma série de tensões que, por sua vez, levam à busca de novas resoluções que marcam a cultura do sujeito como um todo. Os computadores, segundo Turkle (2005) modificam a sociedade porque se erguem como um novo espelho que reflete a mente como uma máquina. A autora demonstra preocupações que surgem com os primeiros computadores pessoais, em meados da década de 1980 de que a convivência com as máquinas leva os humanos a questionarem-se a si próprios, por se verem diante de um artefato capaz de realizar raciocínio. Para ela o computador era ao mesmo tempo visto como ameaça e obsessão, tabu e fascinação.

O que de fato ocorre a partir desta interação entre homem e máquina, é que sendo resultado de uma nova combinação na vida do sujeito ó com base em seu contato com a novidade tecnológica ó em que este dissocia-se de conceitos antigos e recombina-se com a nova experiência, culminando em uma recém criada afinidade eletiva, reconhece-se que, independentemente da percepção negativa do sujeito, uma vez que baseado na pergunta a ele atribuída na pesquisa, crê-se que não só a maneira como ele se vê evidencia-se alterada, como esta de fato vem a ser também a percepção de que sua rede de contatos acaba por ter sobre o referido sujeito, e sobre si mesma.

7) *Como é sua percepção sobre privacidade na rede social? 1. A privacidade não existe; 2. A privacidade é relativa e administrável; 3. A privacidade é a mesma de quem não participa da rede social.*

8) *Você administra as ferramentas de privacidade de seu perfil? 1. Sim; 2. Não.*

De caráter mais simplista, a ideia a ser obtida através das perguntas acima, é determinar o nível de preocupação que tem (ou não) o sujeito, foco desta pesquisa, com a visibilidade do conteúdo que compartilha de maneira a delimitar seu desejo de exposição na rede, compreendendo melhor seu perfil, portanto.

O que se vislumbra de antemão é que o sujeito discreto, introvertido, com baixo número de postagens ou que administra suas configurações de privacidade, pode, aparentemente possuir um ritmo de reconfiguração diferente dos sujeitos entrevistados com comportamento e hábitos opostos a este.

Evidentemente, são considerados aqui fatores etários e de pertencimento a tipos específicos de geração que também são indicadores dos níveis de reconfiguração do sujeito na web.

O sujeito da sociedade em rede é fragmentado e não vive mais em um contexto social em que suas maiores referências são definidas pela localidade ou laços consanguíneos. Segundo Castells (2004), ocorre um processo de dissociação entre sociabilidade e localidade e na formação de comunidades. As relações sociais passam a ser regradas por novos modelos, diferentes daqueles determinados pelo território. E a internet vai exercer um importante papel nessa reestruturação das relações sociais, nessa reconfiguração do sujeito.

Um dos elementos mais importantes deste processo é o individualismo como base do novo modelo de sociabilidade. O autor não está afirmando que a web crie um modelo de individualismo em rede, mas que o individualismo em rede, já existente, tem na internet o suporte material para que ele se torne forma dominante de sociabilidade. Segundo Castells (2004), o individualismo em rede é um modelo social, ou seja, não constitui em uma rede de indivíduos isolados. As redes existem, *online* e *offline*, formadas de acordo com os interesses, valores e afinidades de cada um. Porém, não só por estar em rede formando comunidades, um sujeito perde sua individualidade. Assim, conforme aponta Castells (2004), um sujeito pode manter o seu sentimento individualista, mas fazer parte de relações sociais, o que se concorda

na medida em que este mesmo sujeito, segundo um ponto de vista, é protegido pela interface, a exemplo de que para seu bloqueio diante da interação com a web basta apenas um clique.

9) *Como se sente quando é marcado na foto que algum amigo posta? 1. Negativamente exposto; 2. Positivamente exposto; 3. Indiferente; 4. Constrangido; 5. Preocupado.*

Seguindo a mesma linha da pergunta sobre as configurações de privacidade, o questionamento acima objetiva conhecer um pouco mais do íntimo do sujeito e como este se sente com relação a ferramentas da rede social que não controla ou que controla parcialmente.

De acordo com suas configurações de privacidade, bem como com suas respostas, aqui o sujeito demonstrará, entre outros fatores, uma manifesta imposição de sua individualidade.

Com relação às suas publicações

10) *Você tem o hábito de conversar sobre o conteúdo de suas publicações fora da rede social?*

Há, no senso comum, uma compreensão bastante equivocada sobre a vida social que se leva em rede e a vida social presencial. Não é à toa que existem, popularmente falando, as já conhecidas diferenciações feitas sobre os conceitos de real e virtual. Compreende-se, para fins desta pesquisa, que ambos os conceitos referem-se ao mesmo objeto, no sentido de que os dois locais de atuação do sujeito são reais.

Assim, o que se objetiva é saber até que ponto o sujeito leva conteúdos de sua atuação em rede para conversas e situações do cotidiano fora da rede.

11) *Você costuma compartilhar conteúdos para amigos específicos?*

Existe para Sibillia (2008) uma tendência em interpretar as narrativas do eu a histórias adaptadas ao código audiovisual e informático que influenciam os sujeitos através dos meios de entretenimento. Pode-se relacionar esse aspecto com as representatividades de Goffman (2007), as personas de Jung (2011) e os cenários do sujeito. Mas, sabe-se que atualmente os sujeitos cada vez têm menos controle do que aparece em seus espaços pessoais. Sua rede de contatos e as possibilidades de geração de conteúdo por parte de outras pessoas ou instituições que estejam atrelados à sua subjetividade afeta esse controle profundamente.

Dessa forma, o referido descontrolo que, apesar de dizer respeito a um aparato meramente técnico, tem um papel bastante considerável na composição do perfil do sujeito. Logo, se está diante de uma quantidade significativa de conteúdo publicado passível de interpretações diversas a partir de uma série de pontos de vista. Seria muito comum, neste sentido, que o sujeito observador dos dados expostos por alguém de sua rede de contatos, ao deparar-se com conteúdo que considere distinto daquele comumente apresentado na esfera presencial deste específico contato, pudesse constatar algum tipo de mudança no seu comportamento.

Ademais, ao possuir rede de contatos suficientemente extensa, outro fator contribuinte para a efetivação do que se questiona, é o fato de que os contatos sociais do sujeito estão normalmente separados por grupos em seu convívio presencial (familiares, colegas de faculdade, colegas de trabalho, etc), na rede social, em princípio, as mesmas pessoas, quando integrantes da rede de contatos na web, não seria nada incomum estarem todas reunidas e conectadas de alguma maneira.

O que se defende, por outro lado é que ao observar-se a rede de contatos de um amigo, é possível deparar-se com as mais diversas esferas de sua vida e, conseqüentemente, reconhecer algumas de todas as suas personas, a saber, aquela que se refere ao ambiente de trabalho, outra que represente o ambiente de estudos, a persona que utilizamos no ambiente familiar e assim por diante.

Na mesma linha de raciocínio, nota-se que alguns questionamentos basilares de Turkle (2011) podem ser aplicados à esta realidade. A interconexão entre os contextos que os indivíduos vivem na rede e que os mesmos vivem fisicamente é uma questão ainda pouco explorada; uma vez que, se o contexto cultural é importante para a formação de identidade e para o reconhecimento das personas, essas relações, além de serem alteradas pelo sujeito, o alteram em um processo recursivo, como já se sabe. As pessoas são atraídas pelas possibilidades de conexão e compartilhamento que o aparato tecnológico oferece e desenvolvem novas formas de interpretar o mundo que as cerca. Turkle (2011) deixa claro que a evolução tecnológica por si própria não ocasiona essa nova maneira de se relacionar, mas a facilita, muito embora se considere, no contexto desta pesquisa, não facilita, mas sim, possibilita esse novo contexto. Ademais, não é aos aparelhos que as pessoas se amarram, mas sim às gratificações que recebem através dos *eus* que desenvolvem *online*: é o reconhecimento de suas próprias personas como reforço da identidade do sujeito.

12) Passou a enxergar algum de seus amigos de forma diferente através de suas postagens no Facebook?

Uma vez que o sujeito tenha um grupo restrito de amigos, ou melhor, contatos da rede social, com os quais se comunique, teoricamente, se poderá concluir que estará pré-acostumado com um determinado tipo de comportamento por parte de seus amigos, que, em princípio, será considerado previsível, até certo ponto.

Por outro lado, se o sujeito possuir em sua rede de contatos, pessoas mais distantes que conheça pouco ou que até mesmo não conheça de fato, a ideia de previsibilidade se encontrará prejudicada na mesma medida da falta de familiaridade com os mesmos.

Considerando, portanto, essas duas possibilidades, a validade da pergunta acima será obtida no sentido de saber se o sujeito possui intenções que ultrapassem o âmbito pessoal no momento em que compartilha informações. Sendo assim, há de se detectar, por exemplo, se o referido sujeito utiliza seu perfil para fins políticos, comerciais, ou seja, qualquer utilização distinta da que se acredita à época da realização das entrevistas.

13) Você acredita de alguma maneira que a inserção da rede social no cotidiano das pessoas, e, portanto, no seu próprio cotidiano tenha modificado algo em sua vida? 1. Não; 2. Sim, mas sutilmente; 3. Sim, significativamente.

Sibilia (2008) justifica a realização da pergunta acima quando apresenta um dos principais aspectos de reconfiguração do eu através das trocas efetuadas na web. A autora defende a ideia de que com a democratização de meios de registro e compartilhamento de diferentes conteúdos ocorre uma hipertrofia do eu, em que qualquer história vale a pena ser contada.

Nos sistemas de redes sociais, a mencionada hipertrofia do *eu* ocorre com frequência, uma vez que cada sujeito, ao criar um perfil, passa a possuir um canal de comunicação através do qual pode divulgar informações sobre sua vida e, mais do que isso, formar narrativas que juntas compõem sua representação diante dos outros. Com a participação cada vez mais ampla nesse tipo de sites e formas de compartilhamento cada vez mais diversas, as narrativas tornam-se bastante diversificadas. O próprio sujeito reconstrói suas maneiras de interagir com sua rede de contatos através desses ambientes, incorporando novas formas de divulgar informações, como acontecimentos corriqueiros do seu cotidiano.

O que se observa é que, independentemente do grau de intimidade que o sujeito tenha com a rede, ou, até mesmo, por mais avesso que se considere a este ou a qualquer outro aparato tecnológico, a verdade é que uma vez que tenha seu perfil criado no Facebook, aos poucos, o sujeito passará por gradual processo de integração com a rede. Neste sentido, uma vez compreendido seu funcionamento e devidamente integrado a ela, o sujeito imediatamente dará início a seu processo de reconfiguração.

O que deve ser observado desde o princípio é que, como já dito, nem sempre o sujeito terá percepção aguçada ou comportamentos suficientemente conscientes a ponto de observar, detectar e reconhecer as mudanças ocorridas, primeiramente em seu comportamento e posteriormente em sua vida, a ponto de reconhecer que sim, que há de ter sido modificado em sua vida.

Considerando que a reconfiguração já referida pode, inclusive, implicar uma quantidade indescritível de processos psíquicos em sua maioria inconscientes, nem sempre essas mudanças tão evidentes aos olhos de uns e tão imperceptíveis aos olhos de outros, serão efetivamente reconhecíveis pelo próprio sujeito.

5.1 Perfis dos Sujeitos Entrevistados

A seguir, apresenta-se as respostas dadas por cada participante para as perguntas e uma análise correspondente com base nos preceitos apresentados.

Adolfo

Adolfo, homem de 50 anos é engenheiro eletrônico aposentado, formado na UFRGS, divorciado e seu status de relacionamento só pode ser visualizado por seus amigos. Mora sozinho. Adolfo mantém sua ex-mulher como um contato na rede Facebook, não pratica esportes e recebe uma renda mensal de mais de quatro salários mínimos. Abaixo se apresenta a tabela com a relação das postagens observadas de Adolfo, ao longo da semana proposta. Em que se pode observar que ele teve apenas cinco postagens. Como se pode perceber, a maioria de suas publicações são de teor íntimo, revelando um sujeito que compartilha de acordo com suas emoções.

Tabela 4 ó Relação das postagens do participante Adolfo.

	Sujeito Prático	Sujeito Íntimo	Sujeito Móvel	Sujeito Indireto
Postagem 1		X		
Postagem 2		X		
Postagem 3	X			
Postagem 4		X		
Postagem 5		X		

A maioria delas foram de cunho humorístico, sendo apenas uma, a postagem de número três possuía teor prático. Trata-se de um link para um artigo sobre a evolução do salário mínimo no Brasil, conforme se observa na figura 18.



Figura 18 ó Postagem três de Adolfo com cunho prático.

A seguir apresenta-se a relação de respostas dadas por Adolfo por ocasião de sua entrevista:

1) A seção *õsobreö*, do Facebook permite acrescentar informações pessoais, como fotos de perfil e capa. Com BASE EM QUÊ você atualiza essas informações?

Acho que mais de acordo com meu humor, item 1 e acontecimentos, itens 2 e 3. Mas dificilmente por conta de notícias. Quando é um acontecimento é mais por algo que eu participei, uma festa que fui, aniversários, Natal... Ou coloco imagens que me identifico, ou da família. A foto atual é uma tirada no trabalho e a de capa de uma feira que fui.

Uma vez que o entrevistado assume que efetua as atualizações de foto de perfil e capa com base em seu humor, se pode evidenciar que seu comportamento, nesse sentido, é inconsciente. A identificação que tem com a interface do computador ocorre de forma natural. O que se observa que Adolfo traz para o ambiente de rede informações e fatos do seu cotidiano laboral, familiar e social.

O fenômeno da recursividade se faz evidente, uma vez que seus colegas de trabalho ou seus familiares ó ou ambos ó serão as pessoas mais indicadas para promover a interação com suas publicações. Embora não se trate de constatação perceptível por parte do entrevistado, Adolfo é reconfigurado pela interação com a rede através de um processo desencadeado por ele mesmo.

2) Você costuma preencher essas informações, com mais frequência de dispositivos móveis, ou de um computador fixo?

Mais de computador fixo.

Como se pode notar, o entrevistado tem o hábito de acessar a rede social de seu computador convencional. Em um primeiro momento, atribui-se essa característica à geração à qual pertence Adolfo, a geração *Baby Boomer*. Marcada por um perfil estável quanto a seus aspectos psicológicos esta geração tem como principal característica não haver crescido no ambiente tecnologicamente desenvolvido em que hoje vivemos, o que denota sua "recente" adaptação e relativa independência de todo o aparato tecnológico.

3) Defina os quatro traços marcantes de sua personalidade.

Extrovertido, familiar, tranquilo e prático. Sou um cara tranquilo que gosta de passar tempo com a família. Gosto de fazer meus amigos rirem, falo bastante, conto piadas. Quando tem algum problema, ou mesmo no trabalho procuro resolver de maneira prática.

Através da escolha de quatro elementos somente, o entrevistado no possibilita observar a maneira como percebe a si mesmo. Sua extroversão é marca que o melhor representa nos ambientes onde convive, sendo a atmosfera de rede da mesma forma. Ao realizar um confronto entre os traços eleitos como representativos de sua personalidade, com a observação de suas postagens, o que se evidencia é que o sujeito mantém praticamente o mesmo tipo de comportamento tanto em rede, quando fora dela. O que de fato ocorre, é sua reconfiguração na medida em que este se mantém representado na *web* através dos traços essenciais de sua personalidade, que, por sua vez, manifestam-se significativamente através do conteúdo compartilhado por ele.

4) Que tipo de dados curte/compartilha mais através destes dispositivos?

Números 1 e 2, pessoal e entretenimento diverso. A maioria das coisas são piadas que vejo outras pessoas postarem e compartilho para meus contatos. Às vezes posto texto que eu mesmo escrevi, mas só quando tenho acontecimentos pessoais importantes. Fotos tiradas por mim mesmo só de perfil.

O conteúdo compartilhado pelo sujeito é a mais concreta projeção de sua personalidade. O que se destaca é que, na vida social presencial, o sujeito compartilha, em geral, conteúdo verbal com as pessoas com quem convive. Esse conteúdo a que se refere toma uma representação gráfica na *web*. Uma vez que o sujeito compartilhe conteúdo "pronto", ou seja, previamente formado ó em geral, não por ele mesmo, mas sim, algo que já vem sendo compartilhado por tantos outros sujeitos antes deste ó a verdade é que este está fazendo meramente uma escolha, isto é, a eleição de um conteúdo com o qual, primeiramente, se identifica e que, logo depois, introjetando o mesmo conteúdo para si mesmo, percebe que a mesma postagem pode agradar aos outros, da mesma forma que lhe envolveu em um processo psíquico inconsciente, de maneira a compartilhá-la novamente, num processo recursivo.

5) Como você se vê?

Indiferente.

O sujeito que se considera indiferente incorre em duas possibilidades prévias: ou porque prefere não fazer comentários à maneira como se vê efetivamente, ou não se vê de maneira suficientemente favorável a ponto de querer dividir esta informação com outras pessoas. Estamos diante de alguém que possui características significativas de introversão ó de maneira geral ou somente com aqueles com quem não possui intimidade. Assim, o que se toma como conclusivo é o fato de que se está diante de um sujeito que não tem pretensões de auto projecção no ambiente de rede.

6) *Você acredita que o Facebook alterou a forma como você se vê? Como?*

Acredito que não. Continuo me vendo da mesma forma. Pode-se dizer que o que aparece de mim no Facebook é uma extensão de como eu sou na vida real.

Em momento algum deste trabalho se objetiva discutir a esfera de auto percepção que o sujeito tem sobre si mesmo, entretanto, o que se constata é que a maioria dos processos psíquicos ocorrentes em *web*, dizem respeito a processos inconscientes. Desta forma, defende-se a tese de que a alteração, aqui chamada de reconfiguração, é inerente à vontade humana; logo, esta ultrapassa, de maneira natural, vários níveis de percepção do homem, podendo ser detectada por outrem ou percebida pelo próprio sujeito, de acordo com características de aspectos estritamente individuais da personalidade do sujeito.

7) *Como é a sua percepção sobre privacidade nas redes sociais?*

Nunca pensei muito sobre isso. Acho que é relativo, depende do que a pessoa posta, item 2.

De cunho individual, a percepção de privacidade em rede que tem o sujeito pode ser muito relativa, quando não inexistente. O perfil de Adolfo apenas comprova sua despreocupação com o conteúdo que posta comumente, na medida em que este certamente não fere nenhum elemento de sua própria individualidade, logo, tampouco, de sua privacidade propriamente dita.

8) *Você administra as ferramentas de privacidade do seu perfil?*

Não.

Simplemente o esperado para um sujeito com o perfil do entrevistado.

9) Como se sente quando é marcado na foto que algum amigo posta?

Número 2, positivamente exposto. Normalmente sou marcado em fotos de festas que fui com minha família.

O observado através das respostas de Adolfo obtidas pela entrevista, confirma seu perfil comportamental na *web* uma vez que este mesmo se define como muito "familiar", paralelamente com sua percepção de privacidade e suas configuração de rede social. O entrevistado não apresenta nenhum tipo de comportamento comprometedor, de maneira que lida com suas próprias relações, parafraseando suas próprias palavras, a ser "o mesmo dentro da rede social e fora dela".

10) Você tem o hábito de conversar sobre o conteúdo de suas publicações fora da rede social?

Sim. Às vezes meus colegas comentam comigo piadas que posto, ou eu comento as que eles postaram. Esses tempos passei uma fase difícil da minha vida poste coisas sobre isso, nesse caso também comentava com muita gente fora do Facebook.

Se por um lado, Adolfo aparenta não ter um perfil propriamente direcionado para as redes sociais no sentido de que a utiliza para mero entretenimento, por outro lado, o entrevistado confirma o conceito que se defende quando ao que se distingue popularmente como real e virtual, do que se discorda, evidentemente. Adolfo assume, de fato, comportamento muito parecido nos dois ambientes; o que pode nos levar a pensar em níveis de (re)configuração do sujeito.

11) Passou a enxergar algum de seus amigos de forma diferente através de suas postagens no Facebook?

Não, enxergo da mesma forma.

A resposta apenas reforça o já analisado previamente com base no perfil do entrevistado.

12) Você costuma compartilhar conteúdos para amigos específicos?

Não, compartilho de forma igual para todos.

A resposta indica que em sua rede de contatos, Adolfo, não se utiliza de critérios de distinção, isto é, possui uma determinada quantidade de amigos com papéis muito bem definidos em sua vida, de preponderância familiar e laboral. Seu comportamento é, em princípio, muito estável com todos, sendo, Adolfo uma pessoa com personalidade linear e homogênea. Se pode também observar que as características das *personas* de Adolfo também são lineares tanto quanto sua personalidade, ou seja, de certa maneira, todas muito parecidas.

13) Você acredita de alguma maneira que a inserção da rede social no cotidiano das pessoas, e, portanto, no seu próprio cotidiano tenha modificado algo em sua vida?

Modificou no sentido de que tenho mais uma maneira de me comunicar com meus amigos. Às vezes nem preciso conversar com eles diretamente, porque eles olham o que eu posto e isso já é uma maneira de estar em contato. Ou às vezes comentam.

Sua resposta confirma o já analisado anteriormente no que toca a utilização da rede social por parte de Adolfo: entretenimento. Para ele, o Facebook é instrumento de comunicação. Aliás, algo muito comum para a época em que vivemos. Os meios de comunicação se expandem de maneira incontrolável e são, sem dúvidas, uma alternativa significativa de convívio, capaz de reforçar laços e estimular o contato entre os que a utilizam. Adolfo teve modificações muito sutis em sua vida no que diz respeito à possível influência da rede social, o que pode ser atribuído à geração a que pertence, bem como a seu histórico pessoal. Ao que parece, a teoria de Tapscott (2008) sobre suas constatações geracionais acolhe o comportamento do entrevistado que mantém características muito rígidas dentro e fora do ambiente de rede, resultando em um perfil sutilmente reconfigurado.

Alice

Alice, mulher de 48 anos, é analista de sistemas em exercício de suas funções, formada em psicologia na PUCRS. Está em um relacionamento sério, mas possui perfil próprio, ou seja, não possui um perfil integrado com seu namorado; além disso, seu *status* de relacionamento é público. Mora sozinha e recebe de dois a quatro salários mínimos. Ela não tem acesso ao Facebook no trabalho e, em seus horários de folga frequenta uma academia.

A tabela cinco traz a relação das postagens de Alice, com sete atualizações na semana observada. O teor de suas postagens é variado quando comparado ao de Adolfo, apesar de ainda haver predominância da coluna do sujeito íntimo. As postagens de Alice resultam uma

tabela mais complexa, principalmente por conta de sua participação como sujeito móvel em duas atualizações, e também como sujeito indireto, em quatro situações em que é marcada em fotos ou textos de terceiros.

	Sujeito Prático	Sujeito Íntimo	Sujeito Móvel	Sujeito Indireto
Postagem 1		X		X
Postagem 2		X		X
Postagem 3		X	X	
Postagem 4		X		X
Postagem 5	X			
Postagem 6		X		X
Postagem 7		X	X	

Tabela 5 ó Relação das postagens da participante Alice.

Sua única postagem prática é a de número cinco, em que Alice pede a seus contatos um número de cartão do clube do assinante ZH emprestado. Outro destaque são postagens de seus amigos parabenizando-a pelo dia de seu aniversário e a de número seis, que mostram um teor íntimo e indireto.

A seguir apresenta-se a relação de respostas de Alice ao questionário:

1) A seção õsobreõ, do Facebook permite acrescentar informações pessoais, como fotos de perfil e capa. Com BASE EM QUÊ você atualiza essas informações?

Dentre os itens 1 e 2. Minha participação no Facebook se baseia mais em meus sentimentos pessoais. Minhas fotos são alteradas de forma espontânea. Às vezes estou em algum evento social com amigos e aproveito uma foto tirada por eles, ou com eles. Às vezes eu mesmo tiro sozinha em casa. Relaciono com acontecimentos reais, passados, ou que tenham a ver com o momento em que estou vivendo. Às vezes gosto de colocar bastante informações a meu respeito, e às vezes, nenhuma. Vai de acordo com a vontade do momento. Minha foto de perfil atual foi assim, tirei em um domingo de tédio. Minha foto de capa é um trecho de um livro que gosto. Mas costumo alterar com o tempo.

O que chama a atenção na resposta de Alice, é que apesar de assumidamente afirmar que sua interação com a rede social se dá de maneira inconsciente, se pode notar que reconhece a origem de determinados comportamentos seus, estes, aliás, também reconhecíveis. A entrevistada vê e sente a rede social como um objeto lúdico: modifica suas fotos de capa e perfil de acordo com seu ânimo, para sua própria apreciação.

Além do mais, Alice também utiliza seu perfil de rede para sublimar determinados sentimentos pouco perceptíveis tanto pelos limites das perguntas, bem como das respostas.

Todavia, isto pode ser de fato subentendido quando a entrevistada nos diz, espontaneamente, que por vezes publica informações a seu respeito que, por suposição, estão diretamente relacionadas à sua personalidade, seu estado de humor.

2) *Você costuma preencher essas informações, com mais frequência de dispositivos móveis, ou de um computador fixo?*

Mais de dispositivos móveis, porém às vezes de um computador fixo.

Apesar de Alice pertencer a uma geração mais próxima da de Adolfo, que, por sua vez, possui características muito rígidas e típicas dos *Baby boomers*, esta se apresenta de forma mais flexível quanto ao domínio de aparatos tecnológicos mais modernos que o próprio computador. Outra característica que se percebe a partir de seu comportamento, é o dinamismo no que tange ao acesso à rede através de dispositivos móveis. Considerando esta característica específica, o que se conclui previamente é que Alice, desde já se demonstra em nível mais avançado de reconfiguração que o entrevistado anterior posto que a influência da rede social e combinação com o dinamismo característico de sua personalidade, denota maior adaptação por sua parte.

3) *Defina os quatro traços marcantes de sua personalidade.*

Introvertida, familiar, ansiosa e artística. Tenho um lado tranquilo, mas também me preocupo muito com as coisas que preciso resolver. Principalmente prazos de entrega. Acho que tenho uma cabeça mais criativa e artística, mas também sou prática quando preciso.

A introversão é sentimento que se compensa com uma personalidade artística, tornando-se verdadeiro potencial para o sujeito no ambiente da *web*. O receio de convívio social do introvertido diante da proteção oferecida pela interface do dispositivo tecnológico e internet, pode provocar a criação de uma nova *persona* de traços pouco tímidos no ambiente de rede. Apesar de dois sujeitos poderem estar conectados ao mesmo momento e, portanto, disponíveis para uma interação *online*, um dos fatores mais significativos e característicos da rede social é a possibilidade de escolha do usuário em não interagir caso não seja este seu desejo. A referida proteção que se reflete nesta opção de que dispõe o sujeito, lhe possibilita interação mais elaborada posto que este pode dedicar tempo para formular suas respostas e sua maneira de agir em rede.

Por outro lado, a ansiedade apenas justifica o acesso a dispositivos móveis que lhe possibilitam estar em constante interação, tornando-se um verdadeiro paliativo para comportamentos como o de Alice. Através de processo inconsciente, a entrevistada tem seus índices de ansiedade minimizados a cada acesso; momento em que entra em contato com as atualizações de seus contatos e que se alivia por ter acesso ao novo, ao recém ocorrido, a última atualização. O acesso para Alice é compensador. Alice é um sujeito plenamente reconfigurado.

4) *Que tipo de dados curte/compartilha mais através destes dispositivos?*

Números 1, 2 e 3. Posto muito conteúdo de tipo pessoal. Mesmo quando compartilho imagens que meus amigos postam costumo adicionar um texto com a minha opinião. Gosto de compartilhar notícias quando elas me interessam, ou quando penso que possam interessar a meus amigos. Sou psicóloga, então tenho muitos colegas entre os meus contatos e gosto de postar notícias da área. Também gosto muito de literatura e fotografia e acabo compartilhando conteúdos sobre isso.

Considerando que o conteúdo compartilhado pelo sujeito é, sem dúvidas, a mais concreta projeção de sua personalidade, o que se apresenta claramente aqui é o princípio basilar da rede social que implica no convívio entre os sujeitos propriamente ditos. O conteúdo compartilhado necessariamente será, de alguma maneira, compatível com a identidade do sujeito que o compartilha. Trata-se de simples processo de identificação. Entretanto, uma vez que a entrevistada afirma compartilhar com os amigos aquilo que pensa ser foco de interesse deles, acaba por estabelecer, inconscientemente, novo processo de identificação, neste momento, com seus amigos. O fenômeno se dá no momento em que Alice projeta interesses em notícias que são estritamente seus, mas que pensa poder interessar também a seus amigos sob o argumento de pertencerem todos à mesma área. Dessa forma, Alice promove nada menos que a *hipertrofia do eu*, sublimada e transformada em compartilhamento para grupos específicos com os quais se identifica.

Quanto a outros tipos de postagens, como as de literatura e fotografia, percebe-se a manifestação de conduta de fato introvertida e artística em que Alice volta-se para seu interior através de um procedimento público: a publicação, propriamente dita, de um conteúdo determinado. É dizer, estamos diante de uma constatação empírica de um tipo muito

específico de comportamento fruto da reconfiguração do sujeito: a exposição do seu mais íntimo eu através de conteúdo compartilhado.

5) Como você se vê?

Atraente.

Interessante a participante ter a capacidade de conjugar percepções sobre si mesma tão aparentemente contrárias: Alice consegue ser, ao mesmo tempo, introvertida e atraente. Aqui se propõe mais uma vez a interface entre sujeitos através da tela do dispositivo do qual se acessa a rede como forma de desvendar outras facetas da personalidade de um sujeito: as *personas*. A entrevistada sente-se atraente, de forma que esta percepção é potencializada pela cultura da rede social, desde quando publica conteúdos artísticos em seu perfil, até quando demonstra sua atratividade através das fotos que saca de si mesma. Esta percepção se manifestará na maioria de suas publicações. Alice se sentirá gradativa e naturalmente mais atraente, cada vez que se deparar com o espelho de Turkle. Trata-se de um sujeito reconfigurado.

6) Você acredita que o Facebook alterou a forma como você se vê? Como?

Muito pouco. Talvez seja interessante porque funciona como um espaço que reunimos coisas que nos interessam, fotos e lembranças de amigos. Mas não creio que alterou muito a maneira como me vejo, apenas reforça o que eu já sabia sobre mim mesma.

Como já se pode esperar, não há como se exigir de qualquer sujeito que este reconheça seu processo de reconfiguração diante da *web*. Apesar de Aline não atribuir propriamente à rede social a maneira como se vê, quando diz "Muito pouco.", por outro lado assume que tenha ocorrido "reforço" do que já conhecia de si mesma. É a reconfiguração propriamente dita. Processo inevitável e imperceptível até mesmo para uma profissional da área da psicologia.

7) Como é a sua percepção sobre privacidade nas redes sociais?

Número 2, acho que pode ser relativa e administrável. Depende do que postamos e de como nos expomos.

Ao contrário do entrevistado anterior, Alice possui alguma percepção quanto ao quesito privacidade na rede a ponto de considerá-lo administrável. Assume também a existência de determinado coeficiente de exposição no ambiente *web*.

8) *Você administra as ferramentas de privacidade do seu perfil?*

Sim.

Aqui fica demonstrada a personalidade de uma pessoa que é voltada para seu interior, característica amplamente representativa de pessoas introvertidas. A administração das ferramentas de privacidade indica objetivamente aquilo que se quer mostrar e o que se pretende ocultar, de acordo, é claro, com as possibilidades oferecidas pela própria rede. A entrevistada deixa claro aqui que admite a ideia de abrir-se ou expor-se unicamente para um seleto número de contatos ó possivelmente os mais íntimos ó muito embora também admita passar por momentos em que se expõe de maneira mais significativa, neste ponto, de forma mais discreta, ou seja, postando o conteúdo artístico ou fotográfico ao que faz menção. Alice, na verdade, compensa suas necessidades psíquicas, ou ainda, grande parte de suas ansiedades, através daquilo que compartilha e escreve em seu perfil.

9) *Como se sente quando é marcado na foto que algum amigo posta?*

Positivamente exposta, número 2. Mas configurei para ter que aceitar a marcação.

Como já se sabe, esta opção de configuração da rede social tem justamente essa justificativa de funcionalidade, ou seja, permitir o controle da marcação ao usuário e controlar sua exposição, possibilitando-lhe níveis de publicidade. O que se nota pela resposta de Alice é que sua intimidade é mais limitada com relação a de Adolfo, uma vez que, que contrário deste, seus contatos de trabalho não se mesclam, em princípio, aos amigos mais próximos.

10) *Você tem o hábito de conversar sobre o conteúdo de suas publicações fora da rede social?*

Muito raramente, mais quando converso sobre eventos e festas que fui e marquei no Facebook ou postei fotos.

Apesar de ter respondido "muito raramente", o tipo de exemplo que Alice ofereceu como complementação de sua resposta indica efetivamente que sua vida social presencial está integrada com sua vida em *web*. As festas, as fotos marcadas ou eventos publicados no

Facebook indicam não um processo de reconfiguração individual, mas coletivo uma vez é possível detectar uma considerável quantidade de sujeitos envolvidos. Não é apenas Alice que é configurada para fins de constatação do defendido neste trabalho, mas também os sujeitos que possui como contatos.

11) Passou a enxergar algum de seus amigos de forma diferente através de suas postagens no Facebook?

A maioria das pessoas que tenho mais intimidade acabo enxergando da mesma forma. Mesmo que postem coisas que eu sei que não tem tanto há ver com suas personalidades não muda a forma como eu os vejo. Já pessoas que conheço pouco em alguns casos as postagens podem ter mudado a minha percepção.

O que Alice traz e nos prova é que convivia habitualmente com seus amigos mais íntimos e, nesta relação, mantinha contato com praticamente apenas uma ou a mais significativa *persona* dos amigos a que se refere. Logo, esses contatos, mantinham na rede as características de maior destaque como as formadoras de suas identidades bem como de suas representações em seu meio de convivência habitual, de maneira a migrá-los para o meio de rede. Esses mesmos sujeitos, portanto, segundo a percepção da entrevistada, mantinham semelhança e adequação quanto a seus comportamentos no ambiente do facebook, mais precisamente, com relação as suas postagens. Por outro lado, pessoas que de pouca convivência, até então, expuseram-se mais intensamente à entrevistada através de seu *news feed*, aproximando-se e combinando aspectos distintos das *personas* que Alice não conhecia. O referido fenômeno faz parte do processo de reconfiguração do sujeito.

12) Você costuma compartilhar conteúdos para amigos específicos?

Acho que pode se dizer que sim. Tem coisas sobre livros que eu leio que eu posto e sei que certas pessoas que também leram e gostam vão dar outro significado do que as que não leram. As vezes eu referencio essas pessoas no post para elas verem

13) Você acredita de alguma maneira que a inserção da rede social no cotidiano das pessoas, e, portanto, no seu próprio cotidiano tenha modificado algo em sua vida?

Modifica bastante. Na verdade nem me lembro mais de como era a vida sem isso, parece até estranho pensar. Se pararmos pra pensar nos expomos muito mais do que

devíamos, precisamos sempre que nossos amigos saibam o que estamos fazendo, e alguns nem são tão amigos assim.

Há que se dar atenção para algo do relato de Alice, precisamente: ao referir-se sobre as mudanças ocasionadas na vida do sujeito pela inserção da rede social em seu cotidiano, a entrevistada conjuga a primeira pessoa do plural querendo referir-se a si mesma, no sentido de que o *ao* significado que atribui da rede em sua própria vida. Alice projeta, nos outros, exatamente a mesma influência que o Facebook tem em sua vida. Apesar de haver grande possibilidade de estar correta sua percepção, o que na verdade deixa claro é a intensidade com a qual a rede social afeta sua vida (a reconfiguração). Aqui pode ser notada a necessidade de compartilhamento como forma de compensar a solidão, uma vez que faz menção à relação que tem com seus amigos ou contatos mais íntimos, evidenciando o potencial que tem a rede de aproximar pessoas e fazê-las "presentes", mesmo que através da conexão via *web*. Seu comportamento evidencia, mais uma vez, a reconfiguração proposta nesta pesquisa.

Bela

Bela, mulher de 36 anos de idade é pedagoga formada pela PUCRS e trabalha em um escritório próprio. É solteira e mora sozinha, seu *status* de relacionamento é público. Recebe de dois a quatro salários mínimos por mês e não pratica esportes. Possui acesso ao Facebook no trabalho.

A tabela cinco refere-se às postagens efetuadas por Bela ao longo da semana. É uma participante interessante, pois suas 16 postagens encontram-se todas apenas na coluna do Sujeito íntimo.

	Sujeito Prático	Sujeito Íntimo	Sujeito Móvel	Sujeito Indireto
Postagem 1		X		
Postagem 2		X		
Postagem 3		X		
Postagem 4		X		
Postagem 5		X		
Postagem 6		X		
Postagem 7		X		
Postagem 8		X		
Postagem 9		X		
Postagem 10		X		
Postagem 11		X		
Postagem 12		X		
Postagem 13		X		
Postagem 14		X		
Postagem 15		X		
Postagem 16		X		

Tabela 5 ó Relação das postagens da participante Bela.

Todo o conteúdo compartilhado por Bela diz respeito a fotos, sendo sua grande maioria imagens encontradas na internet com as quais a participante possui afinidade. Conforme pode-se observar no exemplo da figura 19. Apenas as postagens de número três tratava-se de uma foto tirada pela própria participante, e a postagem de número 11 que era uma troca de sua foto de perfil.



Figura 19 ó Exemplo das postagens de Bela: imagens por afinidade.

A seguir apresenta-se a relação de respostas de Bela:

1) A seção ãsobrö, do Facebook permite acrescentar informações pessoais, como fotos de perfil e capa. Com BASE EM QUÊ você atualiza essas informações?

Com certeza 1 ou 2. Eu não tenho nenhuma regra para mudar minhas fotos de capa ou de perfil. Nem saberia dizer qual a frequência com a qual faço isso. Às vezes coloco uma foto que gosto. Às vezes vejo uma imagem ou um pensamento legal e me identifico, daí coloco

lá. No momento, a foto de perfil tirei num churrasco com amigos e a foto de capa nem fui eu que tirei, mas é uma paisagem bonita.

O que se evidencia vem ser a prática mais comum entre os usuários da rede social e o princípio fundamental que se observa quanto ao compartilhamento de conteúdo: a identificação.

2) *Você costuma preencher essas informações, com mais frequência de dispositivos móveis, ou de um computador fixo?*

Dispositivo móvel, meu celular. Quase nunca do computador fixo.

O dinamismo com o qual a entrevistada acessa e compartilha conteúdo, observado pelo dispositivo mais utilizado pela mesma, indica a utilização da rede social como prática frequente. Imagina-se para tanto que, apesar de Bela ter acesso à rede de seu local de trabalho, sua necessidade de interação encontra-se focada em momentos de seu dia-a-dia em que a entrevistada não está concentrada propriamente em sua atividade laboral.

3) *Defina os quatro traços marcantes de sua personalidade.*

Introvertida, individualista, preocupada com causas sociais, tranquila e artística.

Preliminarmente, o que chama a atenção a respeito de sua auto-percepção é que Bela, pessoa individualista, é, ao mesmo tempo preocupada com causas sociais. Em um primeiro momento, a entrevistada demonstra certa contradição atribuindo-se esta característica, uma vez que o acompanhamento de suas postagens resulta em publicação de conteúdos com que apenas possui afinidade identitária. Entretanto, mais adiante se pode compreendê-la melhor e confirmar a preocupação que possui com a situação de animais perdidos ou com necessidade de adoção, o que também justificou seu perfil individualista, posto que este aspecto diz respeito à maneira como se comporta o sujeito com relação a outros sujeitos, ou seja, de sua mesma espécie.

4) *Que tipo de dados curte/compartilha mais através destes dispositivos?*

Mais pessoal e entretenimento diverso, números 1 e 2. Gosto de postar recados a amigos, com trechos de livros que gosto, e também coisas relativas a sentimentos do momento. Também faço check in em alguns lugares que vou que acho interessantes. Posto

músicas que gosto, imagens bonitas de animais, imagens inspiradoras, compartilho notícias de animais perdidos. Também gosto de postar fotos bonitas que tiro.

A utilização da rede social para entretenimento é outro aspecto bastante evidenciado não só através do acompanhamento das postagens de Bela, mas também de Adolfo. Embora de conteúdos distintos, é inegável esta funcionalidade da rede, independentemente de seu dispositivo de acesso. A entrevistada busca o uso da rede como forma de distração no que tange à vida social presencial, simplesmente no sentido de preencher seu tempo de ócio.

5) Como você se vê?

Indiferente.

Aqui, reitera-se a observação feita com relação ao primeiro entrevistado, no sentido de que o sujeito que se considera indiferente incorre em duas possibilidades prévias: ou porque prefere não fazer comentários à maneira como se vê efetivamente, ou não se vê se maneira suficientemente favorável a ponto de querer dividir esta informação com outras pessoas. Estamos diante de alguém que possui características significativas de introversão ó de maneira geral ou somente com aqueles com quem não possui intimidade. Assim, o que se toma como conclusivo é o fato de que se está diante de um sujeito que não tem pretensões de auto projeção no ambiente de rede.

6) Você acredita que o Facebook alterou a forma como você se vê? Como?

Não, o que posto no Facebook é o que penso sobre a vida. O Facebook é só mais um lugar pra conversar com amigos, não muda quem eu sou.

Bela é pedagoga, possui características de pessoa que aprecia arte e, como qualquer outro sujeito, tem seu ponto de vista sobre a vida. Apesar de tratar-se de característica comum entre os seres humanos a necessidade de ter e de obter inspiração, precisamente este ponto parece ser significativo do ponto de vista de uma análise prévia de seu perfil. A beleza ou na estética ou nas mensagens que suas postagens simbolizam indicam não só inspiração vital como estímulo (próprio) àquilo que é belo como forma de manifestar seus próprios ideais, suas próprias necessidades de vida, o que pode estar diretamente relacionado com o tipo de trabalho que executa ou, mais precisamente, à sua formação profissional (de caráter essencialmente educativo e motivador).

Apesar de argumentar diante do questionamento feito a imutabilidade de sua vida social através da rede e que a função do Facebook limita-se à comunicação com seus contatos, isto, por si só, já representa um aspecto de reconfiguração, caso contrário, se poderia supor o inimaginável: que Bela, em sua vida social presencial, apresentaria a seus contatos, seguidamente, imagens de coisas bonitas, ou trechos de literatura por ela lida, o que não se pode concordar.

A entrevistada, efetivamente reconfigurada pelas possibilidades da rede, manifesta caracteres de sua personalidade que podem integrar tanto sua vida afetiva como laboral, além, é claro, de todo o conteúdo por ela compartilhado que simplesmente aprecia. Porém, o que se pode concluir, mesmo que previamente, é que sua *persona* em rede tem característica de complementação ao perfil que possui Bela presencialmente em sua vida social. Esta é a evidência que se tem a partir de suas publicações sempre de cunho pessoal e motivador. Além disso, logo com sua resposta quanto aos motivos que lhe levaria a definir suas fotos de capa e perfil, logo pode se observar o nível de consciência quanto aos aparatos oferecidos pela rede, bem como de todo o conteúdo que ora compartilha.

O que se pretende apresentando o nível de consciência do sujeito através de suas publicações é bastante simples, através de raciocínio lógico com premissas inversas: quanto menos consciente é o processo psíquico do conteúdo compartilhado pelo usuário da rede, mais este está sujeito a manifestar os aspectos mais perceptíveis de sua personalidade. No caso de Bela, a interpretação que tem da vida, ou melhor, a maneira como objetiva ver sua própria vida como tática (auto) motivacional.

7) *Como é a sua percepção sobre privacidade nas redes sociais?*

Dispositivo móvel, meu celular. Quase nunca do computador fixo.

8) *Você administra as ferramentas de privacidade do seu perfil?*

Sim.

Cogita-se apenas, no caso de Bela, que a entrevistada não tenha, em princípio, característica que intencionem auto projeção em rede. Tal presunção se origina no fato de que Bela prefira manter o acesso de seu perfil somente àquelas pessoas mais íntimas em sua vida social.

9) Como se sente quando é marcado na foto que algum amigo posta?

Positivamente exposta, número 2. Gosto de ser marcada. Na maioria das vezes eu que marco meus amigos.

O que se percebe é o reforço de suas relações de amizade. A marcação, neste caso, assume símbolo de reconhecimento de vínculo, o que, sem dúvidas, trata-se de extremo valor para a entrevistada.

10) Você tem o hábito de conversar sobre o conteúdo de suas publicações fora da rede social?

Sim, sobre tudo. Muitas vezes eles vêm me perguntar sobre lugares que frequentei, festas que fui. Às vezes a família comenta de fotos com amigos e vice-versa. Às vezes estou com amigos e vejo algo no celular que compartilho, às vezes que um deles mesmo postou e conversamos sobre o assunto.

Sua resposta evidencia um tipo de reconfiguração do sujeito que assume aspectos coletivos. A influência da rede social atinge os níveis de intimidade mais profundos da intimidade da entrevistada, no que tange ao círculo de amigos mais próximos. Nota-se aqui o processo recursivo outrora mencionado não só, entretanto, no ambiente de rede, mas também nas esferas presenciais da vida social.

11) Passou a enxergar algum de seus amigos de forma diferente através de suas postagens no Facebook?

A maioria dos meus amigos postam coisas bem íntimas, como sentimentos pessoais, muitos deles acabam se mostrando mais no Facebook do que na vida real.

A percepção de Bela pode, em nível inconsciente, até mesmo dizer respeito sobre si própria. Não se pode evidenciar se sua colocação se dá em nível de crítica ao comportamento de seus amigos ou se de mera constatação. O que de fato se sabe é que a própria entrevistada talvez manifeste-se na rede mostrando seus sentimentos pessoais na mesma medida de seus contatos, tendo em vista o teor subjetivo de suas publicações observadas no decorrer de uma semana.

Salienta-se, apenas, a título de esclarecimento, que, apesar de compreender perfeitamente o que a entrevistada intencionou comunicar quando se expressou dizendo "vida

real", na verdade quis referir-se à vida social presencial, uma vez que ambos contextos sociais, de rede e presencial, são efetivamente reais.

12) *Você costuma compartilhar conteúdos para amigos específicos?*

Com certeza, tenho postagens tão íntimas que sei que somente alguns vão entender.

Do reforço dos laços de amizade que tem a entrevistada e seus contatos em virtude da rede social, não se tem dúvidas. Entretanto, o que não se sabe aqui com exatidão é o nível de privacidade que acompanha as postagens as que se refere a resposta ora apresentada, considerando que não se observou nenhum tipo de publicação de Bela endereçada a algum de seus amigos de forma específica. Independentemente disso, esta prática não é incomum no âmbito da rede social de forma que apenas comprova a influência da referida rede no sujeito objeto desta pesquisa.

13) *Você acredita de alguma maneira que a inserção da rede social no cotidiano das pessoas, e, portanto, no seu próprio cotidiano tenha modificado algo em sua vida?*

É só um novo espaço para eu postar o que penso. Mas não muda quem eu sou.

Na verdade muda, na medida em que insere novos hábitos na vida do sujeito, em suas mais diversas esferas como a afetiva, a social, a laboral, a profissional, etc. No entanto, se a mudança ocorrida no sujeito e atribuída à rede social não é significativa, vale lembrar que novas práticas na vida dos sujeitos necessariamente implicarão uma mudança por demais sutil que esta possa ser ou significar em seu contexto; assim como é imperioso lembrar que cada um terá um nível distinto de percepção sobre as referidas mudanças e as consequências que estas acarretarão em sua vida. Comumente integrante de um processo gradativo e natural, na maioria dos casos, esse contexto será imperceptível aos olhos de quem nele está inserido.

Bruno

Bruno, homem de 42 anos de idade é contador, formado pela UFRGS e trabalha para o Estado do Rio Grande do Sul. É casado e mora com sua cônjuge, porém ambos possuem contas individuais no *Facebook*, mantendo-se como contatos. Seu *status* de relacionamento é visualizável apenas por amigos e amigos de amigos. Recebe de dois a quatro salários mínimos mensais e não possui acesso ao *Facebook* no trabalho. Frequenta academia.

A tabela de número seis revela as quatro postagens efetuadas por Bruno, ao longo da semana de observação. Percebe-se que Bruno possui um padrão de compartilhamento bastante parecido com o de Adolfo. A maioria de suas postagens também são de cunho íntimo com apenas uma de cunho prático.

	Sujeito Prático	Sujeito Íntimo	Sujeito Móvel	Sujeito Indireto
Postagem 1		X		
Postagem 2	X			
Postagem 3		X		
Postagem 4		X		

Tabela 6 ó Relação das postagens do participante Bruno.

1) A seção *õsobreõ*, do Facebook permite acrescentar informações pessoais, como fotos de perfil e capa. Com BASE EM QUÊ você atualiza essas informações?

Normalmente itens 1 e 2. Dificilmente altero minhas fotos por causa de alguma notícia, ou alguma causa que apoio, mas costumo compartilhar muita coisa sobre isso. Eu coloco mais imagens que considero bonitas, e as fotos de perfil normalmente são tiradas em encontros com a família ou amigos.

Em princípio, Bruno não difere dos outros entrevistados no que tange à administração de seu perfil. A referência para definição de fotos de perfil e de capa é basicamente estética, de aspecto inconsciente, ou seja, de acordo coma espontaneidade do sujeito.

2) Você costuma preencher essas informações, com mais frequência de dispositivos móveis, ou de um computador fixo?

Mais de dispositivos móveis.

Aqui se pode observar o mesmo dinamismo já comentado em outros casos, isto é, aspecto caracterizador de pessoas que acessam a rede a partir de dispositivos móveis. Cogita-se a possibilidade desta característica estar comumente atrelada ao ritmo de vida do usuário bem como a sua necessidade de acesso à rede social.

3) Defina os quatro traços marcantes de sua personalidade.

Introvertido, familiar, preocupado com causas sociais, tranquilo e prático. Sou bastante fechado, mas dou importância para a família. Me preocupo com causas sociais e tento compartilhar coisas sobre elas para os meus contatos no Facebook.

As características de *introverso* e *tranquilo* parecem ser muito compatíveis do ponto de vista da análise de um perfil. Por outro lado, a preocupação com causas sociais pode significar a consciência de uma mentalidade política manifesta somente na vida social do sujeito em seu ambiente de rede, ou também, em seu contexto presencial.

4) *Que tipo de dados curte/compartilha mais através destes dispositivos?*

Entre os números 1 e 4. Costumo postar mais informações relevantes para minha carreira e notícias políticas ou de causas sociais. Algumas vezes posto textos ou fotos produzidas por mim mesmo, principalmente fotos de perfil.

O perfil prático do entrevistado pode ser notado aqui quando afirma postar conteúdo relacionado à sua vida profissional, o que pode ser comprovado através do acompanhamento de seu perfil no decorrer de uma semana. Bruno manifesta sua opinião de maneira habitual a respeito de acontecimentos de importância social e, principalmente, políticos. Suas manifestações se dão tanto através de imagens associadas a textos pré-formatados, como as que ele mesmo coleta na internet para, logo após, acrescentar comentários contendo suas posições. Observa-se que Bruno é o sujeito com perfil mais político dentre os entrevistados sendo o que visivelmente impõe sua maneira de pensar, resultando em uma considerável quantidade de seguidores.

5) *Como você se vê?*

Bonito.

O que se observou, aliás, muito claramente, foi que Bruno tem suas *personas* muito bem definidas: ora se posiciona politicamente e com bastante coerência (seu aspecto prático), ora publica conteúdo pessoal (seu aspecto íntimo evidenciado através de *selfies*). Apesar de o entrevistado ter carreira profissional consolidada e, aparentemente não ter intenções de traçar qualquer trajetória política, Bruno possui aspectos de auto projeção em rede, no seguinte sentido: parece ter plena consciência do conteúdo que publica, bem como de seu efeito diante de sua rede de contatos.

6) *Você acredita que o Facebook alterou a forma como você se vê? Como?*

Talvez com relação às notícias de causas sociais que posto. Me sinto mais engajado e colaborando com a sociedade. Em nível pessoal não.

Definitivamente, Bruno tem uma posição e um comportamento bastante conscientes na *web*, além disso, parece reconhecer parcialmente sua própria reconfiguração enquanto sujeito. É evidente o raio de influência social provocado pelo Facebook, ainda mais quanto a sua capacidade viabilizadora de formar grandes eventos sociais. As manifestações ocorridas no Brasil em 2013 e 2014 foram resultado de ampla mobilização social registrada pelo Facebook.

O que se discorda, sem querer desvalorizar a opinião do entrevistado, é que é impossível não haver qualquer tipo de alteração em nível pessoal. Trata-se de contradição quanto a sua própria resposta uma vez que se sente mais engajado socialmente. Para tanto, o processo de reconfiguração há de ser iniciado em âmbito pessoal, para que, gradativamente, atinja âmbitos coletivos.

7) Como é a sua percepção sobre privacidade nas redes sociais?

Ela pode não existir para as pessoas que não se cuidam. Eu cuido muito o que posto, então pode-se dizer que administro. Itens 1 e 2.

Com sua declaração, Bruno não só reconhece a esfera de privacidade existente em rede, mas também suas possibilidades de configuração, como também, em definitivo, às administra. Demonstra analisar até mesmo o conteúdo de suas publicações, algo que não foi evidenciado nos outros candidatos até o presente momento. O perfil de Bruno indica, ainda, sua preocupação, e possivelmente as consequências de publicar qualquer conteúdo na *web* sem prévia análise ou mínima projeção de suas possíveis implicações.

8) Você administra as ferramentas de privacidade do seu perfil?

Sim.

9) Como se sente quando é marcado na foto que algum amigo posta?

Em alguns casos fico constrangido, número 4, por exemplo, algumas vezes que me marcam em postagens coletivas sem minha permissão divulgando alguma coisa. Na maioria dos casos me sinto positivamente exposto, número 2.

A posição de Bruno é bastante previsível, uma vez que administra suas configurações de privacidade. O que também se mostra muito claro é que o entrevistado domina sua representação *online* na medida em que ele mesmo toma decisões racionais sobre o conteúdo

que compartilha. Crê-se, a partir deste ponto, que Bruno seleciona cuidadosamente cada ação publicada com intuito de preservar sua própria imagem.

10) Você tem o hábito de conversar sobre o conteúdo de suas publicações fora da rede social?

Sim, converso com colegas de trabalho ou amigos mais próximos quando nos reunimos. Pode ser qualquer conteúdo, fotos postadas, notícias, vídeos, piadas, de tudo mesmo.

A conversa sobre o conteúdo postado em ambiente diverso ao da rede, no caso de Bruno, pode significar muito mais que um simples bate-papo. A migração de um assunto compartilhado para o contexto presencial, implicitamente, pode demonstrar a auto projeção do sujeito fora da rede, evidenciando seu destaque dentro dela. O Facebook apresenta como uma de suas funcionalidades a visibilidade dos seguidores de um determinado sujeito, ou seja, aqueles que pertencem ou não a sua rede de contatos e que recebem as atualizações daquele(s) que seguem. Dentro desse contexto, a simples conversa sobre o conteúdo publicado, pode resultar, numa roda de amigos, no reconhecimento do sujeito ora centralizador do assunto em discussão. A conclusão a que se chega é que o sujeito poderá acumular seguidores dentro e fora da rede social.

11) Passou a enxergar algum de seus amigos de forma diferente através de suas postagens no Facebook?

Sim, acho que acabamos conhecendo as pessoas melhor, suas ideias, opiniões as coisas que gostam e se identificam.

Bruno aqui se refere ao mencionado anteriormente: o que conhecemos melhor através das postagens do Facebook diz respeito às popularmente conhecidas facetas da personalidade humana, ou melhor, as *personas*. A verdade é que não se sabe se antes de entrar em contato com a rede social, pessoas como Bruno conversavam sobre causas políticas ou sociais em suas rodas de amigos. O que de fato se sabe é que os assuntos tratados em rede são temas do nosso dia-a-dia, potencializados pela facilidade do "clique", pela velocidade de conexão, pela dinâmica de uma sociedade reconfigurada pela rede, por si mesma.

12) Você costuma compartilhar conteúdos para amigos específicos?

Eu compartilho de forma geral, mas sei que certos tipos de postagens vão agradar mais alguns grupos.

Aqui, o que chama a atenção novamente por parte de Bruno, é seu nível de consciência sobre o ambiente do Facebook. O entrevistado não está preocupado em comunicar o que pensa ou o que sente a determinado contato, mas sim, propagar seu pensamento e atingir o objeto foco de recebimento da mensagem de maneira coletiva. Assim, uma vez que conhece mais intimamente alguns de seus contatos, de certa forma, projeta o nível de identificação que terão com o conteúdo compartilhado.

13) Você acredita de alguma maneira que a inserção da rede social no cotidiano das pessoas, e, portanto, no seu próprio cotidiano tenha modificado algo em sua vida?

De certa forma sim, por aumentar a exposição e o próprio contato que posso ter com meus amigos. E também a quantidade de informações que às vezes nem são tão interessantes, mas perdemos tempo do dia lendo e comentando.

Primeiramente, Bruno traz à tona novamente seu ponto de vista com relação às questões de privacidade em rede. Ao que parece, a exposição é preocupação sua. Não é à toa que Bruno administra as configurações de privacidade e analisa tudo aquilo que compartilha, de certa maneira, tentando antever o impacto gerado por suas publicações. Associado a isto, o entrevistado tem preocupação por sua imagem tanto em rede, quanto fora dela, culminando na importância que dá à sua representação social e intensidade de suas relações. Ademais, Bruno, analisa de forma crítica a qualidade do conteúdo de que tem acesso na rede, sujeito prático que é, avaliando os lados positivo e negativo da inserção da rede social na vida do sujeito contemporâneo.

Caio

Caio, homem de 30 anos também é advogado formado na Uniritter e trabalha em uma empresa de advocacia. É solteiro e mora sozinho e seu *status* de relacionamento no Facebook é público. Recebe mais de quatro salários mínimos e pratica o esporte da corrida.

A tabela sete apresenta a classificação das postagens do participante Caio. Assim como Alice, Caio forma um padrão de postagens mais variado, possuindo conteúdos pertencentes a todas as colunas. Ainda assim sua predominância é de conteúdos do cunho íntimo, porém com mais participação prática e exemplos de sujeito móvel ou indireto.

	Sujeito Prático	Sujeito Íntimo	Sujeito Móvel	Sujeito Indireto
Postagem 1		X		
Postagem 2		X		
Postagem 3		X		X
Postagem 4	X			
Postagem 5		X	X	
Postagem 6	X			
Postagem 7		X		
Postagem 8		X	X	
Postagem 9		X		X

Tabela 7 - Relação das postagens do participante Caio.

A seguir apresenta-se a relação de respostas de Caio:

1) A seção *ô sobre*, do Facebook permite acrescentar informações pessoais, como fotos de perfil e capa. Com BASE EM QUÊ você atualiza essas informações?

Eu altero com muita frequência. Com certeza está relacionado com meu humor, item 1. Mas os itens 2, 3, 4 e 5 também são motivos que me fazem trocar. Eu coloco de tudo, fotos pessoais tiradas por mim ou por amigos, fotos famosas, fotos que saem nos jornais, mesmo que editadas, fotos de paisagens das minhas viagens. Enfim, de tudo mesmo e troco com muita frequência.

Caio tira bastante proveito da função entretenimento da rede social, permitindo-se agir conforme seu humor e preferências pessoais. Caio é um dos poucos entrevistados que apresenta consciência deste tipo de comportamento em rede social. Entretanto, há de se destacar que esta capacidade de percepção do entrevistado, em princípio, é evidenciada com relação a ele mesmo, ou seja, à sua e tão somente sua interação em rede e não, necessariamente, com relação aos sujeitos integrantes de sua rede de contatos.

2) Você costuma preencher essas informações, com mais frequência de dispositivos móveis, ou de um computador fixo?

Tablet ou celular. Nunca de computador fixo.

Pela primeira vez, no decorrer das entrevistas, se pode averiguar alguém que não utiliza o computador fixo para acesso à rede. Seu comportamento apenas reforça o dinamismo referido anteriormente com o qual lida o entrevistado. Caio pertence, em virtude de sua idade, à geração conhecida como "Y" que diz respeito aos chamados nativos digitais que estão mais

adaptados à rede, compartilhando de arquivos, bem como os modernos aparatos tecnológicos disponíveis na atualidade.

3) Defina os quatro traços marcantes de sua personalidade.

Extrovertido, individualista, preocupado com causas sociais, ansioso e ambicioso. Me comunico com facilidade tanto verbalmente quanto no próprio Facebook. Me preocupo com causas sociais e gosto de expressar minha opinião.

O entrevistado demonstra uma personalidade de aspectos bastante variados, o que nos indica que sua representação na *web* não se dá unicamente via uma *persona*, ao contrário de outros entrevistados como Adolfo, por exemplo. Caio, como a maioria dos pertencentes a sua geração, é ansioso e ambicioso. Harmoniosamente, é capaz de conjugar essas duas características ao acessar a rede social através de diversos dispositivos, a qualquer tempo, interagindo com seus contatos e emitindo suas opiniões, como se pode averiguar com o acompanhamento de suas postagens. De fato se comunica de forma extrovertida e é bastante impositivo em suas colocações.

4) Que tipo de dados curte/compartilha mais através destes dispositivos?

De tudo um pouco, números 1, 2, 3 e 4. Posto desde acontecimentos relevantes no meu dia-a-dia até notícias de cunho nacional ou internacional sempre adicionando minha opinião. As notícias que mais me interessam são de assunto político ou causas sociais. Também posto fotos tiradas por mim mesmo, e compartilho imagens que me identifico.

Como já se fazia previsível, o conteúdo publicado por Caio nada mais é que um evidente reflexo das tantas facetas de sua personalidade. Observou-se também, através de suas respostas, que o entrevistado aprecia e faz questão de manifestar seus posicionamentos em todos os conteúdos, que lhe interessam, compartilhados por seus contatos. Aqui se reflete sua *persona* de perfil social, potencializada pela rede, em que Caio se torna ainda mais político restando apenas saber se este se trata de um perfil que se manifesta unicamente na rede social, ou se em sua vida social presencial mantém o mesmo tipo de comportamento.

5) Como você se vê?

Atraente e fotogênico.

A auto percepção do entrevistado pode ser de fato evidenciada pelo acompanhamento de suas postagens na medida em que Caio, ao sacar suas próprias fotos, provavelmente de um aparelho de telefone celular ó as *selfies* ó nos permite observar sua preocupação em dar foco aos melhores ângulos de seu rosto, luminosidade do contexto em que a foto é registrada bem como tantas outras questões estéticas típicas daquele que tem a intenção de registrar um bom autorretrato.

6) *Você acredita que o Facebook alterou a forma como você se vê? Como?*

Creio que sim porque as coisas que coloco lá me colocam em evidência. Eu tenho uma presença diária maior daquele que sou. Acabo pensando melhor em certas coisas antes de postar.

A evidência à qual se refere Caio pode e deve ser analisada diante uma série de ópticas, se não, vejamos: a faceta de sua personalidade que mais se destaca no que tange a sua interação com a rede social é seu perfil narcisista, o que comprova não apenas esta *persona* como parte integrante de sua personalidade, como também uma tendência coletiva já mencionada nesta pesquisa através dos comportamentos estudados e do aparato teórico trazido.

A presença supracitada pelo entrevistado é nada mais que um dos maiores impactos proporcionados pela internet na contemporaneidade, capaz, inclusive de modificar conceitos tão rígidos de outrora como o caso de "presença". Em definitivo o sujeito torna-se mais presente quando inserido no Facebook e quando em contato com sua rede de amigos. Como já mencionado anteriormente, o responsável por este fenômeno, em análise última e aplicada a este estudo, é a ferramenta *news feed* do Facebook capaz de atualizar automaticamente as postagens de todos aqueles sujeitos integrantes de uma determinada rede de contatos, desde que aquele que publica conteúdo seja seguido por aquele que recebe o que for compartilhado.

Por fim, o óbvio, no sentido de que o cuidado tomado pelo entrevistado com relação ao conteúdo que posta já era previsível com base em suas primeiras declarações. O referido cuidado é diretamente proporcional ao nível de consciência que o sujeito desempenha em relação à rede, ou seja, quanto maior for sua percepção a respeito ora do funcionamento da rede social, ora do comportamento daqueles que a integram, fatores estes somados às suas intenções de autopromoção ou mero entretenimento, será facilmente detectável posto que o

sujeito conseguirá ter certa margem de previsão quanto ao potencial de impacto social quanto ao conteúdo postado.

7) Como é a sua percepção sobre privacidade nas redes sociais?

Relativa e administrável, poço controlar a maneira que me apresento. Item 2.

8) Você administra as ferramentas de privacidade do seu perfil?

Sim.

Suas respostas evidenciam, mais uma vez, o constatado anteriormente.

9) Como se sente quando é marcado na foto que algum amigo posta?

Preocupado, número 5. Estou sempre conferindo para que não me marquem em nada que não dei consentimento. Mas no geral gosto, quando é algo bom.

Primeiramente, o entrevistado avalia o impacto social que a marcação poderá gerar segundo suas próprias definições. Uma vez benéfico, no sentido de favorável à sua auto projeção, Caio permite a marcação. Caso sua imagem não seja por ele mesmo aprovada, podendo resultar em malefício à sua representação em rede, Caio não permite a marcação. Em definitivo, trata-se de um sujeito cuja representação em rede é representada preponderantemente pelas facetas narcisistas e auto projeção social.

10) Você tem o hábito de conversar sobre o conteúdo de suas publicações fora da rede social?

Certamente, comento sobre tudo, principalmente o que compartilho sobre causas sociais ou notícias em geral. Como revelo muito minhas opiniões meus amigos sempre vem me dar as deles. Ou falar de coisas que comentaram em minhas postagens.

Apesar de hábito natural a conversa presencial sobre conteúdo postado em rede, o que se nota é que Caio é também sujeito político no sentido de sociabilidade, lhe agradando a ideia de ser um sujeito centralizador de atenções. Suas opiniões são relevantes, primeiramente, para si mesmo e, logo após, para os outros. Neste ponto, o que vem aos olhos é que Caio necessita constantemente apresentar, por vez impor, sua própria opinião, o que nos leva a pensar nessa constante necessidade do entrevistado como um reflexo de um sujeito com dificuldades de ser reconhecido no meio em que vive. Desta maneira, a interface

Facebook/sujeito, atua como ferramenta potencializadora de reduzida capacidade psíquica de imposição de sua própria identidade. Eis, portanto, o maior aspecto da reconfiguração de Caio: sua nova adaptação à esfera social em que vivia, também reconfigurada.

11) Passou a enxergar algum de seus amigos de forma diferente através de suas postagens no Facebook?

Os amigos de verdade não, o que eles postam só ajuda a reforçar o que já sabia. Os amigos mais distantes não tinha opinião formada, o Facebook ajudou a criar uma imagem sim.

Caio se refere aqui ao mencionado anteriormente: o que conhecemos melhor através das postagens do Facebook diz respeito às *personas* de cada um dos sujeitos integrantes de sua rede de contatos. Enquanto que as características dos mais íntimos são reforçadas pela evidência de suas publicações e consequente reafirmação de sua identidade/personalidade, as características de pessoas, outrora distantes, se (re)aproximam do sujeito conectado, resultando nessa ideia de presença/proximidade mencionada pelo entrevistado.

12) Você costuma compartilhar conteúdos para amigos específicos?

Sim, as vezes posto conteúdos que me identifico e sei que alguns amigos vão lembrar de certas coisas que vivemos juntos ou que conversamos. Eu já posto pensando naquelas pessoas e as vezes até marco elas no post. Mas as vezes posto coisas mais genéricas que acredito que interessem a todos.

Mais uma vez Caio demonstra sua preocupação com a preservação de algo de seu íntimo. Ora sua própria imagem, ora suas amizades, ora seu passado, visando sempre os reflexos disso no que tange à construção de seu futuro social. Aqui é nítido o maior benefício do Facebook na vida de Caio: o reforço de suas relações passadas de maneira a mantê-las próximas e sempre presentes.

13) Você acredita de alguma maneira que a inserção da rede social no cotidiano das pessoas, e, portanto, no seu próprio cotidiano tenha modificado algo em sua vida?

Sim, certamente. Tanto por compartilhar coisas o tempo todo, sem necessidade, quanto por ter acesso a informações que não são relevantes. E mesmo assim dar muita importância e passar muito tempo fazendo isso.

Ao que parece, e de maneira bastante inconsciente, Caio valoriza pontos muito específicos com relação a sua condição psíquica ao atribuir valor à rede social. O compartilhamento excessivo a que se refere é comum a todos ou meramente proporcional à quantidade de contatos existentes em sua rede pessoal. Entretanto, o que determina o entrevistado como relevante é, de fato, o valor propriamente atribuído ao conteúdo compartilhado com bases em suas próprias definições, bem como com relação àquilo que ele mesmo compartilha. Diante disso, o que parece passar despercebido aos olhos de Caio, é que talvez ele mesmo se utilize de conteúdos pouco relevantes para valer-se de auto projeção, fenômeno, aliás, também muito comum entre os sujeitos de rede. Por outro lado, o que também se evidencia é que ao afirmar que dispõe de muito tempo para a rede social, sua disposição é diretamente proporcional ao reconhecimento de que necessita por parte de seus contatos e de sua interação com os mesmos. Por fim, o que é mais nítido no caso do entrevistado é a maneira como Caio se reconfigura através de um processo psíquico compensatório que será melhor tratado em item adiante.

Cássia

Cássia, mulher de 26 anos é analista de negócios em uma empresa de TI, formada em ciência da computação pela Ulbra. Está em um relacionamento sério e mora com seu cônjuge. Ambos possuem contas individuais no facebook e seu status de relacionamento é visualizado apenas por seus amigos. Recebe de 2 a 4 salários mínimos e não pratica esportes.

A tabela 8 mostra as postagens da participante Cássia, mulher de 26 anos, com 6 atualizações feitas ao longo da semana observada. Cássia também traz um padrão de postagens variado, como pode ser visto na tabela. Sua postagem de maior destaque é um álbum de fotos de sua mais recente viagem, que além de cunho íntimo possui cunho indireto, pois foi acrescentado por seu cônjuge.

	Sujeito Prático	Sujeito Íntimo	Sujeito Móvel	Sujeito Indireto
Postagem 1		X		X
Postagem 2		X		
Postagem 3		X		X
Postagem 4	X			
Postagem 5		X	X	
Postagem 6	X			

Tabela 8 ó Relação das postagens da participante Cássia.

1) A seção *“sobre”, do Facebook permite acrescentar informações pessoais, como fotos de perfil e capa. Com BASE EM QUÊ você atualiza essas informações?*

Costumo manter essas informações sempre atualizadas de acordo com acontecimentos da vida, itens 2 e 3. Me preocupo com privacidade então não coloco fotos que me exponham demais. Normalmente a foto de capa é uma paisagem e a de perfil uma que tenha só o meu rosto. Não troco com muita frequência, a mesma foto pode ficar por quase um ano.

A atualização, ponto chave do funcionamento da rede social, objeto de estudo desta pesquisa, é bastante comum em qualquer perfil a ser analisado. O que em definitivo vai ditar a forma como um perfil é atualizado é a maneira como o sujeito administrará sua relação com a privacidade da rede. A exposição de informações a que se refere Cássia é algo de parâmetros estritamente subjetivos, pois, como se pode notar, esta não vê eventos de sua vida, como uma viagem, sendo algo relacionado à sua intimidade, muito embora e, até certo ponto, tratar-se sim, de exposição em rede. Por outro lado, posto que a entrevistada mantém sua foto de perfil, tal evento pode nos indicar sua desnecessidade de auto projeção, significando, por suposição, uma personalidade livre de aspectos tão salientes no perfil anterior, de Caio.

2) *Você costuma preencher essas informações, com mais frequência de dispositivos móveis, ou de um computador fixo?*

Somente de celular. Na maioria das vezes são postagens de outros em que sou marcada.

O acesso à rede realizado preponderantemente pelo dispositivo móvel está de acordo com a geração à que pertence a entrevistada. A conclusão, neste caso, é bastante simples: uma vez atingida pela dinâmica tão característica das relações em rede, eis, portanto, um dos pontos iniciais da reconfiguração do sujeito.

3) *Defina os quatro traços marcantes de sua personalidade.*

Extrovertida, individualista, tranquila e ambiciosa. Procuro atingir meus objetivos no dia-a-dia, acabo acessando Facebook mais no fim do dia ou finais de semana. Às vezes acesso só para entrar em contato com alguém. Acho que dispersa muito. Não sinto necessidade de postar tudo que acontece em minha vida.

Na medida em que afirma não postar muito conteúdo em rede, a entrevistada valida sua declaração nos quesitos individualista e tranquila, uma vez que sentimentos como a ansiedade são facilmente associáveis com o excesso de conteúdo compartilhado. Cássia é justamente o oposto disso. Já no que toca sua ambição, o que parece preliminarmente, é que este sentimento não se manifesta propriamente em rede, mas sim em sua esfera de trabalho. A entrevistada mostra-se, em princípio, bastante disciplinada com relação a seu acesso, bem como de suas publicações.

4) *Que tipo de dados curte/compartilha mais através destes dispositivos?*

Número 1 principalmente. Na maioria dos casos as postagens são fotos postadas por meus amigos em que sou marcada. Às vezes faço check-in em lugares interessantes. Mas, às vezes também posto notícias ou assuntos de entretenimento diverso que me interessam também, números 2 e 3.

Sua primeira resposta indica que muito claramente que seus amigos acessam a rede com mais frequência que a própria entrevistada. Já o hábito de marcar presença em determinados locais através de dispositivos móveis apenas confirma o respondido na segunda questão. As postagens da entrevistada vistas no decorrer da semana de observação são plenamente compatíveis com o ora alegado por ela.

5) *Como você se vê?*

Fotogênica.

Se por um lado Cássia não possui aparentemente problemas com sua própria representação, por outro, se pode observar que aprecia sacar fotos em lugares que visita como o ocorrido recentemente em que publicou fotos de uma viagem recente. Aparentemente um tanto quanto distante das redes sociais, Cássia sequer curtiu os comentários realizados por outros sujeitos no material postado. Frisa-se aqui que quanto mais distante o sujeito comportar-se com relação à *web*, menos poderão ser notadas evidências de seu comportamento em rede, como é o caso em questão.

6) *Você acredita que o Facebook alterou a forma como você se vê? Como?*

Talvez um pouco. Acho que tenho uma forma de me apresentar no Facebook que não é a mesma maneira que me apresento no mundo real com família e amigos. É uma maneira menos íntima, como se fosse uma simplificação de mim.

Nesse ponto, Cássia fala da pouca representatividade que sua *persona* em rede possui, no sentido de pouca interação, pouca participação com os processos de rede. Seu ponto de vista está muito correto na medida em que sua interação social se dá de forma predominantemente presencial. Aliás, sua inserção na rede social aparenta simbolizar simples adesão a uma tendência de certa maneira imposta pela sociedade. Cássia não apresenta, até então, qualquer vínculo de dependência com relação à rede, parecendo conviver de forma bastante harmônica com a mesma.

7) Como é a sua percepção sobre privacidade nas redes sociais?

Item 1, a privacidade não existe. Mesmo que a gente se cuide para não se expor podemos ser marcados em postagens de outros. Ou mesmo pelo chat estamos sempre conectados, as pessoas nos acham com mais facilidade.

Apesar de que exista a privacidade negada pela entrevistada ou, ao menos, certos níveis de privacidade em rede, seu ponto de vista sobre este item é importante para determinar seu comportamento enquanto sujeito em rede. Apreciadora de sua intimidade, Cássia se manterá sempre distante da rede até o ponto em que considere adequado para limitar a preservação de sua vida íntima com o que é exposto em rede. Nesse sentido, considera-se sua negação como forma de fator delimitador de seu perfil, bem como se seus índices de reconfiguração.

8) Você administra as ferramentas de privacidade do seu perfil?

Sim.

9) Como se sente quando é marcado na foto que algum amigo posta?

Número 5, preocupada. Quando é uma foto boa de um evento que quero divulgar não me importo. Mas de uns tempos para cá configurei para ter que aprovar a marcação.

Ambas as respostas evidenciam o anteriormente analisado a partir da entrevista de Cássia. Distante de qualquer intenção de auto projeção, ao contrário de outros entrevistados, ela se distancia do envolvimento mais íntimo com a rede social, mantendo seu ritmo de vida,

sem querer preocupar-se com qualquer mínima possibilidade de ameaça de seu íntimo, o que também evidencia seu lado individualista.

10) *Você tem o hábito de conversar sobre o conteúdo de suas publicações fora da rede social?*

Sim, acabo conversando mais sobre coisas que meus amigos postam. Às vezes na mesma hora que vejo a postagem pelo meu celular.

Sua resposta encontra justificativa principalmente na quantidade de suas postagens. Logo, parece bastante adequado que Cássia assuma esse comportamento para dar manutenção ao convívio social presencial que tem com seus contatos.

11) *Passou a enxergar algum de seus amigos de forma diferente através de suas postagens no Facebook?*

Acho que sim, principalmente de pessoas que não conheço tão bem.

Conforme já mencionado no mesmo item da entrevista anterior, trata-se de contato com aspectos distintos da personalidade dos contatos com os quais se convivia antes da criação da rede, bem como de sua adesão. A resposta aqui obtida apenas evidencia níveis elementares de reconfiguração do sujeito, de acordo com fatores de sua personalidade associados à intensidade de acesso e envolvimento com o Facebook.

12) *Você costuma compartilhar conteúdos para amigos específicos?*

Nunca pensei nisso, acho que não.

Acredita-se que não. No decorrer da semana de observação, Cássia de fato não publicou nenhum conteúdo endereçado a algum contato específico. Ademais, seu perfil, ora em construção, confirma este tipo de comportamento com base em seus acessos assim como nos tipos de publicações que efetua.

13) *Você acredita de alguma maneira que a inserção da rede social no cotidiano das pessoas, e, portanto, no seu próprio cotidiano tenha modificado algo em sua vida?*

Acho que muda sim, antes das mídias sociais eu me lembro que tu fazia coisas sem todo mundo ter que ficar sabendo. Lembro que usava ICQ e o Chat do UOL e essas coisas, mas era mais reservado. Agora parece que todo mundo tem necessidade de postar o que está

fazendo. Eu faço também, mas tento me controlar um pouco. E tento não olhar muito o Facebook quando estou trabalhando. Olho mais no celular, quando saio, ou nos intervalos.

Individualista como se observou e ambiciosa com relação provavelmente a sua vida profissional, o que se conclui é que Cássia possui participação bastante limitada com relação à rede social e encara isso de maneira muito tranquila para si mesma. O mais interessante em seu caso é que meros resquícios de suas *personas* podem ser notados a partir de sua escassa participação. Deste modo, conclui-se que a entrevistada possui um baixo índice de representação em rede, demonstrando-se assim, relativamente pouco reconfigurada pela mesma. Se, por um lado, aspectos pouco comuns para alguém de sua geração, por outro lado, evidenciou-se um sujeito de personalidade voltada para o *si mesmo*, resultando uma pessoa de fato muito tranquila e com ambições distantes do ambiente de rede.

5.2 A Reconfiguração do Sujeito como Indivíduo

Para fins de objeto dessa pesquisa, considera-se que o sujeito é, ao mesmo tempo, usuário, aprendiz, leitor e compartilhador ou produtor de conteúdo. Usuário dos dispositivos que ora se utilize; aprendiz de conteúdos formatados para a web, sem o intermédio de um professor, em princípio; e leitor de uma interface que está diante de si mesmo, interface esta que apresenta conteúdos compartilhados por pessoas por quem possui afinidades, ou empresas que fornecem conteúdos de seu interesse. Como produtor ou compartilhador, o sujeito está se expondo, devolvendo à rede conteúdos de seu interesse ou relativos a sua experiência pessoal, que pode ser de cunho íntimo ou não.

A relação que se estabelece com interfaces funcionais geram sentimentos positivos de sucesso, competência e clareza nos sujeitos que o utilizam, podendo-se, a partir daí, fazer uma previsão do que ocorrerá como resultado de cada ação executada. Quando a interface é bem projetada, a dificuldade na sua operação pode reduzir-se consideravelmente, permitindo que o sujeito possa despender certo coeficiente de atenção para outra atividade no próprio dispositivo que utiliza ou fora dele. Dessa maneira, o sujeito vai desenvolvendo uma relação cada vez mais íntima com a interface que tem diante de si, assim como com o aparato tecnológico que manipula.

Os sujeitos, portanto, estabelecem uma relação íntima com aparatos tecnológicos que tornam possível seu acesso às redes das quais fazem parte. Tal como afirma Turkle (2005) as

peças se sentem mais próximas de seus contatos apenas por possuírem um aparelho de celular com internet, e seus contatos cadastrados. E isto é um fator de reconfiguração, na medida em que as próprias ansiedades e frustrações pessoais podem ser projetadas e de certa forma aliviadas na medida em que promovem tais interações. Assim como é retratado no caso de Alice, em que tem como costume realizar postagens pessoais como válvula de escape para suas ansiedades. Como afirma McLuhan (2005), o celular conectado, ou mesmo um notebook ou computador desktop, tornam-se extensões dos sujeitos na medida em que auxiliam a complementar suas vidas sociais e aliviar suas tensões.

Dessa forma, o sujeito reconfigurado interage com os aparatos tecnológicos aprendendo como funcionam na medida em que o vão utilizando. Em muitos casos os próprios aparelhos ou as funcionalidades dos aplicativos correspondentes vão sendo atualizados e repensados para comportar melhor determinados hábitos de uso. Este é o sujeito usuário e aprendiz, que é reconfigurado e em larga escala modifica os hábitos culturais. No caso de Adolfo, sua capacidade de interagir com novas tecnologias é limitada, ainda assim, tem vontade e busca maneiras viáveis para estar presente *online*.

O sujeito leitor recebe conteúdos de seus contatos, seja através da *Timeline* do Facebook ou outros ambientes semelhantes, ou mesmo através de mensagens pessoais. As mensagens pessoais trazem um cunho mais íntimo, o que pode dar ainda mais vazão a determinados sentimentos de frustração ou ansiedade para os quais se busque alívio. O sujeito compartilhador ou produtor de conteúdo também pode se fazer ouvir através de mensagens individuais, melhor direcionada e que buscam necessariamente uma resposta. Já postagens públicas de cunho pessoal trazem outro tipo de satisfação pessoal, já que buscam a atenção de um número maior de pessoas. Caio é um sujeito que tem bem presente para si as diferentes possibilidades de cada tipo de interação e as realiza buscando objetivos específicos. Já outros participantes como Bela, Alice e Bruno interagem de forma mais inconsciente, buscando apenas respostas para determinados sentimentos.

As narrativas criadas por estes sujeitos são, portanto, de características diversas, passando de privadas a públicas e de forma premeditada ou errante, na medida em que se tem vontade de se tornar presente.

Com relação à consciência que cada sujeito possui de suas postagens diz respeito à capacidade de percepção e reconhecimento tanto de si mesmo, quanto do mundo exterior, o

que indicará um limite tênue com o papel daquele que o usa, ou seja, o sujeito. Esse, assim como percebe e reconhece sua existência, sua condição, seu próprio eu de maneira consciente, passa também a reconhecer o que está ao seu redor, que não faz parte de sua individualidade, mas que constitui o contexto em que vive ou com que convive. A título de exemplo, aponta-se aqui a própria interface, espelho do sujeito, local onde este se vê e projeta seu interior, com o qual se familiariza e incorpora como elemento do seu ser.

Já a inconsciência dirá respeito a tudo aquilo integrante do contexto em que vive o sujeito, tratando-se, porém, daquilo que não é percebido, tampouco reconhecido por ele. Mais precisamente, fala-se do vasto mundo inconsciente (individual e coletivo) que ultrapassa todo e qualquer nível de consciência do sujeito, mas que pode passar a ser consciente a qualquer momento, mediante inúmeros e incontáveis processos psíquicos. A exemplo disso se aponta a relação que possui o sujeito com o conteúdo que a interface apresenta e que é (ou pode ser) imperceptível ao próprio sujeito.

Essa relação ocasiona uma série de tensões que, por sua vez, levam à busca de novas resoluções que marcam a cultura do sujeito como um todo. Nesse sentido, quando Turkle (2005) afirma que os computadores modificam a sociedade porque se erguem como um novo espelho que reflete a mente como uma máquina, por outro lado se pode perceber o surgimento de outro elemento psíquico de nossa personalidade, a *persona*, que, com base na teoria de Jung (2011) dirá respeito ao comportamento específico do sujeito em rede.

Logo, até que ponto a interface dos dispositivos acessados pelo sujeito servirá de proteção para aspectos de sua personalidade que serão internalizados ou externalizados? E como ocorrerá esse processo?

Aponta-se, primeiramente, que uma vez que o sujeito entre em simples contato com a interface, esta lhe servirá como filtro de suas atitudes em rede após rápido processo de identificação e familiarização com a mesma. Quando identificado com a interface e seu conteúdo, o sujeito altera-se quanto a seu contexto cultural tecnológico e a sua formação como indivíduo em sociedade. Se, por um lado, esta alteração por si só já comprova a reconfiguração, por outro, dá início a um evento psíquico em que o próprio sujeito selecionará, através de processo (in) consciente todos os pontos da interface com os quais se identifica, resultado na facilidade/dificuldade de interação com o aparato tecnológico.

Uma vez confrontado com a interface e conectado em rede, o sujeito incorrerá em uma série de possíveis comportamentos, todos estes resultados de infinitas combinações psíquicas fruto da interação com o conteúdo disponível em rede. Já no que tange a sua interação com outros sujeitos de sua rede de contatos, o que se observa é um movimento contínuo que envolve a identidade do sujeito e sua atuação, sabendo-se que tal processo se encontra intimamente ligado com as práticas que ele executa em seu meio e com a influência do próprio meio no sujeito: fala-se da recursividade. Dessa maneira, compreende-se que até mesmo as alterações de foto de perfil e capa, executadas pelo sujeito, necessariamente implicarão sua interação com o meio de rede.

O que se observa como resultado da interação com a rede, é que toda a esfera psíquica do sujeito é efetivamente reconfigurada a partir dessa nova relação estabelecida pelo contato com a rede. Assim, o que se nota a partir da observação de cada caso, são as mudanças significativas quanto ao comportamento do sujeito não só no ambiente de rede, como também em outras esferas de sua vida como a social de âmbito presencial, a laboral, a íntima e assim por diante.

Para cada uma dessas esferas já existe uma *persona* propriamente dita. O sujeito tem determinado comportamento (consciente ou inconsciente) no ambiente de trabalho ou em qualquer outro ambiente social em que assumirá sempre diferente faceta daquela exteriorizada em outro contexto. Esse comportamento é distinto daquele que possui o sujeito quando diante do ambiente familiar, diferente ainda da maneira como se comporta na esfera mais íntima de sua vida privada. Uma vez que a todas essas *personas*, no que tange a seus aspectos e características essenciais, foi adicionado apenas um ponto contextual no sentido "sujeito conectado à rede", o que se tem como resultado é a criação de mais tantas outras *personas* quantas forem proporcionais a seu comportamento presencial. Dessa maneira, teremos a *persona* do sujeito social, ou laboral, ou íntimo no ambiente de rede.

Do ponto de vista prático, a inserção da rede na realidade do sujeito, ou vice-versa, implicará sempre um resultado advindo de um "filtro" ó o chamemos assim ó de proteção que será nada menos que a interface. Esta possibilitará ao sujeito avançar até os limites não presenciais da rede, momento em que só encontrará como verdadeira fronteira de seu comportamento, o perímetro entre aquilo que se limita à tela de seu dispositivo e a vida presencial. Assim, o sujeito determinará ou poderá determinar o ponto máximo de interação com a rede, bem como com seus contatos de rede.

Por vezes, a diferença entre os comportamentos presenciais e os comportamentos em rede, poderá ser imperceptível aos olhos de um leigo, mas não aos olhos de um pesquisador. O sujeito em rede é um sujeito que se sente liberto de imposições sociais presenciais no que se refere ao comportamento humano, à ética e à moral. Suas atitudes, de certa maneira, podem ser perfeitamente comparáveis ao comportamento das pessoas em grupo que nada mais resulta que a soma dos comportamentos de todos os indivíduos formadores do grupo propriamente dito. Ou seja, o que se pode observar é um conjunto de variáveis que podem ser de cunho individual envolvendo: características inatas, as experiências adquiridas ao longo da vida; bem como, podendo ser de cunho ambiental abrangendo todos os possíveis eventos extrínsecos ao indivíduo, tais como grupo social e cultura.

Assim, o sujeito, apropriando-se das mais diversas possibilidades de comunicação via dispositivos tecnológicos, cria novos hábitos e novas práticas sociais. Neste ponto, a ocorrência de processos de reconfiguração das relações estabelecidas entre o sujeito e seus contatos, na medida em que a interação com os dispositivos conectados em rede penetra com mais profundidade nas redes sociais, assim como na vida presencial, é evidente, tornando-se marca na reconfiguração da personalidade de um sujeito, de uma geração, da humanidade.

5.3 A Reconfiguração do Sujeito como uma Narrativa Social

Considera-se, a partir das perspectivas apresentadas, a recursividade entre as relações que o sujeito estabelece com seu compartilhamento *online*, seja de forma consciente ou inconsciente, e as influências que esta relação exerce no próprio sujeito, o ponto chave na hipótese de reconfiguração deste. O sujeito é alterado por sua própria participação, sofrendo influências tanto de conteúdos, como de mudança de hábitos e práticas do cotidiano. Da mesma forma, uma vez que o compartilhamento em redes sociais se trata de um fenômeno que ocorre em larga escala, o próprio contexto sociocultural é reconfigurado, pela mudança de hábitos cotidianos dos sujeitos.

Pode-se traçar um comparativo com a teoria que Certeau (1996) apresenta sobre as práticas cotidianas que os indivíduos exercem em um centro urbano. Para o autor, os sujeitos preenchem o espaço e o tempo das cidades com suas atividades realizadas no dia-a-dia. Ele propõe, que se este quadro social pudesse ser visualizado de cima, e fosse possível ser avistado como um todo, formaria uma textura social, em que cada prática é gravada em um

determinado local e em um determinado tempo. Considerando o Facebook, e mais especificamente sua *timeline*, esta também pode ser interpretada como uma textura social que reúne diferentes práticas de uso dos sujeitos que ali estão. São pequenos espaços representados em pixels, seja em uma tela de computador, *tablet*, ou *smartphone*, que representam práticas cotidianas realizadas e compartilhadas por seus autores.

Ao serem compartilhadas, estas práticas se transformam em histórias, assim, cada espaço formado de pixels é um pequeno fragmento de uma narrativa individual de um sujeito. Essa perspectiva se enquadra na teoria de Sibillia (2008), que aponta que com o compartilhamento na web, toda história torna-se interessante para ser contada. Porém no Facebook, estas histórias podem ser contadas de diferentes formas. Muitas vezes com um simples *check-in* em alguma localidade, que mesmo ocupando pouco espaço pode trazer uma carga de significação ampla, dependendo do contexto, e mais importante, dependendo da pessoa que visualiza a informação. Pois uma mesma informação pode ter significados diferentes para cada pessoa. Uma foto, tirada pela própria pessoa, ou simplesmente compartilhada (sendo já existente na *web*) também faz parte da narrativa. Textos, de cunho sentimental ou simplesmente opinativo, links compartilhados, de notícias, músicas ou outros conteúdos que representem afinidades do próprio sujeito que conta a história. Assim, a *timeline* de cada sujeito traz uma narrativa construída com diferentes aspectos do seu *eu*.

Estas histórias podem ser construídas de maneira consciente ou inconsciente. O sujeito muitas vezes pode estar ciente da imagem que deseja criar com aquilo que está postando, e inclusive almejando que seja visualizado por um determinado grupo de pessoas. Assim como em outras situações pode postar ou compartilhar de maneira errante, sem parar para pensar no que está fazendo, apenas reproduzindo um sentimento ou uma opinião. Mas de uma maneira ou de outra, este conjunto de informações que um sujeito apresenta sobre si próprio é sempre uma narrativa. Pois trata-se de uma construção que ele forma sobre si mesmo. Uma representação constituída através de uma trajetória, seja ela precisa, errante ou mesmo alternada, combinando momentos de lucidez, e momentos de impulsividade.

Assim, sabe-se que combinadas na *timeline* de cada sujeito, os pequenos fragmentos apresentam uma narrativa constituída de si. Já o espaço intitulado Feed de notícias, em que cada usuário pode visualizar as últimas atualizações de seus contatos, traz uma combinação de pequenas histórias de todos os contatos aos quais segue, que combinadas entre si, uma vez visualizadas como um todo formam uma textura ou narrativa social. São pequenos fragmentos

de histórias de pessoas diversas, que combinadas constituem em um conjunto afinidades. O sujeito que as visualiza as tem como uma narrativa social que inclui uma série de seus interesses. Neste momento o indivíduo se torna leitor das histórias contadas por seus amigos ou referências que mais lhe interessa. Cada indivíduo terá sua própria narrativa disponível para leitura, uma vez que o *feed de notícias* de um usuário nunca será completamente idêntico ao de outro.

6. Conclusão

Nessa pesquisa, buscou-se analisar as principais mudanças na organização social do final do século XX e início do século XXI, especialmente no que diz respeito aos comportamentos e papéis sociais que entrelaçados resultam na maneira como um povo se relaciona com sua própria cultura em um dado período e espaço. O foco aqui tratado foi as rupturas ocasionadas a partir da segunda metade do século XX, que resultaram em uma sociedade pós-moderna, em que a formação de papéis na sociedade não se baseia em conceitos rígidos e pré-estabelecidos, mas sim na escolha de afinidades pessoais e descobertas que cada indivíduo realiza com relação à sua própria identidade. Nessa discussão, considerou-se pertinente a relativização da importância que os avanços tecnológicos, como o surgimento da microinformática, o crescimento da rede mundial de computadores, e a própria penetração desses fenômenos na sociedade possui no surgimento de uma nova cultura. Nessa, os sujeitos herdeiros das contraculturas, constroem suas personalidades com base em suas principais referências e gostos, e desvendam novas maneiras de expressarem-se, inovando nas formas de comunicação e compartilhamento de informações.

Assim, buscou-se autores que explicam o período de transição de moderno para o contemporâneo. Como Lyotard (1986), Harvey (1006), com as quedas dos metarrelatos. Giddens (2002), revelando uma sociedade individualista com a queda de influências externas. Hall (2000) e os cinco fatores de descentramento do sujeito e sua formação de identidade. E finalmente Maffesoli (2005a; 2005b) que defende que os indivíduos formam identidades e não mais identidades fechadas e homogêneas.

A análise de Certeau (1998) costura os hábitos cotidianos na formação de um tecido social cultural que define o próprio espaço e tempo em que as pessoas convivem. O autor compara a própria busca pela compreensão do *ôtodoö* em uma pesquisa científica, com a textura formada pelas práticas dentro de uma cidade, como se pudessem ser captadas por inteiro quando vistas de cima. Através de sua teoria foi possível compreender a cultura como um fenômeno construído a cada dia por aqueles que a fazem. De forma que é possível concluir que a própria conquista da sociedade digital foi construída no cotidiano. Passo-a-passo, ruptura por ruptura, até culminar na realidade de compartilhamento e auto expressão disponíveis na atualidade.

Uma das principais rupturas, é a apresentada por Maffesoli (2005a), em que a ideia que ele conceitua como *õpaixão comumõ*, capaz de unir um povo e tornar legítimo sua relação com seus governantes, entra em crise. Trata-se de uma nova forma de interpretar os metarrelatos apresentados por Harvey (1996) e Lyotard (1986), mas Maffesoli (2005a) busca uma abordagem política, que explica a própria organização de um povo como nação. Mesmo assim, trata-se de uma verdade soberana que une as pessoas por acreditarem na mesma, como o código de conduta de uma religião, que legitimava sociedades no período medieval, ou as leis e de um país que forma o contrato social inaugurado com o estado moderno. De qualquer forma são ideias que entram em crise com a pós-modernidade, deixando as pessoas sem grandes códigos morais para seguir, fazendo com que busquem por si próprias de forma segmentada. Nesse contexto, Goffman e Joy (2007) apontam para a formação e fortalecimento das contraculturas a partir da década de 1960 nos Estados Unidos, resultado de uma série de questionamentos com relação à visão de mundo e sociedade que se tinha como vigente até então.

Por um lado, tentou-se captar a sociedade como um todo assim como as formas de enquadrar os sujeitos dentro de suas culturas no tempo e espaço que viveram. Por outro lado, também procurou-se compreender como ocorre o esforço do sujeito de se adaptar à sociedade em que interage e ao contexto cultural do qual faz parte. Neste sentido, Deleuze (2001) coloca que um indivíduo se define através de sua relação com o outro, já que consiste naquilo que é si próprio, e não o próximo. E a forma como aprende a conviver em sociedade é através do uso de sua subjetividade, absorvendo conceitos que lhes são apresentados e adaptando-os a sua própria compreensão. O autor vai além apontando que um dado no mundo não existe em si, pois existe apenas quando é interpretado e compreendido por uma pessoa. E mesmo assim, essas não são capazes de captar o todo de um dado, captando sempre apenas um fragmento.

Ainda sobre a adaptação do indivíduo em sociedade, Goffman (2007) fala dos papéis representados pelos indivíduos em diferentes situações sociais. O sujeito de Goffman procura adaptar-se da melhor forma, analisando a realidade em que se encontra e agindo da forma esperada. Nesse processo os sujeitos representam papéis que articulam-se em diferentes cenários. A perspectiva de Goffman (2007) pode ser comparada à de Jung (2011) que fala da formação de personas que um sujeito elabora para enquadrar-se no mundo. Jung (2011)

compara a noção de persona com a de uma máscara, que o indivíduo utiliza para enfrentar as situações em que se encontra.

Dessa forma, a inclusão do indivíduo na sociedade exige que este encaixe-se em certo formato, que constitui em um conjunto de atitudes, sentimentos e pensamentos. Este processo auxilia o sujeito na própria inserção no ambiente social. Ao mesmo tempo, em uma perspectiva macro, o todo engloba o conjunto de sujeitos que forma a sociedade. O conjunto de ações cotidianas formam o contexto sociocultural, que constitui em um processo recursivo. Se de uma forma o sujeito é movimentado e direcionado pelo seu contexto social, este e suas ações, especialmente considerando o conjunto das ações reunidas de inúmeros grupos, reconfiguram o contexto social e o curso da história. Formando novas realidades, já que o todo não é a soma de suas partes, conforme a perspectiva sistêmica. O todo extravasa uma simples soma, formando um organismo vivo que não se contém em si e atinge novas perspectivas.

Assim, constatando que o sujeito forma sua identidade por conta de sua interação com a sociedade, dos papéis que desempenha, das formas como exerce sua auto expressão e inclusive das personas que possui, coube definir como os avanços tecnológicos recentes influenciaram esse processo. No capítulo 3, inseriu-se o sujeito contemporâneo, seja da geração X, Y ou mesmo Baby Boomers no contexto da cultura digital, buscando uma análise de como as inovações proporcionadas pelas novas formas de compartilhamento *online* contribuíram para a própria formação da sociedade.

Turkle (2005) aponta para o fato de que a sociedade ao entrar em contato com computadores pessoais passa a enxergá-los como espelhos em que sua própria imagem é refletida, a exemplo do mito de Narciso. Nesse sentido o computador se torna mais uma possibilidade para expressar as personalidades do sujeito. A interface torna-se uma, ou várias máscaras através das quais o sujeito desempenha diversos papéis, trançando a sua representação na web. O processo de representação do sujeito nos ambientes de compartilhamento social é contínuo, podendo ser utilizada uma metáfora de fluxo, em que atualizações aleatórias de conteúdo contribuem para a formação de um todo. Os hábitos de compartilhamento são cotidianos e quando combinados criam um contexto de cultura de participação digital em que o sujeito se insere. Considerando o processo recursivo, nesse contexto criado o próprio sujeito se altera, sendo reconfigurado.

Com Tapscott (2008), apresenta-se uma descrição da geração Y, geração esta que inaugura os principais hábitos de compartilhamento nas redes sociais. O autor aponta que esta geração é composta por indivíduos que demandam por opções de customização e participação em tudo que consomem ou participam. Além disso, buscam liberdade em todas as instâncias de suas vidas. Essa geração é sem dúvida a principal desbravadora dos produtos digitais e suas possibilidades de compartilhamento e criação de contatos em rede. Porém, sabe-se que integrantes de gerações anteriores à Y também utilizam amplamente as redes sociais, como apresentado na pesquisa, e também passam pelo processo de reconfiguração. Sibillia (2008), fala da hipertrofia do eu, em que todos os sujeitos desejam visibilidade para sua história pessoal, criando um contexto em que todas as histórias são dignas de serem contadas ou publicadas.

Ao tentar explicar o comportamento social frente ao uso das mídias sociais, Turkle (2011) fala da capacidade que os sujeitos criam de coexistir em duas realidades diferentes, a em que se encontram fisicamente, e aquela a que tem acesso através dos dispositivos. Para a autora os sujeitos não deixam de ter consciência do espaço físico em que estão por estarem acessando a internet, eles criam uma realidade combinada que constitui nas duas situações. Recuero (2012) traz a teoria de que os sujeitos criam artifícios para apresentarem-se a seus contatos, constituindo espaços pessoais.

A presente pesquisa enquadra-se na perspectiva epistemológica do pensamento complexo e da teoria de sistemas. Morin (2007) aponta que o pensamento complexo procura lidar com o real ao invés de dominá-lo totalmente como o pensamento simples. Mesmo assim o pensamento complexo não elimina o simples, e sim tenta incorporá-lo mas relativizá-lo a ponto de inseri-lo na complexidade. Para o autor um sistema é uma unidade complexa definida por um todo que vai além da soma de suas partes. Neste trabalho, buscou-se analisar a reconfiguração do sujeito através de seu compartilhamento *online*, considerando-o um processo recursivo.

Para andamento da pesquisa procurou-se mapear os as características e os processos de representação que ocorrem no Facebook. Com base nas possibilidades de compartilhamento, observou-se que a representação pode ocorrer de forma estática ou dinâmica, sendo esta última a mais comum da atualidade. Tratando-se de uma criação de representação através da própria participação do sujeito na plataforma com atividades de seu cotidiano. Quanto aos processos, identificou-se quatro deles, com base nas escolhas efetuadas

pelos sujeitos para comunicarem sua representação. São eles: os Pensamentos (sentimentos) compartilhados: o sujeito íntimo na rede; as Atividades Compartilhadas: o sujeito prático na rede; os Locais Compartilhados: o sujeito móvel na rede; os Sujeitos Compartilhados: o sujeito indiretamente na rede.

Levando em conta a pesquisa empírica proposta, escolheu-se seis participantes do Facebook para realizar uma observação em suas *Timelines* ao longo de uma semana para identificar através de quais processos efetuavam suas representações. Assim, após feita a observação, propôs-se aos participantes a participação em uma entrevista para coletar as suas próprias opiniões com base na sua representação. A partir da análise das perguntas e respostas fornecidas pelos sujeitos, bem como a observação de suas postagens em suas *Timelines*, definiu-se que a reconfiguração do sujeito ocorre, considerando a percepção que este possui de sua relação com o aparato tecnológico. Da percepção que possuem de que suas ações no Facebook o definem para uma série de contatos. E para alguns, até mesmo da manipulação deste processo através de ações que visam a criação de uma representação específica.

Independente da geração em que o indivíduo está, mesmo que não tenha total consciência do processo do qual está participando, os sujeitos percebem que suas atividades no Facebook ampliam suas relações sociais. E percebem a diferenciação deste quadro para o quadro presencial, e inclusive se dão conta de que considera-se uma extensão das suas participações sociais presenciais. Com gerações mais novas, principalmente a geração Y (TAPSCOTT, 2008), a reconfiguração é ainda mais significativa, na medida em que definem sua relação com a sociedade através de sua relação com os aparatos tecnológicos. Tapscott (2008) aponta que a própria formação do cérebro é alterada na medida em que uma criança interage com uma determinada tecnologia. A imersão digital representa uma série de desafios a essas pessoas, como lidar com uma grande quantidade de informações provenientes do mundo físico e digital, e conseguir equilibrá-las. Eles processam informações e se comportam de forma diferente por causa dessa mudança na conexão e seu cérebro. São mais rápidos para processar imagens em movimento rápido.

Além disso, a própria recursividade entre as relações que o sujeito estabelece com seu compartilhamento *online*, de maneira consciente ou inconsciente, e as influências que esta relação exerce no próprio sujeito, é considerado o ponto chave na hipótese de reconfiguração do mesmo. O sujeito é alterado por sua própria participação, sofrendo influências tanto de conteúdos, como de mudança de hábitos e práticas do cotidiano. Da mesma forma, uma vez

que o compartilhamento em redes sociais se trata de um fenômeno que ocorre em larga escala, o próprio contexto sócio- cultural é reconfigurado, pela mudança de hábitos cotidianos dos sujeitos.

Referências

- ANDERSON, Chris. *A Cauda Longa. A nova dinâmica de marketing e vendas: como lucrar com a fragmentação dos mercados*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- ARRIETA, T. Uma Filosofia do Celular ou os Avatares que Este Meio de Comunicação Está Introduzindo em Nossas Vidas. In: *Comunicação, mídia e consumo*. V. 05. N. 12. P. 155 ó 161. São Paulo, 2008.
- BARABÁSI, Albert-László. *Linked: how everything is connected to everything else and what it means for business, science, and everyday life*. Nova Iorque: Plume, 2003.
- BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. *Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship*. IN: *Journal of Computer-Mediated Communication*. V. 13 n. 1 , 2007. p. 210ó 230. Disponível em: <<http://www.blackwell-synergy.com/doi/pdf/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>> Acesso em: 29 Mai. 2008.
- CASTELLS, M. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.
- CASTELLS, M. *Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999b.
- CASTELLS, M. *A Galáxia Internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Editora da Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- DELEUZE, *Empirismo e Subjetividade*. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.
- FELINTO, E. *Passeando pelo Labirinto: ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.
- FRAGOSO, S. RECUERO, R. AMARAL, A. *Métodos de Pesquisa para Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- GOFFMAN, E. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.
- GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. *Counterculture through the ages: from Abraham to acid house*. New York: Vilard, 2007.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HARVEY, D. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- JOHNSON, Steven. *Cultura da Interface: como o computador transforma a nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- JUNG, C. G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Editora Vozes: Petrópolis, 2011.
- LEMOS, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- KEEN, Andrew. Digital Vertigo: how today`s *online* social revolution is dividing, diminishing, and disorienting us. New York: St. Martins`s Press, 2012.
- LYOTARD, J. O pós-moderno. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MAFFESOLI, Michel. A Transfiguração do Político. Porto Alegre: Sulina, 2005a.
- MAFFESOLI, Michel. O Mistério da Conjunção. Porto Alegre: Sulina, 2005b.
- MATURANA, H. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- MCLUHAN, M. Os Meios de Comunicação Como Extensão do Homem. São Paulo: Cultrix, 2005.
- MORIN, Edgard. O Método 3: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- MORIN, Edgard. Introdução ao Pensamento Complexo. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- PRIMO, A. Interação Mediada por Computador. Porto Alegre, Sulina, 2007.
- RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RECUERO, Raquel. A Conversação em Rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- SANTAELLA, Lucia. Culturas e Artes do Pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTAELLA, Lucia. Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.
- SCARNHORST, A. Complex Network and the *Web*: insights from *nonlinear* physics. Journal of Computer Mediated Communication, vol 8, n. 4, 2003. Disponível em <<http://www.freerepublic.com/focus/f-news/840997/posts>>. Acesso em 03 de Janeiro de 2013.
- SIBILLIA, Paula. O Show do Eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- TAPSCOTT, Don. Grown Up Digital: how the net generation is changing your world. New York: McGraw-Hill, 2008.
- TURKLE, Sherry. The Second Self: computers and the human spirit. Cambridge: MIT Press, 2005.
- TURKLE, Sherry. Alone Together: why we expect more from technology and less from each other. Cambridge: MIT Press, 2011.